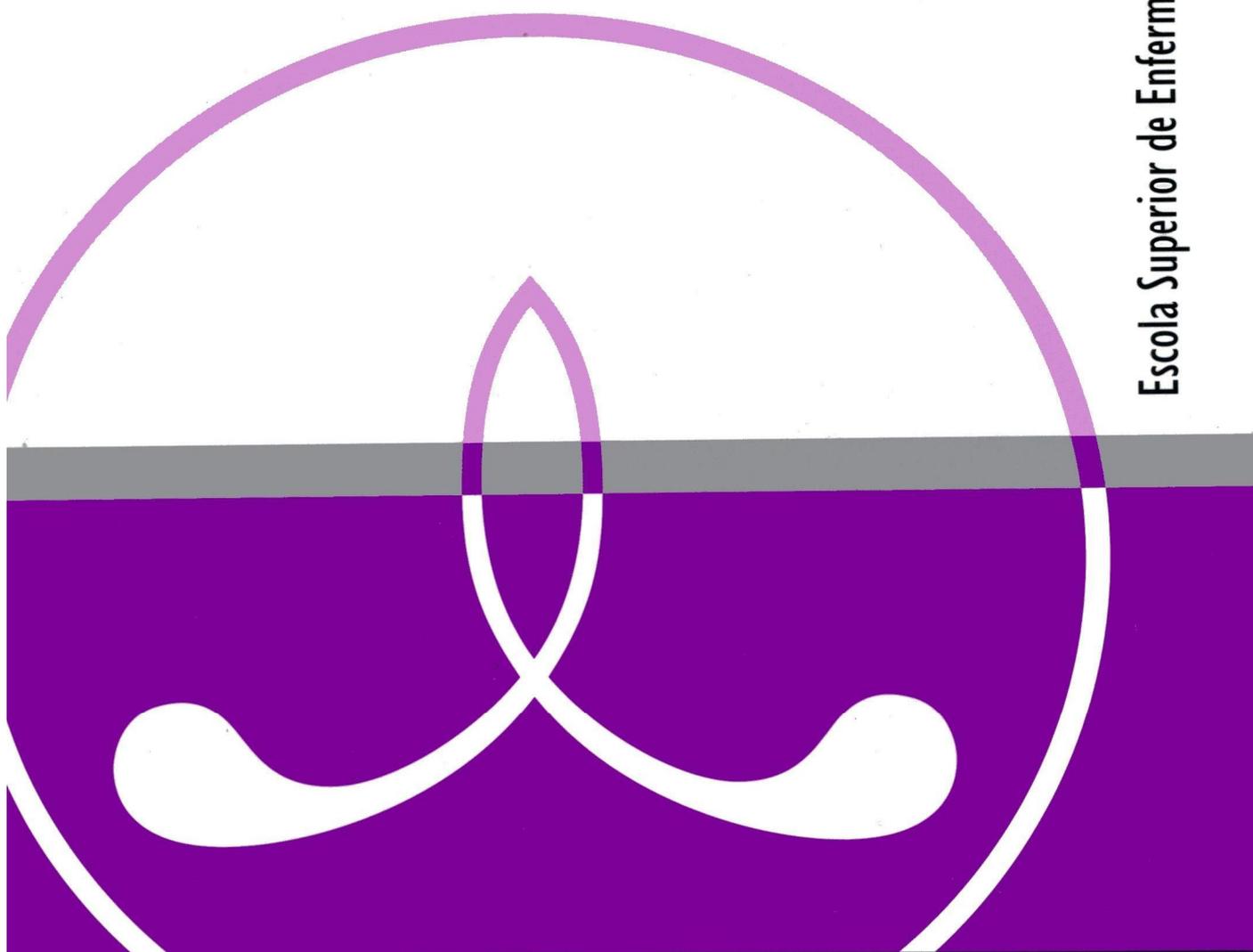

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 2012

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra



ESCOLA SUPERIOR DE ENFERMAGEM DE COIMBRA

RELATÓRIO DE ACTIVIDADES de 2012



Coimbra, Março de 2013

Aprovado pelo Conselho Geral, por unanimidade, em 05 de julho de 2013

INTRODUÇÃO	6
APRECIÇÃO GLOBAL DO TRABALHO DESENVOLVIDO NA ESEnfC AO LONGO DE 2012	10
Eixo – Formação	13
Eixo – Investigação Desenvolvimento e Inovação	23
Eixo – Prestação de Serviços à Comunidade	27
Eixo – Internacionalização e Cooperação	32
Eixo – Comunidade Educativa	36
Estudantes	36
Docentes e não docentes.....	41
Eixo – Direção, Gestão e Desenvolvimento	43
ANEXOS	
Anexo I – Demonstração do nível de realização das metas previstas para 2012	51
Anexo II – Outros indicadores relevantes	76
Anexo III - Dados de opinião de estudantes e docentes obtidos no âmbito de avaliação desenvolvida pelo Conselho da Qualidade e Avaliação	83
Anexo IV -Avaliação do cumprimento das Metas do Plano Estratégico, para 2012	92
Anexo V – Dados financeiros	107
Anexo VI – Introdução e síntese avaliativa global do Relatório “Um Avaliação dos Processos de Aprendizagem, Ensino e Avaliação”	110

INTRODUÇÃO

O Relatório de Atividades de 2012, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) que submetemos a aprovação do Conselho Geral seguiu, como habitualmente, as orientações contidas nos estatutos da Escola e na Lei 62/2007 de 10 de Setembro.

O Plano Estratégico 2009-2013: Desenhar o Futuro com Todos, bem como, o enquadramento e orientação estratégica contida no Plano de Atividades para o ano 2012, aprovado pelo Conselho Geral por unanimidade, a 1 de fevereiro, sustentaram a tomada de decisão e desenvolvimento da atividade da Escola em 2012.

O Relatório de Atividades que agora apresentamos traduz, como habitualmente, o trabalho desenvolvido ao longo do ano, procura dar visibilidade às medidas implementadas, focando-se na análise do trabalho desenvolvido e dos resultados atingidos, tendo em conta as prioridades definidas em cada Eixo do Plano de Atividades. Os dados e a reflexão sobre os mesmos sustentam-se nos relatórios dos diferentes Órgãos, Unidades Científico-Pedagógicas, Estruturas de Apoio e Serviços e Unidades Diferenciadas, no relatório dos Workshops em que se realizou o balanço da implementação do Plano Estratégico em vigor, nos relatórios de avaliação elaborados pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação e pela equipa de investigação convidada a realizar a avaliação externa dos processos de ensino, aprendizagem e avaliação em uso, a que juntámos a nossa própria reflexão.

O trabalho desenvolvido, ao longo do ano em análise, procurou garantir que a Escola percorresse uma trajetória de desenvolvimento sustentado, assente no exercício de uma autonomia responsável, criativa e transformadora, no conhecimento, na capacidade de inovação e mudança, na qualidade das pessoas que nela trabalham, e na qualidade das condições para o desenvolvimento global dos estudantes e colaboradores, aspetos que continuam a fortalecer-se na nossa instituição.

A coordenação e liderança desenvolvidas pelos Presidentes dos Conselhos Técnico-Científico, Conselho Pedagógico, Presidente do Conselho para a Qualidade e Avaliação, Coordenador da Unidade de Investigação, Coordenadores/as das Unidades Científico-

Pedagógicas, Coordenador do Gabinete de Empreendedorismo, Coordenador do Serviço de Apoio aos Novos Graduados, Coordenadores de Serviços, Grupos de Trabalho e de Projetos, bem como o elevado empenho de toda a comunidade educativa, foi determinante para a qualidade/quantidade de processos e resultados conseguidos, merecem, por isso, o nosso reconhecimento e louvor. De facto observou-se ao longo de 2012 um cada vez melhor e mais sistemático esforço de coordenação entre os diferentes níveis de coordenação estratégica da Escola.

Com este Relatório de Atividades da Escola pretendemos prestar contas do trabalho desenvolvido durante o ano, mas temos também como finalidade dar visibilidade ao trabalho realizado por todos, constante dos diferentes relatórios produzidos pelas diferentes Unidades, Serviços, Sectores e Projetos. Este relatório configura também uma oportunidade de acompanhamento e avaliação do que todos fizemos e uma ferramenta de controlo e de regulação muito importante, que contribui para um melhor conhecimento de todos acerca da organização, da eficácia do que fazemos aos diferentes níveis e áreas de missão e, ainda para a reflexão com vista a garantir a melhoria contínua da qualidade da Escola. É por isso que, neste relatório, mais do que descrever com detalhe todas as atividades desenvolvidas, optámos por destacar os resultados que considerámos mais significativos por eixo definido para o desenvolvimento da Escola antecédidos e ou seguidos, quando pertinente, de comentários críticos que visam essencialmente gerar a discussão futura e a identificação de medidas de melhoria, de aprofundamento da compreensão dos dados ou reformulação dos indicadores atualmente usados para medir os resultados das atividades levadas a cabo. Em anexo, apresentam-se os dados relativos ao cumprimento das metas definidas no Plano de Atividades para o ano de 2012; o balanço do nível de cumprimento do Plano Estratégico, alguns dados do relatório produzido pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação e outros dados que se consideraram relevantes para a compreensão das apreciações efetuadas. Depois de relembrar a missão, valores e orientação estratégica que procurámos seguir, iniciamos o relatório, como é hábito, com uma apreciação global do trabalho desenvolvido, na ESEnfC, ao longo de 2012.

MISSÃO

O plano de atividades para 2012 tinha com finalidade última que toda a comunidade educativa, conhecedora da orientação estratégica para a qual devia concorrer o trabalho individual e coletivo, agisse de modo a que concretizemos, enquanto Escola, a missão e a visão definida para 2012:

“ A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, herdeira da mais antiga formação em enfermagem em Portugal, é uma instituição pública de referência nacional e internacional, reconhecida pela sua qualidade e capacidade de inovação, com intervenção no sistema de saúde e na comunidade.

É constituída por uma comunidade educativa comprometida com a formação humanista, científica, técnica e cultural, de profissionais socialmente reconhecidos; com a promoção de investigação acreditada, a difusão de conhecimentos e a prestação de serviços” (Plano Estratégico 2009-2013: desenhar o futuro com todos).

VALORES

O desafio para 2012 no domínio dos valores era, como não podia deixar de ser, que enquanto comunidade educativa, consolidássemos a capacidade de utilizar na construção da tomada de decisão e ação, de todos e cada um, o conjunto de valores discutido e consensualizados como valores institucionais: humanismo, cidadania, liberdade, excelência, cooperação e ética.

ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA

A orientação estratégica proposta para 2012 deu continuidade às propostas inseridas no Plano Estratégico da Escola 2009-2013, que organiza as diferentes atividades em torno dos seis eixos estratégicos, reconhecidos como fatores críticos para o desenvolvimento da ESEnC: Formação; Investigação, Desenvolvimento e Inovação; Prestação de Serviços; Internacionalização; Comunidade Educativa e Direção, Gestão, Desenvolvimento e Consolidação.

Todo o trabalho a desenvolver aos diferentes níveis e pelos diferentes atores, deveria concorrer para que caminhássemos para a concretização da visão definida para 2013.

Isto é, o conjunto das atividades desenvolvidas ao longo de 2012 tinha como finalidade tornar a ESEnfC numa referência de excelência:

- Na realização de formação, em parceria com instituições de saúde e de ensino superior nacionais e internacionais de referência, orientada para as novas necessidades sociodemográficas, as exigências do mercado global de trabalho e a formação ao longo da vida, sendo primeira na atração de estudantes;

- No desenvolvimento e afirmação da disciplina de Enfermagem;

- Na produção, difusão e transferência de conhecimentos e na formação de investigadores;

- Pela contribuição para o desenvolvimento de práticas de Enfermagem inovadoras baseadas no conhecimento produzido;

- Por promover a articulação sistemática entre a investigação, a formação e as práticas clínicas no domínio da enfermagem, que garantirá que a Escola seja reconhecida, por formar na e pela investigação;

- Por promover a inovação em enfermagem, que responda às necessidades resultantes das alterações sociais;

- Por prestar serviços à comunidade (que incluem a consultadoria, a formação e a investigação) que aplicam e/ou geram evidências científicas e promovem o empreendedorismo, em articulação e complementaridade com outras instituições;

- Por promover a mobilidade científica, técnica e cultural de docentes, não docentes e estudantes e o desenvolvimento de formação e investigação em rede com instituições congéneres;

- Por ser reconhecida e procurada a nível internacional pela qualificação do corpo docente, pela qualidade da sua formação graduada e pós-graduada e da investigação em enfermagem;

- Por promover uma cultura institucional que se caracteriza pela centralidade na pessoa, respeito pela sua criatividade, inovação, compromisso com o projeto da Escola, satisfação com o trabalho e estudo e pela articulação sistemática em todos os domínios da formação, inovação e investigação;

- Por os profissionais formados pela Escola serem reconhecidos socialmente, pela excelência da sua formação global;

- Por promover um alto nível de participação na tomada de decisões centrada na autorresponsabilidade, a organização sustentada dos processos e a visibilidade da ESEnfC na comunidade;

- Por ser uma referência no ensino superior a nível dos processos de gestão, desenvolvimento, consolidação e parcerias.

É tendo em conta a missão, valores e objetivos estratégicos definidos para 2012 que procuraremos fazer uma reflexão crítica sobre o trabalho desenvolvido e não apenas a enumeração dos resultados obtidos.

APRECIÇÃO GLOBAL DO TRABALHO DESENVOLVIDO NA ESEnfC, AO LONGO DE 2012

Ao fazer o balanço final global do trabalho desenvolvido ao longo de 2012, não podemos deixar de reafirmar que as Pessoas, que constituem a comunidade educativa que somos, são o aspeto mais forte da Escola. É nelas que reside a esperança, a força e a vontade que permite que em cada dia e todos os dias do ano, apesar das dificuldades do contexto sociopolítico e económico-financeiro, cheguemos cada vez mais perto da escola que sonhámos quando em conjunto desenhámos o futuro da ESEnfC.

Chegámos hoje a uma fase de consolidação e desenvolvimento, onde não acontecem mudanças rápidas nem abruptas, mas em que sabemos que caminhamos sistematicamente para a melhoria contínua dos processos e dos resultados.

Realçamos a seguir os aspetos mais positivos do desempenho em 2012:

- O índice de procura da Escola, pelos candidatos ao ensino superior, para a realização do curso de enfermagem;
- O número de diplomados com o curso de licenciatura e pós-licenciaturas;
- A taxa de sucesso escolar;
- A satisfação dos estudantes e dos diplomados com o curso;
- A apreciação muito positiva, feita pelos estudantes, do desempenho dos docentes;
- A melhoria significativa da satisfação dos estudantes com o ensino clínico;
- A melhoria global da satisfação dos estudantes com os serviços e sectores da Escola;
- A dinâmica de formação dos docentes, para se qualificarem com o grau académico de doutor (incluem-se os que aguardam provas);

- A evolução muito significativa do número de docentes a frequentar doutoramentos na área científica de enfermagem;
- A conclusão de Pós-Doutoramento, por mais uma docente da Escola e o início da realização de programas de Pós-Doutoramento por mais 4 docentes;
- O número de docentes que realizou provas públicas para especialista em Enfermagem, no ensino superior;
- A avaliação de mais um projeto de investigação inscrito na UICISA-E, como excelente, pela FCT com a atribuição do respetivo financiamento e a execução sustentada dos projetos financiados em desenvolvimento;
- O número de projetos de investigação em desenvolvimento, com a participação de colaboradores de investigação com ligação permanente à clínica;
- O número de bolsiros de investigação que desenvolveram trabalho, ao longo de 2012, na UICISA-E (BII, BI, BPD, BDS) e o número de estudantes associados a projetos de investigação;
- A produtividade científica dos docentes;
- O aumento da divulgação científica, particularmente do número de comunicações proferidas por docentes em eventos científicos internacionais;
- O aumento de artigos publicados em revistas referenciadas no *Institute for Scientific Information* (ISI);
- O início do trabalho regular como centro colaborador Joanna Briggs para realização de revisão sistemática na área da enfermagem,
- A dinâmica de organização de atividades de divulgação científica, na Escola;
- O aumento da capacidade da Unidade de Investigação para atrair investigadores estrangeiros em formação e projetos de investigação;
- A dinâmica de articulação de toda a investigação desenvolvida na Escola com as linhas de investigação e projetos da Unidade de Investigação;
- O aumento do número de artigos publicados na *Referência*;
- A dinâmica de desenvolvimento de projetos de intervenção na comunidade, com carácter voluntário, envolvendo docentes, estudantes e não docentes, e o número de estudantes neles envolvidos;
- A dinâmica de Internacionalização, particularmente ao nível da mobilidade *Erasmus*, de estudantes e docentes e da Cooperação com a Universidade de Cabo Verde, para o desenvolvimento da licenciatura em enfermagem;
- O início da mobilidade de estudantes para Macau e Brasil;
- A procura de Formação em Simulação Clínica, por docentes estrangeiros;
- A continuação do desenvolvimento das diferentes valências da plataforma informática Pasta Académica e do *software* de gestão académica;

- A avaliação sistemática da opinião, sobre a satisfação, dos estudantes, docentes, não docentes, diplomados e entidades empregadoras, com as unidades curriculares, os cursos, a Escola e os diplomados;
- A forma como a Comunidade Académica participou ativamente no Balanço da Implementação do Plano Estratégico e a dinâmica implementada, por muitos responsáveis de eixo e ações, para garantir o atingir das metas até ao final de 2013;
- O modo como os docentes participaram na análise dos resultados do estudo de Avaliação sobre os Processos de Aprendizagem, Ensino e Avaliação em uso, demonstrando que são uma comunidade *invulgar*, capaz de se expor à avaliação e utilizar os seus resultados para a melhoria contínua;
- A forma interessada, motivada e crítica com que os estudantes que participam nos órgãos contribuem para o seu mais eficiente funcionamento;
- O número de participantes de diferentes países e a forma empenhada, profissional, motivada e generosa com que a comunidade educativa participou na organização do III Congresso de Investigação em Enfermagem Ibero-Americano e de Países de Língua Oficial Portuguesa UICISA-E – ESEnFC;

Quanto às oportunidades de melhoria identificadas e que se consideram estratégicas, para caminharmos no sentido da visão definida para a Escola, pensamos que os aspetos a seguir enumerados devem merecer a nossa preocupação e atenção:

- A diminuição do número de estudantes a frequentar pela 1ª vez os cursos de Mestrado;
- O processo ensino-aprendizagem em ensino teórico e a articulação ensino teórico/ensino clínico. Problemáticas que estão já a merecer a reflexão de todos os docentes, que se propuseram (nas sínteses dos trabalhos dos grupos para propostas de recomendações de melhoria a partir da análise do estudo “Uma avaliação dos Processos de Aprendizagem, Ensino e Avaliação”, a reavaliar as conceções que suportam o currículo e repensá-lo de forma que as aprendizagens possam ser verdadeiramente integradas numa recursividade em que prática clínica e teoria se alimentam mutuamente devendo ambas ser aprendidas e mobilizadas nos diferentes contextos de aprendizagem (quer seja a sala de aulas, o laboratório ou o ensino clínico);
- Alguns modelos e estratégias de formação utilizados, particularmente nas aulas teóricas, que eventualmente ainda se centram essencialmente no papel do professor como transmissor de conhecimentos. É necessário trabalhar para garantir que os estudantes assumem mais responsabilidade na sua aprendizagem e que aprendem na produção e não no consumo do saber. Importa implementar cabalmente os princípios adotados nos

documentos curriculares que apontam para que a formação se centre no trabalho do estudante e no feedback sobre esse trabalho;

- É urgente dar continuidade ao trabalho já iniciado de formação pedagógica, com vista quer a formar os diferentes atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, quer no sentido de consensualizar, harmonizar e melhorar as práticas pedagógicas, quer para melhorar a articulação com as instituições de saúde com quem temos parcerias para a formação, quer no sentido de sensibilizar cada vez mais para a necessidade de produzir conhecimento sobre esta área específica da didática do ensino de enfermagem. Existe já uma proposta do Grupo de Planeamento da Formação contínua dos docentes, que contempla os aspetos prioritários para implementar em 2013;
- Importa concluir o estudo, já em desenvolvimento, que tem em vista permitir conhecer melhor as necessidades formativas dos ativos da saúde, particularmente enfermeiros, ao nível da formação pós-graduada, bem como as suas expectativas sobre a organização da formação para que possam conciliar trabalho – estudo e família e possa sustentar a diversificação da oferta formativa a este nível e também eventualmente pensar novos modelos organizativos;
- Acompanhamento dos diplomados. Importa no futuro próximo otimizar o modelo de acompanhamento dos diplomados pela Escola ajudando-os mais efetivamente na inserção no mercado de trabalho e criando-lhes uma expectativa realista sobre as possibilidades da escola como um recurso efetivo para os ajudar na gestão das suas carreiras.

EIXO – FORMAÇÃO

No eixo da formação a Escola definiu no plano estratégico 2009-2013 como objetivo estratégico: *“promover um contexto formativo, científico e culturalmente estimulante e dinamizar a proximidade com as instituições de saúde e ensino superior nacionais e internacionais”*, tinha então este objetivo, a finalidade de nos ajudar a caminhar no sentido de que no final de 2013 a Escola seja reconhecida por todos como *“uma referência nacional e internacional no desenvolvimento e afirmação da disciplina de enfermagem (...) orientada para as novas necessidades sociodemográficas, as exigências do mercado global de trabalho e a formação ao longo da vida, sendo primeira na atração de estudantes (...)”*. Ao longo dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico 2009-2013, com os docentes da ESEnfC entre 27/03 e 2/04 de 2012, foi consensual que se impõe refletir profundamente sobre este domínio fundamental da

vida da Escola, para o continuar a fortalecer e para nos prepararmos para as possíveis ameaças resultantes das alterações demográficas, políticas e financeiras.

Foi por toda a comunidade educativa reconhecido que é a formação que oferecemos que dá sentido à existência da Escola e a justifica. A formação (nas suas diferentes componentes – escolar e clínica – e nos diferentes ciclos) tem, por isso, que ser fio condutor daquilo que fazemos nas diferentes áreas de missão articulando-se estreitamente com elas e sendo por elas alimentada no que diz respeito particularmente ao conhecimento científico produzido e à inovação clínica. A qualidade quer dos processos formativos, quer dos resultados, para que seja cada vez mais reconhecida pelos estudantes e diplomados e na avaliação que as entidades empregadoras fazem dos diplomados, formados na ESEnfC, passa obrigatoriamente por adotarmos, cada vez mais intensa e generalizadamente, modelos de formação e avaliação centrados no trabalho do estudante em que as aprendizagens ocorram essencialmente na produção e não no consumo de saberes e em que os currículos se pensem de forma harmoniosa e articulada com o que se faz na Escola ao nível dos outros domínios da missão, para permitir que os estudantes tenham oportunidade de viver de facto um ambiente educativo científico e culturalmente estimulante e promotor da sua formação global como preconizado no plano estratégico. É, por isso, também, consensual que os cursos de enfermagem que oferecemos, quer sejam de 1º ou 2º Ciclo devem ser permanentemente (re)pensados de forma a responder às questões acima colocadas mas, também de forma a que se tornem mais flexíveis, para poderem permitir que os formandos que os frequentam possam seguir percursos diferentes, geridos por eles próprios e incluírem disposições que garantam a validação e reconhecimento de todas as formas anteriores de aprendizagem. Isto é particularmente importante no contexto dos segundos ciclos profissionais (Relatório com as principais conclusões dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico 2009-2013, com os docentes da ESEnfC entre 27/03 e 2/04 de 2012).

É também claro que nesta reforma a fazer não se pode perder de vista, que os resultados obtidos nos processos de acreditação dos cursos, pela Agência Nacional de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, terão cada vez mais influência nas decisões dos diferentes públicos que servimos, pelo que os indicadores definidos para a acreditação dos cursos a médio prazo, devem ser tidos em conta quando pensamos a nossa atividade neste domínio.

As diferentes conclusões a que chegámos a partir da opinião manifestada e consensualizada pelos docentes nos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico convergem com os dados do estudo de avaliação sobre os processos de aprendizagem: ensino e avaliação em uso na Escola (cuja síntese avaliativa final, se anexa) que constatou, entre outros aspetos, que a “ (...) Escola possui um corpo docente com um elevado sentido das suas responsabilidades, científicas e profissionais (...) com uma cultura orientada para a melhoria contínua, o envolvimento dos professores na definição das grandes linhas estratégicas de desenvolvimento da instituição, a aposta na investigação (...) um corpo docente exigente consigo mesmo e com os outros, muito disponível para se desenvolver académica e profissionalmente, empenhado nas causas da Escola, muito competente e com um sentido crítico que não o inibe de manifestar abertamente as suas opiniões” (pág. 24-25, Relatório Final do estudo “uma avaliação dos processos de aprendizagem, ensino e avaliação numa Escola Superior de Enfermagem, Março de 2012). Do mesmo modo os estudantes manifestam “ (...) grande interesse pela vida da escola, a satisfação que sentem por estar a frequentá-la, o orgulho que evidenciam quando se referem ao facto de estudarem “na melhor escola de enfermagem do país” e, conseqüentemente o seu reconhecimento pela qualidade da qualidade da formação que lhes é proporcionada” (pág. 26, Relatório Final do estudo uma avaliação dos processos de aprendizagem, ensino e avaliação numa Escola Superior de Enfermagem, Março de 2012) e que temos, por isso hoje, condições para nos desafiar a nós mesmos interrogando de forma profunda e consistente as nossas conceções e práticas sobre o currículo, a aprendizagem, o ensino e a avaliação e, noutra plano a teoria, a prática e a construção do conhecimento e, para mobilizarmos os resultados dessa reflexão para a implementação de uma “(re)forma curricular, dos modelos de formação e avaliação” que torne a ESEnfC verdadeiramente única no panorama do ensino superior em Portugal.

Assim, estamos já a planear o trabalho que o Conselho Técnico- Científico e os docentes consideram necessário desenvolver para melhorar as áreas em que identificaram oportunidades de melhoria, como por exemplo questões relacionadas com a mais sistemática articulação entre avaliação sumativa e formativa, como condutora das aprendizagens.

Daremos conta a seguir de alguns indicadores da atividade desenvolvida em 2012 e inserida no planeamento deste eixo, que merecem maior destaque.

- Frequentaram a Escola, matriculados em cursos regulares de Graduação e Pós-

graduação 2137 Estudantes.

- A escola manteve o mesmo número de vagas para o concurso nacional de acesso ao ensino superior (320 vagas) tendo sido todas as vagas preenchidas na primeira fase do concurso e tendo sido uma das dez instituições de ensino superior com mais vagas por par de estabelecimento/ curso, e a com mais vagas para o curso de enfermagem. O curso de Enfermagem foi a segunda preferência dos candidatos ao ensino superior (2130) pela segunda vez, a preferência imediatamente a seguir à medicina (3002). Em 2012 a ESEnfC teve um índice de satisfação da procura (índice de procura em primeira opção – DGES) de 0,98. Candidataram-se à Escola 1653 estudantes, tendo a média de entrada do último colocado sido de 140,0. Apesar da procura se manter aparentemente estável, verificou-se que a nota do último colocado desceu um valor. Realçamos este aspeto dado que a procura da Escola para os cursos que oferece é fundamental para a sua sustentabilidade a longo prazo. Sabemos que, apesar destes números, a tendência geral tem sido um decréscimo da procura da formação em Enfermagem, sendo a nível nacional cada vez mais próximos os números da oferta (2090) dos da procura. Importa pois, para continuar a ser escolha preferencial para realizar o curso de Enfermagem, que a ESEnfC continue a dar prioridade à qualidade da oferta formativa. Tem-se verificado também uma grande procura da Escola nos concursos especiais, particularmente mudanças de curso e transferências, mas também de candidatos à admissão pelo concurso para maiores de 23 anos. Em 2012 foram admitidos pelos concursos especiais de acesso 53 alunos.

- Quando comparamos o número de desistências do CLE entre os anos letivos 2010/2011 e 2011/2012 verifica-se uma diminuição de 45% passando de 62 em 2010/2011 para 28 em 2011/2012. As desistências ficaram a dever-se essencialmente a alunos que mudaram de curso no 2º, 3º e 4ºs anos (12 alunos) e razões pessoais (9 estudantes). O número de alunos inscritos a 31 de Dezembro no CLE era de 1455.

- Relativamente aos cursos de mestrado, estiveram inscritos nestes cursos, nos diferentes anos 682 alunos. A maioria destes estudantes estão simultaneamente inscritos nos cursos de Pós-Licenciatura de Especialização, dada a necessidade de manter a oferta dos cursos de pós-licenciatura de especialização, uma vez que temporariamente continuará a ser necessária a sua frequência para obter o título de especialista pela Ordem dos Enfermeiros, o que se reflete na maior complexidade e exigências colocadas a docentes e discentes que, no entanto, tenderá a diminuir se a implementação do novo

modelo de desenvolvimento profissional vier a ser uma realidade. O sucesso escolar dos cursos de mestrado - percentagem de conclusão no tempo mínimo previsto foi de 71%. Relativamente aos cursos de mestrado registou-se uma descida da procura. Inscreveram-se pela 1ª vez 81 estudantes. Facto que tem vindo a acontecer na generalidade dos cursos de 2º ciclo em todas as áreas de formação, dado que os custos destes cursos são integralmente suportados pelos formandos, pensa-se que esta realidade pode ter que ver com as dificuldades financeiras que todos sentimos, até porque tem sido um fenómeno sentido na generalidade do ensino superior. No entanto, porque queremos conhecer, em profundidade, os fatores que explicam esta alteração, criámos já um grupo de estudo, coordenado pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação, que está a estudar, não apenas os fatores que influenciam a procura, mas principalmente as necessidades formativas a nível nacional, na área da enfermagem e da saúde, de modo a que possamos melhorar a adequação dos cursos que oferecemos e/ou redesenhá-los e, se vier a fazer sentido, criar nova oferta formativa, quer para o nosso habitual público, quer para novos públicos.

Como temos definido no Plano Estratégico da Escola, formar ao longo da vida ativos da saúde, principalmente enfermeiros, para responderem às necessidades sociais em matéria de cuidados de saúde e de enfermagem, participarem na produção do conhecimento em enfermagem e nos desafios da gestão em saúde, é um dos objetivos traçados, determinante para que se concretize a visão definida para 2013. Ao nível da formação de 2º ciclo e pós-licenciaturas tem-se verificado uma dinâmica interessante, que releva quer para o desenvolvimento, quer para a consolidação da sustentabilidade da Escola. Há no entanto que dar prioridade à qualidade da formação oferecida, centrando-a nos adultos que se formam, privilegiando o rigor, a inovação, a cultura de investigação e a articulação com os contextos clínicos e a utilização que flexibilizem a necessidade da presença na Escola, recorrendo, por exemplo, a estratégias de formação à distância. Por outro lado, temos que pensar em modos de organização dos currículos e dos horários que permitam aos formandos conciliar a sua atividade profissional com a formação académica e profissional, condição indispensável para manter as taxas de procura em todos os cursos oferecidos.

- A realização de onze cursos de formação avançada para ativos da saúde, em diferentes áreas de especialização, financiados pelo POPH que foram frequentados por 190 profissionais de saúde de instituições com as quais a Escola tem parcerias. O aumento progressivo da oferta de cursos não conferentes de grau, desenvolvidos numa perspetiva

de formação ao longo da vida é estratégico para a Escola, por um lado porque garante a contínua atualização dos enfermeiros da clínica, repercutindo-se indiretamente na qualidade da formação inicial, dado que 50% desta formação acontece nos contextos clínicos, por outro lado porque aumenta as receitas próprias da Escola, concorrendo para um maior equilíbrio das fontes de financiamento com que conta.

- A realização do Primeiro curso de Pós-Graduação em Enfermagem na Esclerose Múltipla, realizado com a colaboração do Serviço de Neurologia do CHUC.

- A realização de vinte e oito ações de curta duração, organizadas nas modalidades de seminários, simpósios, jornadas, fora, conferências, congressos ou encontros científicos, que tiveram a participação de 5692 formandos.

- O início do terceiro Curso de Doutoramento em Ciências da Saúde: ramo de enfermagem, em colaboração com a Faculdade de Medicina (tendo sido lecionadas 105 horas letivas por professores da ESEnfC) e a participação no Curso de Mestrado em Economia da Saúde, em colaboração com a Faculdade de Economia, da Universidade de Coimbra, dando continuação à colaboração já desenvolvida nos anos letivos anteriores, bem como no Mestrado em Cuidados Paliativos e Bioética, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

- O início do trabalho com vista à submissão, em 2013, à Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, de um Curso de Doutoramento em Enfermagem, desenvolvido conjuntamente pela ESEnfC, Universidade de Évora e Universidade Católica. Este curso substituirá o atual curso de doutoramento em funcionamento na Universidade Católica e funcionará, com um grupo de estudantes em cada instituição. O corpo docente será o mesmo, utilizando os meios de formação à distância. A investigação desenvolvida, acontecerá no âmbito das linhas de investigação da UICISA-E.

- O índice de sucesso escolar na Licenciatura - 89,15 %, que permite manter a taxa de insucesso em níveis baixos (10,85 %), ligeiramente inferior à do ano anterior. Diplomaram-se 296 novos enfermeiros, tendo-se verificado que a média das médias das classificações finais obtidas foi de 14,0 valores.

- Na análise do sucesso escolar, por ano do curso e unidade curricular, embora continue a merecer preocupação a taxa de reprovação das unidades curriculares de: Anatomofisiologia I (29,71%) e Anatomofisiologia II (39,88%), verifica-se que houve franca melhoria nos resultados obtidos (as taxas de reprovação no ano anterior foram,

respetivamente (38,06 %) e (60,45%)) o que pensamos ficar a dever-se às aulas suplementares criadas pelos professores da disciplina, especialmente pensadas para estudantes com insucesso em anos anteriores. Também na unidade curricular de Bioquímica e Biofísica se verificou uma melhoria muito significativa do sucesso escolar. A taxa de reprovação passou de 77,57 % para 30,47%. A melhoria verificada no sucesso escolar reforça a ideia, que a implementação de aulas suplementares para estudantes com unidades curriculares em atraso (que também na Bioquímica e Biofísica foram implementadas) pode contribuir para ajudar os estudantes a ultrapassar dificuldades de aprendizagem. Verificou-se também uma acentuada melhoria no sucesso escolar da unidade curricular de Microbiologia e Parasitologia, que na opinião dos professores, se ficou a dever a várias medidas implementadas, entre as quais, a introdução de aulas em laboratório, que aumentaram a motivação dos estudantes e facilitaram a articulação teórico-prática dos conhecimentos, a avaliação contínua nas aulas práticas e o aumento do número de provas de avaliação de conhecimentos, que tradicionalmente era apenas uma, foi outro fator que contribuiu para o sucesso.

- A apreciação muito positiva que todos os estudantes, de Licenciatura e de Pós-licenciaturas de especialização, fizeram acerca dos docentes da Escola. A apreciação dos estudantes sobre a qualidade do corpo docente que leciona nos diferentes cursos que a Escola oferece é um dos aspetos que seguimos com a maior atenção, não apenas porque sabemos que é determinante na avaliação que a comunidade faz sobre os cursos e a Escola, mas também porque concorre para o resultado global das aprendizagens dos estudantes. A apreciação dos estudantes, em todos os aspetos avaliados relativamente aos docentes foi tendencialmente ao nível elevado o que numa escala de 1 a 5 permitiu as seguintes médias de satisfação global – 1º ano 3,87; 2º ano semestres teóricos 3,87; 2º ano- ensino clínico 3,97; 3º ano 3,75; 4º ano 3,97; Curso de Mestrado em Enfermagem Comunitária 4,08; Curso de Mestrado em Enfermagem de Reabilitação 4,18; Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria 3,83; Curso de Mestrado em Enfermagem Médico-cirúrgica 4,33; Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria 4,13; Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia 4,58; Curso de Mestrado em Enfermagem 4,01; Curso de Mestrado em Enfermagem do Idoso e geriatria 3,22.

- A avaliação da satisfação dos estudantes com o funcionamento das unidades curriculares do curso. As preocupações neste domínio deram, nos últimos anos, origem à implementação de diversas medidas, dado que se incluía aqui um dos aspetos que os

estudantes apontavam como sendo necessário melhorar, especialmente quanto ao número de alunos nas aulas teóricas, teórico-práticas e práticas. Os dados do Relatório do Conselho para a Qualidade e Avaliação e permitem verificar que, as médias globais das apreciações dos estudantes, dos quatro anos do CLE, sobre todos os aspetos em avaliação nas Unidades Curriculares, foram positivas para todos os itens em avaliação, sendo que o item que continua a obter a média mais baixa corresponde “ao número de alunos por sala em aulas teóricas” (3,60) e o valor mais elevado corresponde ao “número de estudantes em salas de aulas práticas” (3,88), seguido da “ligação dos conteúdos abordados aos problemas reais” (3,85). Quando olhamos para estes números e os comparamos com os números do ano anterior verificamos haver globalmente uma ligeira descida em alguns valores, ainda que se mantenha uma grande estabilidade nos resultados relativamente ao sentido da avaliação dos diferentes aspetos avaliados e de uns relativamente aos outros. Não sendo no nosso entender de valorizar, dadas as diferenças não serem significativas (solicitámos ao CQA esse estudo), considerando este que a mesma pode ter que ver com a nova forma de colher os dados informaticamente e as regras inerentes.

A satisfação com o número de alunos em aulas teóricas melhorou, mas tem que continuar a merecer a nossa reflexão. Presentemente o número máximo de alunos nas turmas é, de acordo com as orientações em vigor, de sessenta estudantes. Foi criada uma turma, nas UC com maior insucesso escolar, para alunos com a UC em atraso e criadas aulas suplementares para estes estudantes. Sessenta estudantes é um número muito inferior ao que se encontra habitualmente neste tipo de aulas no ensino superior, mesmo em instituições congéneres da nossa. Precisamos de refletir se de facto é o número de estudantes ou as metodologias utilizadas neste tipo de aulas que gera o sentimento de que nestas aulas é onde se “aprende menos” e de que podia “aprender-se o mesmo sem ser presencialmente”. Por outro lado, faz sentido, face aos resultados obtidos no estudo sobre “*os processos de formação e avaliação em uso*”, sobre os modelos mais frequentemente adotados neste tipo de aula, equacionar uma reflexão sobre a obrigatoriedade de presença nas aulas teóricas se estas não apelarem sistematicamente à participação do estudante. Aliás como os estudantes vêm solicitando.

- A apreciação global que estudantes, docentes e tutores fazem das unidades curriculares de ensino clínico. A opinião dos estudantes, foi positiva em todos os itens em apreciação. A opinião de docentes e tutores parece revelar uma maior satisfação quando comparada com a satisfação manifestada nos anos anteriores.

Os dados da opinião dos estudantes mostram que a apreciação global dos estudantes sobre os EC se situa maioritariamente num nível de satisfação de elevado- 2º ano 3,97; 3ºano 3,82; 4º ano 4,0.

- Quanto à opinião sobre a forma de acompanhamento e orientação os dados, em média, são os seguintes relativamente ao acompanhamento por docente: 4º ano 3,61; 3º ano 4,1; 2º ano 4,0. Quando manifestam a opinião sobre a satisfação com o acompanhamento/orientação efetuado pelos tutores verifica-se que esta se distribui da seguinte forma: 2º ano 3,89; 3º ano 4,03; 4º ano 3,98.

- A mais assídua implementação da política, já anteriormente iniciada, de lecionação de aulas, em todos os cursos, por professores estrangeiros em missões de ensino na Escola que este ano foram lecionadas na Licenciatura por professores visitantes um total de 90 horas, excluindo o Módulo Europeu. Manteve-se o módulo europeu de enfermagem transcultural no CLE, lecionado em inglês, por equipas constituídas por professores da Escola e de diferentes Universidades Europeias. Esta área pode no entanto ser melhorada quer ao nível do número de horas lecionadas quer ao nível do planeamento.

- O esforço de articulação entre a investigação inserida nos diferentes projetos académicos e as linhas de investigação da UI e a integração de estudantes em projetos da Unidade de Investigação (UI), em processo de aprendizagem no âmbito do programa de bolseiros de iniciação à investigação. Esta articulação tem vindo a melhorar muito, estando hoje muitos dos projetos de investigação em desenvolvimento pelos estudantes nos cursos de mestrado inscritos no âmbito de projetos da Unidade de Investigação. É fundamental continuar a fazer um esforço para garantir que é incorporado, de forma sistemática, na formação o novo conhecimento, decorrente do contexto clínico e da investigação, e que os diplomados pela escola são detentores do perfil de competências de saída definido para os cursos.

- O trabalho desenvolvido pelos grupo de coordenação inter-UCP(s) e coordenação de cursos e órgãos e as comissões científicas e pedagógicas e os grupos disciplinares, que têm procurado promover a articulação disciplinar e interdisciplinar em cada ano, ao longo de cada curso e na Escola. Este trabalho é fundamental e exige cada vez mais atenção para garantir a coerência nos processos de ensino e avaliação que se põem em marcha em cada ano na Escola. Os estudantes devem conhecer de forma clara o que se pretende que aprendam e poder ser avaliados com base em critérios, regulamentos e procedimentos devidamente publicitados e aplicados de forma consistente e harmónica

em cada ano, e as instituições de ensino superior devem poder garantir que estão a formar todos os seus estudantes para as competências, que se definiram no âmbito de cada plano de estudos, deve ser dado sistemático feedback sobre os resultados da aprendizagem individual (Padrões e Diretrizes para a Qualidade do Ensino Superior na Europa e Guia de Boas Práticas para a Coordenação Pedagógica).

EIXO – INVESTIGAÇÃO DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

Como se tem vindo a constatar a Escola tem-se progressivamente vindo a assumir como uma instituição de ensino e investigação, certa de que uma instituição de ensino superior se diferencia essencialmente pelo conhecimento que produz e porque os seus diplomados aprendem na e pela investigação. A Unidade de Investigação (UICISA-E), acreditada, que a Escola integra, única na área da enfermagem e financiada pela FCT, assumiu sempre ter responsabilidades acrescidas como garante do desenvolvimento do conhecimento em enfermagem em Portugal. Assim, tem desenvolvido um trabalho intencional e sistemático para cumprir esta responsabilidade.

Os resultados alcançados neste domínio devem-se entre outros fatores, ao fortalecimento da equipa de investigação, ao cumprimento rigoroso dos objetivos e metas definidas, tendo sempre presentes os princípios definidos pela FCT, para a qualidade da investigação e as recomendações da equipa externa de aconselhamento. Foram implementadas estratégias para a melhoria dos resultados, tais como critérios para a integração de novos investigadores e manutenção dos investigadores inscritos, medidas de apoio à comunicação de ciência, particularmente a definição de critérios a utilizar na seleção de revistas científicas, para publicação de artigos, com medida de fator de impacto e para a seleção das melhores conferências internacionais para divulgar a produção científica. Integração de bolsiros em training em diferentes níveis e seu acompanhamento. Implementação de estratégias de incentivo à integração de projetos estruturantes em colaboração internacional, particularmente orientados para as prioridades definidas pelo Conselho Europeu (Relatório da UICISA-E, 2012).

A partilha da visão, aliada à definição de objetivos estratégicos e metas tem consolidado a nível da comunidade académica uma “nova” relação com a investigação que se vem cada vez mais traduzindo numa dinâmica muitíssimo interessante e geradora de resultados, contrariando muitas vezes as dificuldades e contrariedades que ainda são uma realidade nesta área.

A investigação tem ocupado nos últimos anos um lugar cada vez mais central quer na formação dos estudantes, quer no trabalho dos docentes, quer em geral na vida da Escola. Talvez por isso estejamos cada vez mais próximo de concretizar a visão definida: ser “referência de excelência [na área da Enfermagem] na produção, difusão e

transferência de conhecimentos e na formação de investigadores”. De facto os objetivos definidos neste domínio têm sido integralmente cumpridos, como se afirma no relatório da UICISA-E “ (...) *os resultados esperados revelaram um excelente nível de consecução do plano de trabalho aprovado. Se houve desvios foi pela positiva, particularmente ao nível da publicação científica de livros, artigos em revistas nacionais e artigos em revistas indexadas. Neste último caso a produtividade quadruplicou. Em consequência as comunicações internacionais excederam também as previsões. Entre o elevado número de artigos publicados em revistas indexadas de divulgação internacional, encontra-se um número mais restrito de artigos publicados em revistas de elevado impacto. De salientar, no entanto, que se verificou um aumento contínuo deste indicador sustentado pelo apoio à formação avançada e apoio à divulgação científica dos investigadores. O esforço de apoio a missões internacionais dos investigadores foi determinante para a capacitação da equipa e melhoria dos seus skills. Esta capacitação tornou o grupo mais competitivo e permite, atualmente responder a consócios internacionais, para enfrentar os desafios do horizonte 2020.* ” (Relatório da UICISA-E, 2012).

Como é reconhecido no relatório da Unidade, todo este desenvolvimento tem sido possível porque tem sido possível garantir financeiramente o funcionamento da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem.

A Unidade de Investigação contou em 2012 com 39 investigadores principais, 3 colaboradores doutorados e com 96 colaboradores de investigação. Quanto ao número de projetos estruturantes inscritos na Unidade foram 42 os projetos principais ativos, inscritos nas três linhas de investigação, com 141 projetos associados. Dos projetos estruturantes, três desenvolveram-se com colaboração internacional e oito com financiamento externo. Ao nível da candidatura a projetos de investigação a financiamento foi feito um esforço para continuar a candidatar projetos quer à FCT, quer a fundos comunitários. Foram candidatados a financiamento dez projetos. Relativamente à produtividade associada aos projetos ativos pudemos constatar que os investigadores publicaram 207 artigos e destes 6 em revistas indexadas na Thomson Reuters (apesar da meta de um artigo por doutor indexado na Thomson Reuters, não ter sido atingida na totalidade é de realçar o número de artigos que os docentes da ESEnfC conseguiram inscrever nesta base de indexação, dadas as dificuldades que têm habitualmente os estudos da área das ciências humanas em ser aceites para publicação em revistas aí indexadas). Foram realizadas pelos docentes da ESEnfC, para divulgação de resultados de investigação, 127 comunicações em congressos nacionais e 248 em

eventos científicos internacionais com avaliação por pares. Ao nível da publicação e preparação de comunicações a ESEnfC continuou a apoiar as traduções e/ou revisão de traduções para diferentes línguas, apoio que consideramos muito importante e de continuar.

A Revista Referência continuou o seu processo de melhoria contínua tendo mantido a sua publicação regular com a publicação de 58 artigos, alguns dos quais em inglês e espanhol.

Os investigadores da Unidade arguiram 52 teses de mestrado e 9 de doutoramento em diferentes Universidades Portuguesas, Brasileiras e Espanholas. Orientaram 96 teses de mestrado e 26 dissertações de doutoramento, destas foram concluídas 6 dissertações de doutoramento e 46 teses de mestrado.

Ao nível da formação de investigadores, a unidade teve em formação cinco bolseiros de iniciação à investigação em 2012 (O número de bolseiros de iniciação à investigação diminuiu porque a FCT reduziu o financiamento a atribuir para este efeito. Assim, as novas bolsas tiveram que ser financiadas por receitas próprias da Escola, não tendo sido possível atribuir mais que cinco bolsas). Cerca de 300 estudantes estiveram envolvidos em diferentes projetos de formação- intervenção-investigação inscritos na UI. Estiveram cinquenta e três docentes em formação de doutoramento, sendo que 39 frequentaram programas de doutoramento em enfermagem (25 Docentes tiveram redução de 50% da atividade letiva para realização dos seus projetos e 1 docente redução de 100%).

A Unidade de Investigação continuou, como habitualmente, a organizar seminários de mestrandos e doutorandos e coorganizou diversas atividades em articulação com as Unidades Científico-Pedagógicas. Estas atividades envolveram cerca de 5692 participantes.

A UICISA-E é centro colaborador Joanna Briggs, para realização de revisão sistemática na área da enfermagem, especialmente no âmbito da promoção e educação de saúde e dos cuidados de enfermagem, durante o ano de 2012 submeteu dois protocolos para revisão sistemática para aprovação, que foram aprovados e estão em desenvolvimento.

Relativamente a despesas efetuadas para garantir o funcionamento da Unidade e os indicadores, excetuando os custos do trabalho docente, corresponderam a 203.960,91 euros, provenientes de receita própria da Escola (51,07%) e de financiamento da FCT (48,93%).

Apesar de, face aos resultados enumerados, podermos dizer que hoje a investigação e a divulgação do conhecimento fazem parte das preocupações quotidianas da comunidade

acadêmica, ao lado e cada vez mais na interceção e articulada com o ensino e a prestação de serviços, contrariando a tradição e contribuindo efetivamente para o desenvolvimento da Enfermagem, enquanto disciplina do conhecimento científico, podemos também dizer que os docentes consideram que é ao nível da contribuição para o desenvolvimento de práticas inovadoras, da transferência sistemática de conhecimentos para o ensino e para a clínica, da relação com outros ambientes tecnológicos (engenharia e informática, por exemplo), com o empreendedorismo, da incorporação dos estudantes e colaboradores nos seus projetos de investigação e intervenção, que ainda residem as maiores fragilidades (Relatório com as principais conclusões dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico 2009-2013, com os docentes da ESEnfC entre 27/03 e 2/04 de 2012).

Sabemos que passámos por uma fase de crescimento acelerado em que uma das características foi a dispersão, por vezes talvez excessiva, e que hoje estamos a entrar numa fase de consolidação com escolha de áreas prioritárias de investigação, com seleção criteriosa dos locais de divulgação, quer se trate de artigos ou comunicações. Temos hoje condições, na Escola, para fomentar e aprofundar uma cultura de autêntica **comunidade científica**, cuidando sistematicamente da relação do que fazemos com as prioridades do país e do mundo ao nível da saúde e particularmente do que a Enfermagem pode fazer por ela, da identificação e captação dos pares nacionais e internacionais que são referência de excelência em diferentes áreas, de fomentar a constituição de equipas multidisciplinares (quer no âmbito da enfermagem, que de outras áreas disciplinares) que permitam olhares verdadeiramente complementares sobre os diferentes objetos de estudo. Simultaneamente estamos em condições de fazer refletir nos currícula o nível de desenvolvimento já conseguido, assegurando um cada vez maior equilíbrio entre qualidade e quantidade, e uma maior coerência entre produção, divulgação de conhecimento produzido e utilização na formação dos resultados da investigação, se possível integrando os estudantes ao longo de todo o processo de formação em projetos de produção do conhecimento. (Relatório com as principais conclusões dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico 2009-2013, com os docentes da ESEnfC entre 27/03 e 2/04 de 2012).

Ao terminar este capítulo é justo que se reconheça e agradeça a este nível, a quantidade e qualidade do trabalho desenvolvido, quer pela Coordenação da Unidade de Investigação, quer pelos coordenadores das diferentes UCP (s) que de forma sistemática

se envolveram na promoção de maior articulação entre a UCP e a UI, quer o investimento de todos os docentes e investigadores nesta área da missão da Escola.

EIXO – PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

A prestação de Serviços e Extensão na Comunidade é uma área de missão que tem assumido cada vez mais importância na Escola, no trabalho de docentes e discentes e que em muito tem vindo a contribuir para ajudar a consolidar as outras áreas de missão e para a intervenção e visibilidade da Escola na Comunidade.

A prestação de serviços e atividades de extensão na comunidade, que temos vindo e que pretendemos continuar a desenvolver, é simultaneamente uma forma de oferecer serviços inovadores e de exceção, que complementam os cuidados disponibilizados à população pelo sistema nacional de saúde, mas de forma articulada com eles e de modo a articular, inovação, formação e investigação e de promover a educação para a saúde e cidadania.

Os projetos desenvolvidos ao longo de 2012, foram dirigidos essencialmente a grupos alvo - crianças, adolescentes, idosos, casais grávidos, doentes cardíacos, etc. e têm como grande finalidade permitirem o reforço da ligação entre o ensino, clínica e investigação. Criando a possibilidade de pôr em prática novas propostas de cuidados, quer sejam novas intervenções ou novas formas de as realizar, de as investigar e de poder formar na e pela investigação e de alimentar a formação com novos conhecimentos. Por isso, incluíram sempre professores e estudantes de graduação e ou pós-graduação no seu desenvolvimento.

A Escola cumpriu também por esta via, mais uma vez em 2012, alguns dos desafios que se colocam hoje ao ensino superior: o reforço da ligação entre ensino superior e a vida económica, social e cultural do país. A promoção do empreendedorismo e da participação de docentes e alunos em ações que visem o aumento de qualificações na sociedade portuguesa. A promoção da responsabilidade social dos estudantes, através da promoção do voluntariado e da intervenção social e cultural; uma vez que a integração dos estudantes nos projetos de intervenção na comunidade é voluntária e no âmbito das atividades de complemento curricular.

Esta área de missão permitiu-nos também, o estabelecimento de uma cooperação mais estreita, não apenas com a comunidade em geral, mas também com as instituições de prestação de cuidados de saúde, uma vez que acontece para além e num âmbito diferente das atividades de ensino clínico, promovendo com mais eficácia a transferência e a divulgação dos conhecimentos que produzimos. Tivemos em 2012 e continuamos a ter, um leque de parcerias com diferentes instituições de ensino e de saúde para o desenvolvimento conjunto de projetos de Formação-Ação-Investigação que visam encontrar/experimentar novas respostas para problemas concretos identificados nas práticas clínicas, bem como projetos de formação desenvolvidos em contexto de trabalho, com o objetivo de melhoria contínua das práticas clínicas, numa perspetiva de formação ao longo da vida e de desocultação e/ou produção de conhecimento através das práticas.

Sabemos, no entanto, que é necessário reforçar e multiplicar geometricamente estes projetos. Trata-se, no futuro, de continuar um caminho já iniciado de abertura ao exterior, abertura em que incluímos por um lado o reforço e a criação de redes com outras escolas/universidades e ou instituições de saúde, da região, nacionais e estrangeiras, mas, simultaneamente reforçamos cada vez mais a cooperação com as instituições de saúde, poder local e organizações não governamentais da sociedade civil. Todos foram e são parceiros indispensáveis. Todos disseram sim na hora de unir esforços para a concretização dos projetos.

Aprendemos, ao longo do caminho percorrido que o essencial para esbater barreiras ao desenvolvimento da inovação e da mudança, é o envolvimento precoce de todos os atores/parceiros quer ao nível da conceção, da implementação e avaliação dos projetos que desenvolvemos.

Relativamente a aspetos menos conseguidos, temos que reconhecer que as receitas provenientes da prestação de serviços continuam a ser escassas embora existentes com cada vez mais frequência e que temos que no futuro pensar este domínio no sentido de transformar as competências e conhecimentos detidos na comunidade académica, em valor - gerar receitas a partir desta área de missão. É, que de facto, esta área da atividade da Escola é em si um valor. Os ganhos que estes serviços representam situam-se a um nível não tangível, mas fundamental para a sustentabilidade da Escola. Isto porque, por um lado estas atividades dão a conhecer o que é a Enfermagem e a Escola, o que os cidadãos podem esperar dos enfermeiros e quem são os enfermeiros, para além de muitos dos projetos promoverem a saúde das populações alvo, a responsabilidade cívica

e a formação global dos estudantes da ESEnfC neles envolvidos. Por outro lado, como muitas destas atividades decorrem em Escolas secundárias transformam-se em excelentes ações de divulgação da Escola e da enfermagem; por último, e não menos importante, permitem aos docentes o exercício da clínica em áreas inovadoras permitindo o desenvolvimento de estudos sobre as intervenções experimentadas. O trabalho desenvolvido por docentes, discentes e não docentes, no âmbito de projetos desta natureza, foi muito relevante e merece o nosso mais profundo reconhecimento.

Apesar do que acabámos de afirmar esta é uma área, em que os docentes da escola, numa perspetiva crítica e construtiva, consideram que é possível fazer ainda mais e melhor (Workshops de avaliação do Plano Estratégico) sendo para isso necessário articulá-la cada vez mais com as atividades que docentes e estudantes têm que desenvolver no âmbito dos curricula formais e da investigação que desenvolvem. Parece consensual que é necessário coordenar melhor as atividades de prestação de serviços, alocar-lhe de forma mais permanente recursos não docentes que possam colaborar na sua organização (neste sentido foi já criado em 2013 o Gabinete de Apoio Técnico aos Projetos) e encontrar formas de captação de financiamento, eventualmente comunitário.

Destacaremos a seguir alguns projetos/atividades desenvolvidas:

- Estiveram em curso 29 projetos de extensão na comunidade que envolveram globalmente 74 docentes e cerca de 550 estudantes, de entre eles destacamos os seguintes: “5 ao Dia”; “Tu Decides”; “Antes que te Queimes”, “Take Care”, “Peer”, “Capacitar para Cuidar”, “CIPE – Reformulação dos sistemas de informação utilizando a Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem”; “Escola Aberta – Ver para Querer”; “Saudar: Saúde, Género, Migrações e Saúde: Mulheres Imigrantes no Concelho de Coimbra”; “GPFAIR – Projeto de formação, assessoria e investigação em Reanimação”; “Formação de recursos humanos na área da saúde, e para o ensino da saúde, em Cabo Verde”; “(O) Usar e Ser Laço Branco”, “Projeto de Divulgação da ESEnfC às Escolas Secundárias”, “Poliempreende”, “Projeto + Contigo”; “Projeto Desvendar”; “Promoção e Educação para a saúde no Agrupamento de Escolas Inês de Castro”; “Promoção e Educação para a Saúde no Colégio de S. Martinho”; “Promoção e Educação para a Saúde no Instituto Educativo de Souselas”, “Ser Saudável: uma Aposta no/com Futuro”, “Terna Aventura – Preparação para o parto e parentalidade”; “Criação de plataforma de indicadores para avaliação e avaliação dos cuidados de saúde e desempenho hospitalar”; Criação do Portal “Feliz Mente”; colaboração no projeto

“Coimbra- Gera ações” e nos projetos da “Associação dos Amigos da Grande Idade”; Assessoria ao projeto “Implementação da dor em pessoas incapazes de comunicar” (CHUC-Medicina III). Maioritariamente estes projetos caracterizaram-se por envolver formação-ação inovadora-investigação.

- O Gabinete de Empreendedorismo da ESEnfC continuou a fomentar o empreendedorismo, contribuindo para a criação e desenvolvimento de uma cultura empreendedora e apoio de projetos empreendedores promotores de respostas inovadoras em geral, em particular respostas às necessidades em saúde. Durante o ano de 2012, a Escola através deste gabinete, manteve a organização do concurso Poliemprende (já na sua nona edição) tendo uma estudante da Escola, que apresentou o projeto Showercare, ganho o primeiro prémio a nível regional. Realizou diversas sessões de motivação para o empreendedorismo com personalidades que revelaram ao longo da sua vida ser empreendedores, foram também organizadas neste âmbito sete oficinas, com vista a acompanhar e formar os estudantes para o desenvolvimento de um plano de negócio e /ou para a transformação de uma ideia inovadora em valor; apoiou a preparação de candidaturas a vários concursos; manteve um atendimento semanal, por uma equipa de docentes, para estudantes e licenciados que pretendiam elaborar e/ou implementar projetos; apoiou empreendedores no registo de pedidos provisórios de patentes e nos registos de utilidade e patentes; continuou a iniciativa “Negócio por um dia”, que desafia os estudantes a criarem na Escola um negócio lucrativo por um dia e cujos resultados do(s) negócios reverteram para o Fundo Solidário, gerido pela Associação de Estudantes e Provedor do Estudante e que tem como finalidade o auxílio de emergência a estudantes. Continuou o trabalho de articulação dos “empreendedores/estudante” com a incubadora de empresas Pedro Nunes (de que a Escola é sócia), para que as empresas que se venham a criar possam aí ser incubadas. Foi criado o Health Tec Working Group, em parceria com o Club de Inovação e Empreendedorismo da ESTSC, o Instituto Superior de Engenharia de Coimbra e Instituto de Sistemas e Robótica da Universidade de Coimbra. O Gabinete de Empreendedorismo participou ainda no concurso “Prémio Europeu de Promoção Empresarial/European Enterprise Awards”.

- Como habitualmente, damos conta neste eixo do trabalho dos docentes noutras instituições de ensino superior; de trabalhos desenvolvidos no âmbito da consultadoria, grupos de trabalho nacionais e internacionais e desenvolvimento de novas parcerias com instituições da comunidade. Ao longo de 2012 os docentes da Escola participaram em quarenta e nove júris de provas de mestrado, seis júris de provas de doutoramento, oito júris de provas públicas para obtenção de título de especialista e oito concursos para

professor coordenador. E participaram em quinze grupos de trabalho, como peritos, a convite do Ministério da Saúde, Alto Comissariado da Saúde e Ordem dos Enfermeiros.

- Foram assinados 12 protocolos erasmus e 12 protocolos nacionais e internacionais de parceria com instituições nacionais e internacionais com vista ao desenvolvimento de projetos de educação para a saúde e de ensino.

EIXO – INTERNACIONALIZAÇÃO E COOPERAÇÃO

A Escola entende que ao nível da internacionalização lhe cabe, enquanto instituição de ensino superior, promover o desenvolvimento de estratégias e o reforço das estruturas para a cooperação internacional e intercâmbios a nível institucional, nacional e internacional, particularmente com congéneres Europeias, que envolvam a Escola em atividades de ensino-aprendizagem e investigação conjuntas, procurando sempre, balançar cooperação e competição e atingir áreas geográficas específicas com trabalho de referência na área da Enfermagem. Mas a comunidade educativa reconhece também cada vez mais o papel determinante que pode ter ao influenciar a reflexão e as políticas no domínio da qualidade do ensino e investigação em Enfermagem, particularmente na América Latina e nos Países de Língua Oficial Portuguesa, particularmente os Africanos. Assim ao longo de 2012 esta área de cooperação configurou-se como um imperativo ético para a Escola e a sua Comunidade Académica.

A conceção de uma escola de ensino impulsionada pela investigação implica a participação numa ampla rede de conhecimento dinamizada por docentes, investigadores e estudantes nacionais e internacionais, de instituições congéneres. A constituição e participação em redes de investigação e ensino internacionais permitem a criação de um espaço de desenvolvimento e o enriquecimento de toda a comunidade educativa e que os seus formandos desenvolvam competências de abertura para a diferença e a mudança e de facilidade de integração em múltiplos contextos socioculturais.

Tendo como base estes pressupostos, continuámos ao longo de 2012, a incrementar a mobilidade de estudantes, docentes e não docentes uma vez que temos vindo a constatar que estes programas aumentam a qualidade dos cursos e a excelência da investigação, reforçam a internacionalização académica e cultural. A avaliação feita por estudantes e docentes, particularmente nos momentos de partilha criados na Semana das Relações Internacionais, mostra de forma clara que a mobilidade é importante para o desenvolvimento pessoal e para a empregabilidade de estudantes e mesmo para o fortalecimento da identidade de Escola e o seu reconhecimento internacional.

Estudantes e docentes têm aderido cada vez mais aos programas de mobilidade internacional, não apenas ERASMUS, mas também com países terceiros, embora a mobilidade na Europa seja a que está mais facilitada. Quer porque Bolonha introduziu uma filosofia e metodologia pedagógica, centrada no trabalho do estudante, tendo introduzido ainda a utilização de uma ferramenta de transparência entre os cursos, os

ECTS, que facilitam a mobilidade entre estabelecimentos de Ensino Superior Europeu, tornando atrativo para os estudantes realizar um período de estudos, durante os seus cursos, numa Universidade Estrangeira, quer porque a existência de um programa específico de Bolsas cria condições financeiras à sua realização. Apesar das dificuldades financeiras, foi possível criar bolsas para Macau e Brasil e alargar assim as experiências e parceiros neste âmbito.

A internacionalização tem sido considerada central no desenvolvimento estratégico da ESEnfC, é consensual que temos conseguido atingir e até superar algumas metas neste domínio, o que faz com que hoje a Escola tenha parceiros institucionais e individuais em todo o mundo e seja cada vez mais conhecida, reconhecida e procurada por colegas de instituições internacionais, o caminho percorrido permitiu concretizar em 2012 as metas propostas para 2020 no comunicado da Conferência dos Ministros Europeus de responsáveis pelo ensino superior (Abril de 2009). Verifica-se, no entanto, que os estudantes que realizam um período de estudos no estrangeiro são essencialmente os estudantes do Curso de Licenciatura, o que nos faz pensar que no futuro esta é uma área em que podemos melhorar criando oportunidades aos estudantes, de todos os ciclos de formação oferecidos pela Escola, de realizar um período de estudos, particularmente a frequência de unidades curriculares de ensino clínico, numa universidade que tenha relações privilegiadas para a formação com instituições de saúde de referência, na área ou áreas científicas especializadas dos cursos de Mestrado.

Em 2012, conseguiu incrementar-se muito a atração de estudantes e docentes dos países europeus, aumentámos o número de estudantes estrangeiros na Escola e a participação de docentes/bolseiros estrangeiros em projetos de investigação ou em formação na nossa Unidade de Investigação.

O investimento na cooperação com países de língua oficial portuguesa, particularmente com África, dando apoio ao desenvolvimento da enfermagem foi continuado. Mantivemos a parceria com a Universidade de Cabo Verde, na implementação do Curso de Licenciatura; a formação de enfermeiros da República Democrática de São Tomé e Príncipe, nas áreas consideradas prioritárias pelas autoridades de Saúde São-Tomenses (Anestesiologia, Enfermagem de Saúde Materna e Enfermagem de Neonatologia); mantivemos o projeto de mobilidade de estudantes e docentes com a Universidade Agostinho Neto, Angola.

Começámos a trabalhar na criação da Rede de Instituições de Ensino e Investigação em Enfermagem dos Países de Língua Oficial Portuguesa que, acreditamos, facilitará as

permutas e parcerias, bem como a cooperação em rede. Diversificámos os parceiros internacionais, tendo novas parcerias em novos países, como o México e Estados Unidos da América.

O incremento da utilização da língua inglesa em unidades curriculares ou módulos, bem como a continuidade da oferta de cursos de inglês e espanhol para docentes, não docentes e estudantes, sendo medidas que revelaram ser favorecedoras da concretização das metas neste domínio, continuaram a ser apoiadas e criou-se a oferta de cursos de Francês.

O contexto político e económico atual tem contribuído para percebermos cada vez com maior clareza que a Escola tem que formar Enfermeiros que sejam socialmente reconhecidos pela excelência da sua formação global, não apenas em Portugal, não apenas no espaço europeu, mas no mundo. Também estamos cada vez mais seguros, que esta intenção tem que estar subjacente e ser transversal a todos os domínios da formação e da vida da Escola e de que os projetos de mobilidade internacional, os projetos de cooperação, a integração de peritos internacionais nas atividades das diferentes áreas de missão são importantes, mas são sobretudo estratégias favorecedoras do desenvolvimento do perfil de enfermeiro que queremos formar.

Num momento de consolidação deste domínio da vida da Escola, é cada vez mais importante, que todos os atores envolvidos em processos e missões de mobilidade internacional ajam ativa e intencionalmente, no sentido de promover uma articulação sistemática e a otimização cada vez maior entre processos de mobilidade e de cooperação internacional, e a formação e a investigação por si realizada, de modo a que os docentes da ESEnfC e da (s) instituição (ões) parceira (s) se reconheçam como parceiros com responsabilidade de ligação continuada para o desenvolvimento recíproco de projetos comuns, e que gerem maiores sinergias entre si, integrando a mobilidade dos estudantes respetivos no quadro da sua atividade conjunta (Relatório com as principais conclusões dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico 2009-2013, com os docentes da ESEnfC entre 27/03 e 2/04 de 2012).

Damos conta a seguir de algumas atividades desenvolvidas em 2012 e resultados atingidos:

- No capítulo da promoção da mobilidade internacional de docentes e estudantes, a Escola mantém 63 protocolos com Universidades da Europa no âmbito do programa Erasmus, 13 protocolos com Universidades Brasileiras, um protocolo com o Instituto Politécnico de Macau, um com a Universidade Nacional Autónoma do México,

Universidade Nacional de Cabo Verde, Universidade Agostinho Neto e Instituto Superior de Saúde, de Angola, Instituto Superior Politécnico da Universidade 11 de Novembro, Cabinda; Universidade de Katyavala Bwila, Benguela; Instituto Superior de Ciências da Saúde de Maputo, Moçambique; Ministério da Saúde da República Democrática de S. Tomé e Príncipe; Universidade da Columbia, Nova Iorque; Mental Health First Aid Training and Research Program, Austrália.

- Realizaram um período de estudos numa das Universidades com que a Escola tem acordos para a mobilidade de estudantes 22,63% dos diplomados pela ESEnfC, em 2012. Ao longo de 2012, 44,8 % dos docentes de carreira realizaram uma missão de ensino numa Universidade estrangeira. Destes 28,57% estiveram em mobilidade numa Universidade da Europa.

Com vista ao aperfeiçoamento de competências linguísticas facilitadoras da mobilidade internacional, a Escola promoveu catorze cursos de Inglês, Espanhol e Francês, que foram frequentados por 431 estudantes.

- Relativamente aos estudantes recebidos, fizeram um período de estudos na Escola 82 estudantes, entre estudantes Erasmus, estudantes dos PALOP, do Brasil, e os períodos de estudo realizados integraram-se em cursos de licenciatura, mestrado, doutoramento e Pós-doutoramento.

Ainda no capítulo da mobilidade, mas nacional, a Escola recebeu 7 estudantes de diferentes Escolas do país para fazerem um período de estudos na ESEnfC e enviou 2 estudantes.

- A Escola em 2012 recebeu entre docentes em missões de ensino e visitas de estudo 723 visitantes estrangeiros. Este foi um ano particularmente interessante neste domínio porque, para além do movimento de docentes estrangeiros, já habitual, muitos docentes, que vieram a Coimbra no âmbito de diversos congressos e particularmente para participar na do III Congresso de Investigação em Enfermagem Ibero-Americano e de Países de Língua Oficial Portuguesa UICISA-E – ESEnfC, solicitaram visitas à Escola.
- Ainda no capítulo das visitas à escola, foi recebida uma delegação do Governo de S. Tomé e Príncipe, chefiada pela Ministra da Saúde e dos Assuntos Sociais, com vista à continuidade dos protocolos existentes para a formação de enfermeiros em áreas específicas. Visitou também a ESEnfC uma Equipa da Universidade Agostinho Neto, coordenada pela Decana do Instituto Superior de Ciências da Saúde, com vista a alargar a colaboração da Escola, à investigação e também ao Curso de Psicologia Clínica. Em 2013 um Professor da área deslocar-se-á a Angola para análise da situação. A Escola foi

também visitada por uma delegação de Professores da Escola Superior de Saúde, do Instituto Politécnico de Macau, que integrava a sua Diretora, no âmbito do início dos projetos conjuntos. Foi também recebida uma delegação de Reitores de Universidades Politécnicas do Brasil, no âmbito de um acordo entre o CCISP e o seu homólogo brasileiro- CONIF.

- No âmbito do reforço da Internacionalização dos cursos oferecidos foram lecionadas 90 horas de formação por individualidades estrangeiras, na Licenciatura. Não foi registado o número total de horas lecionadas por professores estrangeiros nos cursos de Mestrados. Mantivemos o Módulo Europeu de Enfermagem Transcultural, no 4º Ano de licenciatura, lecionado em inglês por docentes da Escola, da Bélgica e da Noruega. Mantivemos a participação dos docentes e estudantes em programas intensivos internacionais, já iniciados em anos anteriores, IP MEP (*Multidisciplinary European Program*), IP (OPEN-N): *Older People in Europe, what Needs*, e ainda no projeto COFOE – Leonardo da Vinci (*Programme pour l' education et la formation tout au long de la vie*).

- Quanto à promoção da cooperação com os PALOP, mantivemos em funcionamento a colaboração na coordenação e leção do curso de licenciatura em enfermagem na UNICV e a colaboração na formação de quadros com a República Democrática de São Tomé e Príncipe. Recebemos para frequência dos nossos cursos 24 estudantes de diferentes países africanos (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), destes seis alunos frequentaram Mestrados e 18 Cursos de especialização especialmente concebidos para as suas necessidades.

- Em 2012 a ESEnfC manteve o acolhimento do Capítulo Phi Xi da Sigma Theta Tau Internacional, a Vice-Presidência Primeira da Região Europa da ALADEFE e decorreu o ano probatório com vista a tornar-se Centro Colaborador da Organização Mundial de Saúde, avaliação que se prevê ser realizada em 2013.

EIXO – COMUNIDADE EDUCATIVA

Estudantes

No âmbito do eixo comunidade educativa a Escola definiu que o seu trabalho deveria ser no sentido de que “*os profissionais formados pela Escola sejam reconhecidos socialmente pela excelência da sua formação global para a qual contribui uma cultura*

institucional que se caracteriza pela centralidade na pessoa, respeito pela sua criatividade, inovação, compromisso com o projeto da Escola, satisfação com o trabalho e o estudo e pela articulação sistemática em todos os domínios da formação, inovação e investigação". Durante o ano de 2012 continuámos a implementar o plano de atividades complementares ao currículo formal, mas com ele, articuladas, que visam que os estudantes desenvolvam *"o espírito democrático e pluralista, de respeito pelos outros e pelas suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, e se (trans)formem em cidadãos capazes de julgar com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenhar na sua transformação progressiva."*; *"promover o sucesso escolar e a melhor integração dos estudantes, e de, em parceria com outras entidades, apoiar e estimular a prática da responsabilidade social dos estudantes na sociedade, através da promoção do voluntariado e da intervenção social e cultural, da formação para o empreendedorismo (...)"*, esta visão tem sustentado o esforço que temos vindo a fazer neste domínio e dá sentido aos projetos em desenvolvimento e os resultados que alguns projetos têm demonstrado, particularmente a relação direta entre a participação nestes projetos e o maior desenvolvimento de competências transversais e o sucesso escola, reforçam a vontade de assumir novos compromissos e diversificar os projetos.

Assim, tendo em conta o que acabámos de enunciar continuámos a apoiar os projetos de promoção da formação global dos estudantes: *"(O) Usar e ser laço branco"*, prevenção da violência nas relações de intimidade"; *"Antes que te queimes"*, prevenção dos comportamentos de risco e danos, associados ao consumo elevado de álcool em jovens; *"Amigos, amigos, pressões à parte"*, *"fatores de proteção relacionados com a adoção de estilos de vida saudáveis e reforço de competências para resistir à pressão dos pares, dos estudantes do ensino secundário"*; *"Ser saudável uma aposta no/com futuro"*, *"promoção da responsabilidade individual com a saúde, de alunos das Escolas Secundárias"*; A maioria destes projetos utiliza como estratégia a formação por pares, em que os estudantes da Escola se formam para formar. Um dos projetos utiliza o Teatro do Oprimido como forma de sensibilização para as temáticas em debate. Estes projetos desenvolvem-se em regime de voluntariado e envolveram em 2012 cerca de 400 estudantes da ESEnfC.

Ainda no âmbito da promoção da cultura e desporto foram apoiados financeiramente 10 projetos propostos pela Associação de Estudantes e Tuna Académica, investiram-se neste domínio 10.830,69€

Com vista a promover a vinculação à Escola, o espírito de comunidade e o compromisso com o projeto institucional foram realizadas diversas atividades tais como: integração dos estudantes do primeiro ano na Escola e na Cidade (organização da Coordenação do Curso, Conselho Pedagógico e Associação de Estudantes); distribuição do guia de estudante; Abertura solene das aulas (que incluiu durante a manhã diversas atividades com vista a dar a conhecer os diferentes órgãos, unidades, serviços e projetos da Escola); comemorações do dia da Escola, e dos dias internacionais da mulher, da família e da pessoa com deficiência; realizou-se como habitualmente a tradicional cerimónia de encerramento do curso em que os novos diplomados juram cumprir o código deontológico e adesão aos valores da profissão e receberam as insígnias e o Diploma.

No sentido de promover o empreendedorismo mantivemos o projeto de formação extracurricular, oferecido pelo Gabinete de Empreendedorismo, com vista à aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências de empreendedorismo; mantivemos a adesão ao concurso Poliemprende; apoiando a preparação dos planos de negócio e a criação das condições à incubação de empresas com origem neste concurso.

Aumentámos a oferta de cursos livres de inglês, francês e espanhol que foram frequentados por 431 estudantes.

No âmbito do apoio social aos estudantes foram atribuídas 468 de bolsas de estudo, o que correspondeu a um aumento relativamente ao ano anterior de 8,3%, tendo-se verificado a manutenção da bolsa média, 198,30€ e um aumento da bolsa máxima de 470,01€ para 523,50 €. O montante financeiro das bolsas de estudo sem complemento de alojamento foi de 921. 974,00€ e com complemento de alojamento 966.206,00 €

A residência académica teve uma percentagem de ocupação de 80,30%. Continuaram a ser comparticipadas as refeições servidas nos refeitórios da Escola (refeitório social).

Foram ainda atribuídas Bolsas de Mérito Escolar, três financiadas pelo MCTES e duas por receitas próprias da Escola. O valor total das Bolsas de mérito foi de 14 550.00€

O serviço de apoio ao estudante e saúde escolar, que é oferecido gratuitamente, foi assegurado por duas médicas, uma enfermeira, uma psicóloga e uma técnica superior de serviço social. A Escola assegurou a vigilância de saúde escolar dos estudantes, consultas médicas, de enfermagem e de psicologia, aos estudantes que apresentam problemas de saúde agudos e /ou crónicos, encaminhamento para os serviços de saúde diferenciados e especializados e acompanhamento da situação sempre que exigido,

apoio domiciliário aos estudantes quando a situação de saúde o justificou, acompanhamento ao hospital em situações agudas e/ou urgentes, orientação dos estudantes com acidentes durante os ensinamentos clínicos, e ações de prevenção e diagnóstico de problemas relacionados com a adoção de hábitos e comportamentos de desvio na saúde, a consulta XY para todos os estudantes, com vista à promoção e vigilância da saúde sexual e reprodutiva dos estudantes. Foram realizadas para atendimento de estudantes, 1622 consultas médicas e de enfermagem, 597 consultas de enfermagem e 205 consultas de psicologia. Os custos diretos inerentes ao funcionamento deste serviço foram de 40 990,00 €

A Escola manteve à disposição para utilização livre pelos estudantes 190 computadores, e o livre acesso à Internet em todas as áreas dos edifícios escolares e residência. Foram criadas as contas de e-mail para todos os novos alunos, para que pudessem ter acesso à infraestrutura e ser colocados nas listas de distribuição para receção de informação académica.

Manteve-se a figura do Funcionário de Referência, para cada aluno, que o acompanha ao longo de todo o curso, com o intuito de efetuar um atendimento eficiente e permanente, seja presencialmente, ou por correio eletrónico, privilegiando a assertividade na comunicação interpessoal e de forma a contribuir para a satisfação integral das necessidades dos estudantes na sua relação com a Escola. A avaliação que os estudantes fazem desta estratégia é muito boa. Deu-se continuidade ao projeto pasta académica (aplicação informática) que visa disponibilizar *on line* toda a informação necessária ao estudante sobre o funcionamento dos cursos que frequenta, materiais para o estudo, comunicação com grupos de trabalho de que faz parte e docentes, entrega de trabalhos, etc. Durante o último ano procurou-se garantir que a mancha horária anual fosse estável, que os horários de todo o semestre fossem conhecidos no seu início e que não sofressem alterações nas três semanas anteriores à data a que reportam. Esta medida tem como objetivo permitir aos estudantes gerir a sua agenda de modo a poderem incluir nela se assim o entenderem atividades desportivas, culturais e outras conciliando-as com a frequência do curso e o estudo. Apesar de termos melhorado muito, esta área continua a ser crítica, verificando-se frequentes mudanças que perturbam o cumprimento das agendas dos docentes e, principalmente a gestão pelos estudantes dos seus tempos livres.

Apoiar os novos diplomados na inserção da vida ativa, através do Gabinete de Apoio aos Novos Graduados continuou a ser uma preocupação. Este serviço apoiou todos os

estudantes do 4º ano realizando uma ação conjunta sobre “curriculum vitae” e “CV Interpass”, organizou sessões de divulgação de emprego e fez divulgação via e-mail de processos de recrutamento para enfermeiros em Portugal e no Estrangeiro. Foram elaboradas 82 cartas de referência, a pedido de novos Diplomados, para ingresso em instituições de saúde estrangeiras. Os dados da empregabilidade mostraram neste ano, que relativamente aos diplomados de 2011, ao fim de um ano 80,45% estavam a trabalhar. Os dados, dos últimos cinco anos divulgados pela DGES, apontam para uma taxa de empregabilidade de 95%. Esta área deve continuar a merecer uma reflexão atenta com vista a diversificar as formas de apoio aos novos graduados e a planear formas de acompanhamento sistemático na vida ativa e apoio à gestão das carreiras.

Apesar daquilo que temos vindo a fazer temos consciência que no domínio do criar de condições para o estudo e frequência dos cursos, o desenvolvimento pessoal, a participação no desporto e na cultura podemos dizer que cada vez há mais a fazer. Por um lado as necessidades e exigências ao nível do bem-estar, da saúde e desenvolvimento global dos estudantes são cada vez maiores, por outro lado a crise económica que se atravessa em Portugal e no Mundo, tem reflexos nas famílias, naquilo que podem disponibilizar para a educação dos seus filhos e trazem cada vez mais a necessidade da “Escola” estar atenta de modo a conhecer esta nova realidade e no mínimo tomar medidas para que nenhum cidadão abandone os estudos superiores por razões financeiras. Durante o ano de 2012 foi feita a adesão ao Fundo Solidário (um projeto de Coimbra que visa apoiar estudantes do ensino superior com especiais dificuldades económicas, com vista a que possam continuar os estudar. A Escola é representada neste projeto pelo Provedor do Estudante e Técnica Superior de Serviço Social. Em 2012, foram apoiados por esta via 6 estudantes da Escola.

Atualmente os estudantes classificam a sua satisfação com as condições da Escola para o estudo e frequência dos cursos numa escala de 1 a 5, em 3,82.

No entanto, alguns dados apontam para a necessidade de continuar a melhorar nalguns serviços. A satisfação dos estudantes com o refeitório (31,1% dos estudantes revela um nível de satisfação elevado ou muito elevado, 37,6% médio, 16,1% baixo e muito baixo 9,9 %), a cafetaria (nível de satisfação elevado ou muito elevado 51%, médio 34,6%, baixo 9,7 % e muito baixo 3,4 %), ação social (nível de satisfação elevado ou muito elevado 49 %, médio 29%, baixo 5,3 % e muito baixo 1,5 %), serviço de saúde (nível de satisfação elevado ou muito elevado 28,5%, médio 33,5%, baixo 11% e muito baixo 4,2%), serviço de documentação (nível de satisfação elevado ou muito elevado 48,7%,

médio 39,03%, baixo 4,4 % e muito baixo 1%) apontam para a existência de alguma melhoria na satisfação, no último ano, mas ainda longe das metas definidas, de facto ainda há muitos estudantes a avaliarem negativamente alguns serviços que são pensados especialmente para eles, o que tem que fazer redobrar a nossa atenção, particularmente na construção dos cadernos de encargos e acompanhamento dos serviços concessionados.

Como afirmámos já no relatório anterior, se quisermos atingir as metas de excelência, que preconizamos, para além de termos de melhorar, nalguns destes aspetos, teremos que perceber melhor, por um lado as expectativas dos estudantes sobre quais são as condições que esperam encontrar na Escola e por outro que indicadores são sensíveis para medir se as concretizamos. O Conselho de Estudantes, que é constituído pelos estudantes dos órgãos e Direção da Associação de Estudantes, e que reúne regularmente uma vez por mês, com a presidente, permite ajudar a compreender e encontrar em conjunto para cada situação as soluções mais ajustadas às necessidades dos estudantes.

Relativamente aos estudantes importa pensar modos de os ajudar no domínio das técnicas de estudo e de promover a assunção de responsabilidades (Relatório com as principais conclusões dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico 2009-2013, com os docentes da ESEnfC entre 27/03 e 2/04 de 2012); neste sentido está a estudar-se o alargamento do serviço de saúde e apoio ao estudante no sentido de criar uma área de promoção de bem-estar nestes domínios.

Docentes e Não Docentes

Relativamente à qualificação e formação do corpo docente e não docente é possível afirmar que o programa definido para 2012 foi globalmente cumprido com sucesso relativamente aos não docentes. Relativamente ao plano proposto para os docentes pelo grupo responsável por esta área, apenas foi possível implementá-lo parcialmente, por questões ligadas à organização e funcionamento do próprio grupo.

Os docentes da Escola, mesmo aqueles para quem a obtenção de novos graus académicos não releva para a progressão na carreira, porque são já professores coordenadores, continuaram a envolver-se de forma determinada para que cumpríssemos a meta coletiva de virmos a ter dentro de cerca de quatro anos todos os professores com doutoramento. Este é um facto que importa reconhecer e aplaudir. Todos comungam a convicção de que o reconhecimento externo da qualidade das

instituições de ensino superior é feito em grande medida, pelas qualificações académicas dos seus docentes e de que importa que no futuro esse critério não possa nunca vir a impedir a acreditação de novos cursos que a Escola pretenda vir a oferecer. Assim, estiveram a desenvolver programas de doutoramento 53 docentes, destes 25 usufruíram de redução da atividade letiva a 50% e um a 100%. Todos foram apoiados financeiramente para o pagamento de propinas e de deslocações nos casos em que a frequência dos programas era fora de Coimbra. Concluíram provas seis docentes e aguardam marcação sete.

Como fomos confrontados com um novo desafio, imposto pela Lei nº 62/2007 de 10 de Setembro para as instituições de ensino superior politécnico, não basta termos um corpo docente de doutorados, precisamos também que alguns docentes com o título de especialista, previsto no artigo 48º da referida lei e regulado pelo Decreto-Lei nº 206/2009 de 31 de Agosto, que comprova a qualidade e especial relevância do currículo profissional numa determinada área, para podermos concretizar o requisito legal uma vez que a Lei estabelece: *“no conjunto dos docentes e investigadores, que desenvolvem atividade docente ou de investigação, a qualquer título, na instituição, pelo menos 15% devem ser doutores em regime de tempo integral, para além destes, pelo menos 35% devem ser detentores do título de especialista, os quais poderão igualmente ser detentores do grau de doutor”*. Este desafio foi já quase totalmente ultrapassado, uma vez que 47 docentes se candidataram e realizaram, provas públicas para especialista. O investimento na formação dos docentes rondou os 44860,42 €

O corpo Não-Docente, ao longo do último ano, revelou também uma grande consciência da importância das suas qualificações, não apenas para o seu desenvolvimento profissional mas também para a avaliação externa da instituição, verificou-se um grande aumento da dinâmica de formação profissional contínua, pensada em função das necessidades de melhoria do desempenho em cada serviço e organizada pelos próprios profissionais que se formam. Em 2012 todos os não docentes frequentaram, em média, cerca de duas ações de formação em áreas como: Organização do trabalho, gestão do tempo e do stress; qualidade profissional como ferramenta, Microsoft Office Word intermédio e avançado; workshop avançado processamento salarial e o código de trabalho; gestão de técnicas de atendimento presencial e telefónico; gestão de pessoal da comunicação interpessoal e assertividade; reengenharia de processos de arquivo-organização e manutenção; auditoria financeira, entre outras. O investimento neste plano de formação correspondeu a uma despesa de 4 209 € parcialmente financiados

pelo POPH. Manteve-se ativo o protocolo com a Escola Secundária Avelar Brotero no âmbito do programa novas oportunidades.

Ao nível da comunicação interna e divulgação da informação, aspeto que tínhamos considerado como uma área a melhorar, foi realizado um estudo pelos responsáveis desta medida no plano estratégico, tendo-se verificado que as estratégias e os esforços individuais e coletivos têm contribuído para a melhoria, existindo um bom nível de satisfação. Os dados do estudo foram já apresentados aos Presidentes de órgãos, Coordenadores de Unidades Científico-Pedagógicas, Coordenadores de Curso, serviços e setores e identificados aspetos para continuar a melhoria.

Importa, antes de terminar este capítulo, dar conta do balanço efetuado sobre este eixo estratégico. Não há qualquer dúvida de que a comunidade educativa da ESEnfC é uma comunidade coesa, as pessoas têm um elevado sentimento de pertença à instituição e identificam-se notavelmente com a Escola e com o seu projeto (Workshops de Balanço do Plano Estratégico, 2012).

EIXO – DIRECÇÃO, GESTÃO E DESENVOLVIMENTO

As medidas que nos propusemos implementar, ao longo de 2012, no âmbito do eixo estratégico Direção, Gestão, Desenvolvimento e Consolidação, deviam permitir “*o reforço da qualidade*” da ESEnfC como um todo. Foi com esta finalidade que assumimos o compromisso de continuar a trabalhar para aperfeiçoar e tornar cada vez mais claras as políticas, padrões e procedimentos para a garantia da qualidade de cursos, investigação, projetos de extensão e prestação de serviços à comunidade; de trabalhar na melhoria da avaliação sistemática de todos os processos e resultados, quer se tratasse de avaliação dos cursos, quer de aprendizagens de estudantes, quer de desempenhos de docentes e não docentes.

E foi com estes objetivos que elegemos as seguintes medidas: Promover a Garantia da Qualidade e a Empregabilidade e Implementar o Plano de abertura de concursos e recrutamento de docentes e não docentes, com vista a garantir as necessidades nos diferentes setores e Unidades da ESEnfC; Reforço das medidas que otimizem os recursos, a política de rigor, racionalidade e diminuição de despesa e a transparência na gestão dos recursos e financeira; Promover a captação de alunos para os cursos de Licenciatura e Pós-Licenciatura e promover a requalificação e manutenção dos edifícios da ESEnfC e respetivos equipamentos.

O trabalho e os resultados no âmbito da direção, gestão e consolidação, são partilhados por todos os que na Escola têm responsabilidades de coordenação de /ou gestão de unidades, órgãos, serviços ou projetos. Caracteriza-se por ser quase sempre invisível sendo essencialmente uma soma de pequenas coisas que passam muito pela motivação e criação de condições para que docentes, estudantes e não-docentes possam fazer “acontecer” Escola, aos diferentes níveis da sua missão. Ainda assim, apresentamos a seguir o balanço da implementação de algumas medidas previstas no plano de atividade e resultados obtidos:

- Promover uma cultura de qualidade que garanta a permanente autocrítica, melhoria contínua e retro-avaliação dos processos e, a acreditação da qualidade dos cursos e institucional foi o objetivo perseguido com os diferentes projetos e medidas implementadas ao longo de 2012. Assim, foi revisto o Manual da Qualidade, com a participação de todos os Presidentes de Órgãos, Coordenadores de UCP, coordenadores de curso, Unidades Diferenciadas e Serviços para orientar a ação e suportar a avaliação da qualidade, que continuou a ser uma preocupação de toda a comunidade educativa. Também, no decorrer deste processo foram revistos ou criados novos Regulamentos (Regulamento do Estudante a Tempo Parcial; Regulamento de Funcionamento do Conselho Coordenador para a Avaliação; Regulamento do Registo da Presença nas Aulas; Regulamento de Frequência e Avaliação para os Ciclos de Estudos Conducentes ao Grau de Mestre e Cursos de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem; Regulamento da Organização, Validação e Afixação das Pautas de Classificação através do Aplicativo Pasta Académica; Regulamento Orgânico dos Serviços Administrativos e de Apoio da ESEnfC; Regulamento da Residência da ESEnfC; Regulamento de Propinas; Regulamento de utilização dos Laboratórios da ESEnfC; Regulamento dos Concursos para Contratação de Professores ao Abrigo do Decreto-Lei nº 207/2009 e Lei 7/2010 e Regulamento do Provedor do Estudante).

Consideramos que a cultura de avaliação do que fazemos é cada vez mais intrínseca a todos os atores e mais generalizada a todos os processos, apesar de nalguns casos necessitarmos de continuar a encontrar estratégias, que possam facilitar a colheita de opinião de todos, que traduza de forma quantitativa o seu nível de satisfação. No sentido de uma melhor compreensão dos dados da avaliação colhidos e tratados pelo CQA implementou-se como estratégia, analisar os dados com os coordenadores de UCP, curso e serviços, solicitar-lhes a análise dos dados com as respetivas equipas e apresentação, não apenas de leituras críticas e contextualizadas dos mesmos, mas

também a identificação de áreas e estratégias de melhoria a implementar. Ao nível dos Serviços Administrativos e de Apoio esta estratégia tem permitido um acompanhamento sistemático dos serviços, a coesão e melhor articulação entre os serviços e a participação efetiva de todos na construção de estratégias para a resolução dos diferentes problemas. Foram também analisados os dados com o conselho de estudantes e identificadas estratégias de melhoria. A implicação de todos tem demonstrado que facilita a sua implementação.

O trabalho de análise e reflexão sobre a avaliação da atividade desenvolvida só foi e é possível porque o Conselho para a Qualidade e Avaliação (CQA) desenvolveu, como habitualmente, um trabalho que é cada vez mais importante, reconhecido e utilizado por todos. A satisfação de discentes, docentes, Tutores de ensino Clínico, Enfermeiros Chefes dos Serviços onde ocorre a formação clínica, diplomados e empregadores foi continuamente monitorizada, tendo sido produzidos e divulgados os relatórios sobre a satisfação com os cursos, com a Escola, e com os diplomados pela Escola.

O CQA iniciou em 2012 auditorias internas a vários setores/atividades com vista a melhorar a conformidade do trabalho desenvolvido com os referenciais de qualidade.

Ainda no domínio da avaliação foi entregue o relatório final, em Março de 2012 do estudo de avaliação desenvolvido, por uma entidade externa, sobre práticas de formação e avaliação em uso na Escola. Este estudo incluiu entrevistas com grupos focados, a estudantes, observação de aulas (55 – 110 horas de tempo letivo) e de sessões relativas aos ensinamentos clínicos (66), todos os docentes cujas sessões letivas ou de ensino clínico foram observadas foram também entrevistados, e entrevistas semiestruturadas a professores, estudantes e membros de órgãos da Escola e um questionário administrado a professores e estudantes, tendo respondido ao questionário 79 docentes e 587 estudantes.

Desenvolvemos 8 Workshops, com todos os docentes, para apresentação dos resultados, análise dos mesmos e identificação de medidas de melhoria a implementar. Mais uma vez constatámos a cultura de avaliação e vontade de contribuir para a melhoria contínua de docente e discentes, como pode ler-se no relatório preliminar do referido estudo *“Na verdade, praticamente todos os docentes foram inxcedíveis na calendarização das observações e das entrevistas e na forma como se relacionaram com os investigadores. Esta forma de estar dos docentes constitui uma característica invulgar em situações desta natureza, indiciando a existência de uma cultura que, é preciso dizê-lo claramente, não é comum no contexto do ensino superior e, muito particularmente, no*

contexto do ensino superior português.” E continuam: “*Os alunos foram igualmente bastante cooperantes e genericamente recetivos às tarefas que lhes foram propostas que, no essencial, se consubstanciaram na concessão de entrevistas na modalidade de focus groups e no preenchimento do questionário.*” (...) *os alunos que [realmente] participaram fizeram-no de forma interessada, motivada e crítica em relação a todas as questões abordadas.*” Também durante a análise dos resultados os docentes participaram ativamente de forma crítica e construtiva, produzindo relatórios do trabalho desenvolvido.

Os planos e relatórios que todas as Unidades Científico-Pedagógicas e Serviços produziram, juntamente com os relatórios produzidos pelo Conselho para a Qualidade e Avaliação permitiram ao longo do ano ter dados para retroalimentar os processos, introduzindo medidas com vista à sua melhoria e permitem-nos neste relatório ter indicadores de resultado para podermos prestar contas da atividade desenvolvida.

- No capítulo da implementação do Plano Estratégico de Médio Prazo para suprir as necessidades de docentes e não docentes, foram abertos e realizados os seguintes processos de recrutamento: admissão de assistentes convidados (41,67 ETI(s)); Concurso documental para Professor Coordenador na área de Enfermagem trabalho – Processo iniciado em 2012, Edital de Abertura do Concurso publicado em 4 de janeiro de 2013; procedimento de recrutamento de seleção para cargo de direção intermédia de 1º grau para Diretor de Serviços Administrativos – aberto em 28 de agosto de 2012; procedimento concursal para preenchimento de dois postos de trabalho na categoria e carreira geral de Técnico Superior na área de apoio aos órgãos de gestão por tempo indeterminado, concluído em 2012; procedimento concursal para preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Técnico Superior na área de Informática por tempo indeterminado – concluído em 2012; procedimento concursal para preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Técnico Superior, na área de coordenação de serviços técnicos de instalação, equipamento e serviços gerais por tempo indeterminado – aberto em 09 de maio de 2012 e concluído em 2012; preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Técnico Superior, na área de Aprovisionamento por tempo indeterminado – aberto em 09 de maio de 2012- ainda não concluído; preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Técnico Superior na área da Gestão de Projetos por tempo indeterminado – aberto em 09 de maio de 2012- concluído; procedimento concursal

para preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Assistente Técnico nas áreas dos Serviços Académicos e das Secretarias Científico – Pedagógicas por tempo indeterminado – aberto em 21 de dezembro de 2012 – concluído; preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Assistente Técnico na área do secretariado da gestão dos artigos científicos da Revista “Referência” a termo incerto – aberto em 09 de maio de 2012 – concluído; para preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Assistente Técnico na área de secretariado das atividades de extensão a termo certo - aberto em 09 de maio de 2012 – concluído; preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Assistente Técnico na área das relações nacionais e internacionais por tempo indeterminado – aberto em 09 de maio de 2012 – concluído; procedimento concursal para preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Assistente Operacional na área de apoio administrativo por tempo indeterminado – aberto em 9 de maio de 2012 – concluído; procedimento concursal para preenchimento de um posto de trabalho na categoria e carreira geral de Assistente Operacional na área de apoio ao serviço docente e serviços gerais por tempo indeterminado – aberto em 9 de maio de 2012- concluído.

- Com vista a continuar a promover a captação de alunos nos cursos de licenciatura e de Pós graduação/mestrados continuou a divulgar-se a ESEnfC a nível nacional nas Escolas Secundárias, quer através do envio de material de divulgação, quer através de visitas presenciais dirigidas aos alunos do 10º, 11º e 12º anos, nas quais se abordaram aspetos como o modelo de organização da escola, a oferta de cursos, o plano curricular do CLE, credibilidade institucional, atividades desenvolvidas, saídas profissionais, vida académica, etc. A ESEnfC participou, na maior feira de educação e formação organizada em Portugal - Futurália 2012 – Salão de Oferta Educativa, Formação e Empregabilidade, em Lisboa; na Qualific@ - Feira de Educação, Formação, Juventude e Emprego, no Porto e na Orienta-te - Feira de Ensino, Formação e Emprego, em Peniche. Continuou a desenvolver-se o projeto “Escola Aberta – Enfermagem: Ver para...Querer” (A ESEnfC foi visitada por 8 escolas secundárias, num total de 420 alunos e 30 professores). A ESEnfC, esteve ainda presente com um atelier de divulgação dos seus cursos, Revista Referência e Investigação no Congresso de Investigação Ibero-Americano, promovido pela OPS/OMS, que se realizou em Miami.

A este nível e por ser esta uma área crítica, foi decidido realizar um estudo “de mercado”, sobre necessidades de Formação Graduada e Pós-graduada, de nível nacional; critérios utilizados na escolha das formações e instituições a frequentar, etc. Foi para o efeito nomeado um grupo de trabalho, coordenado pela Presidente do Conselho Para a Qualidade e Avaliação.

- Ao nível das ações previstas no âmbito da remodelação, requalificação e equipamentos, terminaram-se as obras de remodelação do novo espaço para instalar a Unidade de Investigação e o Conselho para a Qualidade e Avaliação e procedeu-se ao respetivo equipamento. Abriu-se e foi concluído, concurso público para remodelação da zona de lavandaria/execução de armazém, e para remodelação da lavandaria do Polo C; abriu-se, e foi concluído, concurso público para requalificação das fachadas do Polo A e Polo C. Foi remodelado o arquivo, foram adquiridos equipamentos para apetrechamento do Arquivo, de laboratórios clínicos e de investigação; computadores de secretária e portáteis, impressoras, bens de mobiliário; serviços de desenvolvimento de *software*; estantes de arquivo; sistema antifurto para o Serviço de Documentação e Informação; telefones VOIP; aderiu-se ao serviço de pagamento de serviços por ATM; adquiriram-se leitores de cartões e respetivo equipamento de *software* para controlo de presenças de estudantes e ainda o serviço móvel terrestre.

Deu-se continuidade ao projeto de atualização da rede informática e construção de programas informáticos que permitam uma melhor gestão dos processos de ensino e gestão académica. No quadro da implementação do novo Regulamento de Frequência e Avaliação, que aumentou o número de horas de presença obrigatória, continuou a implementar-se a plataforma de horários, controlo de presenças, e processamento do registo da avaliação das aprendizagens e classificações, pelos docentes com ligação direta e imediata ao programa de alunos Sophia. Este processo tem ajudado a viabilizar não apenas a aplicação dos regulamentos e normativos legais neste domínio, mas também os custos inerente à sua implementação com rigor. Apesar das vantagens evidentes deste sistema, que continua em desenvolvimento para permitir desmaterializar a maioria dos processos ligados à gestão dos cursos e produção de indicadores de resultado fiáveis, a sua implementação tem gerado alguns equívocos e até mau estar pela sensação subjetiva de que pode facilitar o controlo da atividade dos docentes. Importa por isso refletir sobre os modos de flexibilizar a sua gestão e torná-la o mais amigável possível, sem que com isso se ponha em causa os objetivos para que foi criada.

- É habitual neste capítulo dar conta do balanço da utilização dos recursos financeiros. Em 2012 mercê da crise económica e financeira vivida em Portugal continuaram a ser aplicados planos de restrição orçamental que tiveram repercussões em todas as instituições públicas. A Escola procurou implementar medidas, reformulando programas, otimizando os recursos disponíveis e controlando sistematicamente as despesas conformando as restrições públicas com a atividade e despesas da instituição. Em 2012, a Escola contou com uma receita total, para funcionamento de 15 314 947 €, provenientes da transferência de orçamento geral do estado, 7 009 866 €, receita própria de propinas, 1 787 687 €, outras receitas próprias 904 050 € e 5 613 344 € correspondentes a saldos de gerência transitados. Sobre as receitas é importante notar que, quando comparada com o ano anterior, a transferência do orçamento geral do estado diminuiu 794 264 € (10,18%), tendo diminuído quando comparada com 2010 26,38%, e quando comparada com 2005, 28,79%. A receita própria também reduz em 2012 com algum significado devido a dois fatores. Por um lado, uma reprogramação dos prazos de pagamentos de prestações de propinas implementado para minimizar algumas dificuldades sociais e por outro lado, atrasos no recebimento de transferências de projetos orçamentados e já executados (projetos FCT-COMPETE e FEDER_POVT), valores que prevemos vir a receber em 2013.

A dependência do orçamento geral do estado aumentou ligeiramente em 2012 quando comparado com o ano de 2011. Este aumento deve-se ao facto de em 2011 termos arrecadado maiores receitas próprias quando comparadas com as de 2012. Essencialmente através de diversos projetos não regulares, executados dos quais se destaca a Conferência da ALADEFE e por não termos arrecadado a receita prevista de projetos já executados em 2011 (380.449,13€), por atrasos na transferência dos respetivos financiamentos financiamento.

Relativamente às despesas, ascenderam a um montante de 9.674.652 € podendo verificar-se que em 2012 executamos 15% de despesa a menos do que em 2011 quando consideramos a despesa total.

Quando comparamos a despesa excluindo os custos com Caixa Geral de Aposentações (em 2005 não havia custos com CGA), entre 2005 e 2012, verificamos uma despesa em 2012 inferior em 18,36% à despesa de 2005.

As despesas com pessoal em 2012 foram garantidas pela receita do Orçamento de Estado. As despesas de capital foram em 2012 de 651.823,11€ valor ligeiramente superior ao executado em 2011.

Podemos afirmar ter sido possível garantir equilíbrio orçamental, adequando um exercício de assunção de despesa adaptada a um rigoroso acompanhamento da execução da receita. As previsões de contenção de despesa do orçamento de estado nos próximos exercícios orçamentais, indicam-nos que este equilíbrio orçamental agora conseguido, poderá ser um exercício progressivamente mais difícil de conseguir nos próximos anos.

A apreciação que fazemos do trabalho desenvolvido na Escola ao longo de 2012 é muito positiva. Aliás, no mesmo sentido verificámos ser também essa a opinião manifestada pelos docentes ao longo dos Workshops realizados para balanço do Plano Estratégico.

Todos sentimos que a existência de um plano estratégico conhecido e construído com a participação de todos criou as condições para que tenhamos hoje uma visão de Escola comum que nos permite individual e coletivamente escolher caminhos a percorrer, (re) equacionar projetos, interrogar decisões e decidir. Importa no entanto com urgência reformular o plano a partir das opiniões recolhidas e consensualizadas e implementar o projeto de monitorização e seguimento do plano estratégico, já apresentado pela responsável pela ação a que, lamentavelmente, não demos despacho em tempo oportuno e que por certo nos ajudará a garantir um cumprimento efetivo de todas as metas definidas.

É a certeza de que todos queremos construir uma Escola caracterizada por um alto nível de participação de todos na tomada de decisão centrada na autorresponsabilidade, pela organização sustentada dos seus processos e pela visibilidade na comunidade, que é o maior garante de que continuaremos sempre a caminhar para a excelência ao nível de todas as áreas de missão.

Continuemos!

Coimbra, 30 de março 2012



Maria da Conceição Saraiva da Silva Costa Bento

Anexo I - Demonstração do nível de realização das metas previstas para 2012

EIXO – FORMAÇÃO

MEDIDA 1 – Promover a qualidade dos ciclos de estudos oferecidos: processos e resultados

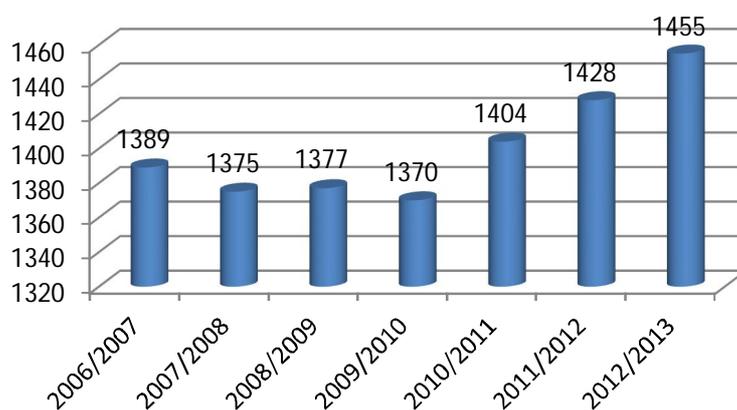
Meta 1. Número de alunos a frequentar cursos de curta duração ≥ 200

Realizado em 2012: Número de alunos a frequentar cursos de curta duração = 221

Meta 2. Número de alunos a frequentar em tempo completo os Cursos de Licenciatura ≥ 1400 .

Realizado em 2012: Número de alunos a frequentar em tempo completo os Cursos de Licenciatura = 1455.

Gráfico 1. Evolução do número de alunos a frequentar o CLE



Meta 3. Estar produzido o relatório sobre a avaliação das práticas de avaliação em uso com a opinião positiva de dois peritos - em 01.03.2012

Realizado em 2012: Meta cumprida. Esta meta refere-se ao Estudo “Uma Avaliação dos Processos de Aprendizagem, Ensino e Avaliação numa Escola Superior de Enfermagem”. Foi produzido o Relatório Final em Março de 2012 e desenvolvidas reuniões com todos os docentes para sua apreciação.

Meta 4. Número de reuniões para análise e debate dos resultados dos estudos efetuados = 7

Realizado em 2012: 12 *Workshops* em que participaram todos os docentes da Escola e os responsáveis pelos diferentes órgãos, para Balanço da Implementação do Plano Estratégico 2009-2013: desenhar o futuro com todos e para análise, discussão dos resultados do estudo de avaliação das Práticas de formação e avaliação em uso.

Meta 5. Média do nível de satisfação dos estudantes com a orientação e acompanhamento pedagógico em ensino clínico $\geq 3,5$

CLE

UC do Ensino Clínico – Fundamentos de Enfermagem:

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 3,89

UC do Ensino Clínico – Cuidados Primários/Diferenciados:

Satisfação com o acompanhamento por docente – 3,61

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 3,98

VI CPLE e Mestrado em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria (Ensino Clínico):

Núcleo Temático I (2º Semestre)

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4

Núcleo Temático II (2º Semestre)

Satisfação com o acompanhamento por docente – 3,33

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4

Núcleo Temático III (3º Semestre)

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4,14

V CPLE e Mestrado em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria (Ensino Clínico):

Ensino Clínico em Enfermagem de Saúde Mental Comunitária do 2º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4,13

Mestrado em Enfermagem de Saúde do Idoso e Geriatria

Estágio do 2º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 2,78

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 2,57

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação

UC do Ensino Clínico I do 3º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 5

UC do Ensino Clínico II do 3º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 3,5

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4

UC do Ensino Clínico III do 3º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4,5

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4,5

UC do Ensino Clínico IV do 3º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4,5

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 5

Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica

UC do Módulo IV - Estágio em Urgência e Cuidados Intensivos do 2º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4,33

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4,33

Mestrado em Enfermagem Médico- Cirúrgica

UC do Estágio I - Cuidados em Urgências e Cuidados Intensivos do 2º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 4

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 4

UC do Estágio II - Opção do 3º semestre

Satisfação com o acompanhamento por docente – 5

Satisfação com o acompanhamento por tutor/orientador – 5

Meta 6. Número de cursos de formação para tutores sobre metodologias de aprendizagem e avaliação em contexto de ensino clínico, que envolvam também docentes da ESEnfC e qualidade dos cursos ≥ 10

Realizado em 2012: Número de cursos de formação para tutores sobre metodologias de aprendizagem e avaliação em contexto de ensino clínico = 12

Meta 7. Número de tutores envolvidos na formação ≥ 100

Realizado em 2012: Número de orientadores/tutores envolvidos na formação = 195

Meta 8. Média de satisfação dos formandos dos cursos para tutores $\geq 3,5$

Realizado em 2012: Média de satisfação dos formandos dos cursos para tutores= 3,57

Meta 9. Número de auditorias das normas de gestão pedagógica - 2

Realizado em 2012: As auditorias previstas para 2012, por razões ligadas à organização do trabalho do Conselho para a Qualidade e Avaliação, foram realizadas no início de 2013.

Meta 10. Número de atividades, realizadas com vista a melhorar a articulação entre a investigação e os cursos oferecidos ≥ 4

Realizado em 2012: Foram realizadas reuniões, com todas as Unidades Científico-Pedagógicas, lideradas pela Vice-Presidente para a área científico-pedagógica e vice-coordenadora da UICISA- E para discutir/analisar as questões da articulação entre a investigação e o ensino, particularmente a investigação ligada aos diferentes cursos. Foram definidas orientações nesta matéria, particularmente no âmbito da relação entre investigação académica dos cursos, linhas e projetos inscritos na UICISA-E e investigação dos docentes e UCP(s).

Meta 11. Número de relatórios produzidos pelo grupo designado para a avaliação do Plano de Estudos – 1

Realizado em 2012: Foram criados quatro grupos de trabalho, dentro do Conselho Técnico Científico, para a discussão de alterações ao Plano de Estudos do CLE. Cada grupo reuniu uma vez entre si, tendo promovido também outras reuniões com os Coordenadores e Vice Coordenadores das UCPs. Além destas reuniões, o Plenário do Conselho Técnico Científico abordou esta questão em três reuniões distintas. Ainda não foi produzido o relatório final, dado ainda não existirem consensos sobre eventuais alterações a introduzir.

Meta 12. Número de horas lecionadas nos Cursos por professores estrangeiros ≥ 30

Realizado em 2012: Número de horas lecionadas nos Cursos por professores estrangeiros = 90 horas

Meta 13. Média de satisfação dos formandos sobre as horas lecionadas por professores estrangeiros $\geq 3,5$

Não foi avaliado.

Meta 14. Percentagem de ETI's de professores coordenadores e/ou professores com doutoramento e especialistas envolvidos na componente teórica dos cursos - $\geq 50\%$

Realizado em 2012: Percentagem de ETI's de professores coordenadores e/ou professores com doutoramento e/ou Título de Especialista envolvidos na componente teórica dos cursos = 92,60%

Meta 15. Percentagem de ETI's de professores coordenadores e/ou professores com doutoramento e/ou Título de Especialista envolvidos no ensino clínico dos cursos $\geq 25\%$

Realizado em 2012: Percentagem de ETI's de professores coordenadores e/ou professores com doutoramento envolvidos no ensino clínico dos cursos = 41 %

Meta 16. Número de docentes de carreira com doutoramento ≥ 40

Realizado em 2012: Número de docentes de carreira com doutoramento e vínculo à Escola = 46 (para além destes aguardam provas de doutoramento 7 docentes).

Número de docentes de carreira com doutoramento com e sem vínculo à Escola = 69

Meta 17. Número de docentes em Doutoramento, com vínculo à ESEnfC ≥ 58

Realizado em 2012: Número de Docentes em Doutoramento = 53

Meta 18: Número de Docentes com Título de Especialista ≥ 40

Realizado em 2012: Número de Docente com Título de Especialista - 47

MEDIDA 2 – Continuar a alargar e diversificar a oferta formativa de pós-graduações e cursos de mestrado, que incluam uma componente curricular que corresponda a formação avançada em áreas especializadas e que respondam a claras necessidades, em cuidados de enfermagem na atualidade (exemplo:

enfermagem em cuidados paliativos; enfermagem oncológica e sistemas de informação em enfermagem).

Meta 1. Número de cursos de Mestrado a funcionar – 3

Realizado em 2012: Número de cursos de Mestrado a funcionar -10

Meta 2. Número de vagas para os Cursos de Mestrado – 180

Realizado em 2012: Número de vagas para os Cursos de Mestrado – 216

Meta 3. Número de alunos a frequentar os Cursos de Mestrado ≥ 300

Realizado em 2012: Número de alunos a frequentar os Cursos de Mestrado = 682

Meta 4. Média de satisfação dos alunos dos Cursos de Mestrado $\geq 3,5$

Realizado em 2012: Média de satisfação dos alunos dos Cursos de Mestrado e Pós Licenciatura: com o Curso = 3,5; com a Escola = 3,5

Meta 5. Número de vagas para Cursos de Formação Pós-graduada não conferentes de grau (inclui cursos com a designação de pós-graduação e formação avançada, exclui Pós-Licenciaturas) ≥ 125

Realizado em 2012: Número de vagas para Cursos de Formação Pós-graduada não conferentes de grau = 221

Meta 6. Número de cursos de formação profissional pós-graduada (inclui cursos com a designação de pós-graduação e formação avançada, exclui Pós-Licenciaturas) a funcionar ≥ 11

Realizado em 2012: Número de cursos de formação profissional pós-graduada a funcionar = 12

Meta 7. Número de alunos a frequentar formação profissional especializada, para enfermeiros dos PALOP ≥ 20

Realizado em 2012: Número de alunos a frequentar formação profissional especializada, para enfermeiros dos PALOP = 15 alunos de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe

Meta 8. Média da satisfação de alunos a frequentar formação profissional especializada, para enfermeiros dos PALOP - $\geq 3,5$

Realizado em 2012: Não foi avaliado pelo CQA.

MEDIDA 3. - Numa perspetiva de antecipação do futuro e no quadro dos novos modelos de desenvolvimento profissional que se desenham, iniciar o trabalho de preparação com vista a criar a "Unidade de Desenvolvimento, Reconhecimento, Validação e Revalidação de Competências", especializada no reconhecimento de aprendizagens e competências clínicas de enfermagem.

Meta 1. Estar criado o grupo de estudo sobre RVRC 31.07.2012

Meta não cumprida.

MEDIDA 4. – Promover a formação pedagógica dos docentes da ESEnfC.

Meta 1. Número de docentes e Enfermeiros (Curso de Formação Pedagógica) ≥ 30

A Comissão responsável pela formação dos docentes entendeu dar prioridade aos Cursos de Revisão Sistemática de Literatura; Pesquisa Avançada em Bases de Dados Bibliográficos Online; Análise Estatística Avançada e Estratégias de Supervisão de Estudantes em Ensino Clínico, uma vez que estavam a decorrer os Workshop para análise e discussão dos resultados do estudo “Uma Avaliação dos Processos de Aprendizagem e Avaliação, em Uso na ESEnfC”, parecendo ser mais eficaz planejar esta formação a partir desses resultados. Em 2013, está já planeada formação “Implicações Pedagógicas da Filosofia de Bolonha”, com vista a refletirmos sobre o Modelo de formação em uso e perspetivas futuras.

MEDIDA 5. – Colaborar com outras Instituições de Ensino

Meta 1. Colaborar com o Curso de Doutoramento em Ciências da Saúde: Ramo Enfermagem, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; Com o Curso de Mestrado em Economia da Saúde, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Mestrado em Cuidados Paliativos e Bioética, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

Meta cumprida.

EIXO – INVESTIGAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

MEDIDA 1 – Reforçar a investigação, desenvolvimento e inovação

Meta 1. Número de projetos inscritos na UI ≥ 55

Realizado em 2012: Número de projetos ativos inscritos na UI = 42 projetos estruturantes e 141 projetos associados;

Meta 2. Número de projetos financiados ≥ 10

Realizado em 2012: Número de projetos financiados = 8

Meta 3. Número de projetos candidatados para financiamento pela FCT ou outro ≥ 6

Realizado em 2012: Número de projetos candidatos para financiamento pela FCT ou outro = 10

Meta 4. Percentagem de projetos inscritos na UI, com investigadores da prática clínica $\geq 65\%$

Realizado em 2012: Percentagem de projetos inscritos na UI, com investigadores da prática clínica = 100%

Meta 5. Número de doutorandos inscritos na UI ≥ 58

Realizado em 2012: Número de doutorandos inscritos na UI = 34

Meta 6. Número de investigadores doutorados inscritos na UI ≥ 42 .

Realizado em 2012: Número de investigadores doutorados inscritos na UI = 42

Meta 7. Número de investigadores em colaboração inscritos na UI ≥ 52

Realizado em 2012: Número de investigadores em colaboração inscritos na UI = 96

Meta 8. Número de revisões sistemáticas desenvolvidas no âmbito da atividade como Centro Colaborador Joanna Briggs – 1

Realizado em 2012: Número de revisões sistemáticas desenvolvidas no âmbito da atividade como Centro Colaborador Joanna Briggs = Foram aprovados dois títulos, submetidos dois protocolo de investigação, tendo até ao final de 2012 sido já aprovado um.

MEDIDA 2 - Promover a divulgação do conhecimento produzido

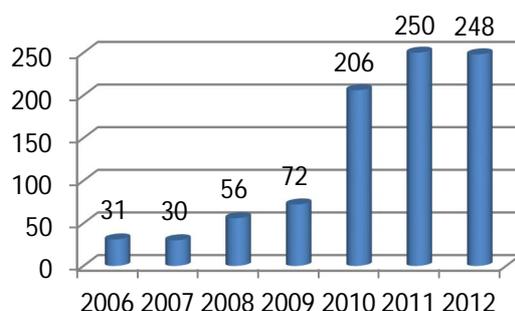
Meta 1. Número de comunicações proferidas por docentes da escola em congressos e outros encontros científicos nacionais ≥ 200

Realizado em 2012: Número de comunicações proferidas por docentes da escola em congressos e outros encontros científicos nacionais = 126

Meta 2. Número de comunicações proferidas por docentes da escola em congressos e outros encontros científicos internacionais com referee ≥ 180

Realizado em 2012: Número de comunicações proferidas por docentes da escola em congressos e outros encontros científicos internacionais = 248

Gráfico 1. Evolução do número de comunicações proferidas pelos docentes da escola em congressos e outros eventos científicos internacionais



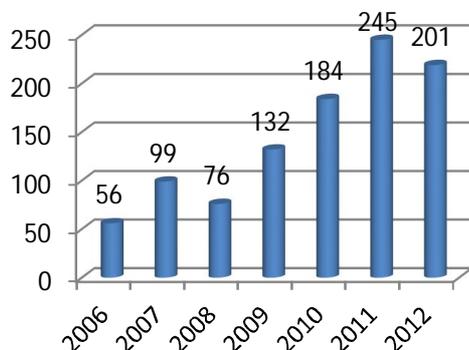
Meta 3. Número de congressos e ou atividades de formação para investigadores apoiadas ≥ 20

Realizado em 2012: Foram apoiados todos os congressos, e atividades científicas propostas pela UICISA-E e pelas Unidades Científico-Pedagógicas. Realizaram-se em 2012, dezoito congressos/jornadas/seminários de cariz científico (apresentação de investigação arbitrada por pares), sendo de realçar de entre eles, a realização do III Congresso de Investigação Ibero-Americano e de Países de Língua Oficial Portuguesa, que juntou 521 investigadores.

Meta 4. Número de artigos publicados por docentes da escola em revistas, como autor principal ≥ 150

Realizado em 2012: Número de artigos publicados por docentes da escola em revistas, como autor principal = 201.

Gráfico 2. Evolução do número de artigos publicados pelos docentes da escola em revistas como autor principal



Meta 5. Número de artigos publicados por docentes da escola em revistas referenciadas no *Institute for Scientific Information (ISI)* – 1 por doutor

Realizado em 2012: Número de artigos publicados por docentes da escola em revistas referenciadas no *Institute for Scientific Information (ISI)* = 6

Meta 6. Número de bases de indexação da Revista Referência ≥ 6

Realizado em 2012: Número de bases de indexação da Revista Referência = 4 (SciELO, Latindex, Cinhal e Cuiden).

Meta 7. Número de artigos publicados na Referência ≥ 35

Realizado em 2012: Número de artigos publicados na Referência = 58.

Meta 8. Línguas de publicação da Referência ≥ 3

Realizado em 2012: Línguas de publicação da Referência = 3

Meta 9. Número de locais/tipos de divulgação internacional da Revista ≥ 5

Realizado em 2012: Número de locais/tipos de divulgação internacional da revista = 5

- Cantarida, Cinahl, , Latindex, SciELO, ESEnfC (divulgação em full text).

- Cibere – Conselho Iberoamericano de Editores de Revistas de Enfermería Y Afins

MEDIDA 3 - Promover a articulação entre ensino e investigação e a formação de investigadores.

Meta 1. Número de estudantes dos cursos envolvidos em projetos de investigação da UI ≥ 20 .

Realizado em 2012: Número de estudantes dos cursos envolvidos em projetos de investigação da UI =300

Meta 2. Número de bolsiros de investigação ≥ 6

Realizado em 2012: Número de bolsiros de investigação = 51 (5 BII, 10 BI; 2 BD; 34 BPD;)

Meta 3. Número de bolsas de mérito científico ≥ 2

Realizado em 2012: Número de bolsas de mérito = 6

Meta 4. Número de investigadores estrangeiros, a realizar investigação/formação na UICISA-E ≥ 6

Realizado em 2012: Número de investigadores estrangeiros = 19

EIXO – PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

MEDIDA 1 – Implementação do plano de desenvolvimento da área da prestação de serviços à comunidade.

O Plano e Regulamentos nesta área estão em fase de aprovação. No entanto, os projetos iniciados mantêm-se (23 projetos, que envolvem 64 docentes) e iniciaram-se novos projetos, na área da prestação de serviços de preparação para a parentalidade e haptionomia e na prevenção do risco de doença cardíaca.

MEDIDA 2 – Manter e incentivar o desenvolvimento de projetos de colaboração com instituições de ensino básico, secundário e solidariedade social, no âmbito da educação no domínio da saúde, com quem a Escola tem protocolos e estendê-los a

outras instituições, particularmente projetos que divulguem a Escola e a Enfermagem junto dos potenciais clientes do curso de licenciatura.

Meta 1. Número de projetos de extensão na comunidade com ligação a escolas ≥ 10

Realizado em 2012: Número de projetos de extensão na comunidade com ligação a Escolas = 11

Meta 2. Número de projetos de extensão na comunidade com ligação a serviços de saúde ≥ 10

Realizado em 2012: Número de projetos de extensão na comunidade com ligação a serviços de saúde = 12

Meta 3. Número de docentes envolvidos em projetos de prestação de serviços à comunidade ≥ 20

Realizado em 2012: Número de docentes envolvidos em projetos de prestação de serviços à comunidade = 64

Meta 4. Estar *on-line* o Portal de Enfermagem. 31.09.2012

Meta não cumprida.

Meta 5. Número de utentes atendidos no Centro de Promoção de Auto Cuidado. ≥ 25

Realizado em 2012: Número de utentes atendidos no Centro de Promoção de Auto Cuidado = 19

Meta 6. Número de consultas prestadas no Centro de Promoção de Auto Cuidado ≥ 25

Realizado em 2012: Número de consultas prestadas no Centro de Promoção de Auto Cuidado = 19 consultas pré natais e 5 consultas pós natais.

MEDIDA 3 – Continuar a promover projetos de formação em contexto de trabalho desenvolvidos em parceria com os Serviços de Saúde e Formação, que

configurem contrapartidas à colaboração que as Instituições dão à Escola no domínio dos ensinamentos clínicos.

Meta cumprida. Desenvolveram-se vários projetos de formação no âmbito da formação em suporte básico de vida, na área da Enfermagem de Saúde Mental e Comunitária (envolvendo vários Centros de Saúde da ARS de Coimbra, IPO).

MEDIDA 4 – Continuar o trabalho de criação do portal da saúde: domínio de enfermagem, onde a escola ofereça serviços - de informação, ensino, treino - direcionado a famílias que vivem transições no seu processo de saúde das quais tenha resultado ou possa vir a resultar dependência, de um dos membros, para a realização das Atividades de Vida Quotidiana. Encontrar formas de financiamento comunitário para este projeto.

Meta não cumprida. **Portal do Felizmente**

EIXO – INTERNACIONALIZAÇÃO E COOPERAÇÃO

MEDIDA 1. Reforçar a Internacionalização dos cursos oferecidos

Meta 1. Número de horas curriculares lecionadas por professores estrangeiros por curso ≥ 10

Realizado em 2012: Foram lecionadas nos cursos em funcionamento, 90 horas curriculares, por professores estrangeiros.

Meta 2. Número de acordos bilaterais novos com Países da América Latina, EUA e Canadá – 7

Realizado em 2012: Número de acordos bilaterais novos com Países da América Latina, EUA e Canadá = 3

MEDIDA 2. Promover a mobilidade internacional de docentes e estudantes

Meta 1. Número de docentes estrangeiros recebidos na Escola ≥ 60

Realizado em 2012: Número de docentes estrangeiros recebidos na Escola = 345 (destes 29 realizaram missões de ensino e 19 missões no âmbito de Formação/investigação.

Meta 2. Número de acordos estabelecidos para a realização de formação conjunta = 2

Realizado em 2012: Estabeleceram-se para este efeito dois acordos.

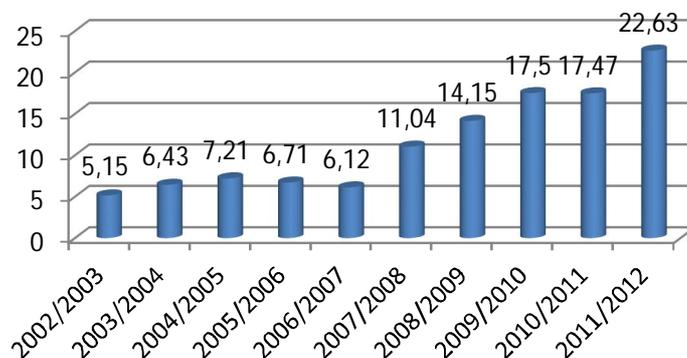
Meta 3. Número de novos acordos bilaterais no âmbito do programa ERASMUS ≥ 8

Realizado em 2012: Número de novos acordos bilaterais no âmbito do programa ERASMUS =12

Meta 4. Percentagem de diplomados que faz um período de estudos no estrangeiro ao longo do Curso $\geq 17,5\%$

Realizado em 2012: Percentagem de diplomados que faz um período de estudos no estrangeiro ao longo do Curso = 22,63%

Gráfico 1- Evolução da percentagem de diplomados da Escola que realizaram um período de estudos numa Universidade estrangeira



Meta 5. Média de satisfação dos da experiência de mobilidade $\geq 3,5\%$

Realizado em 2012: Não foi avaliado.

Meta 6. Número de novos acordos bilaterais com instituições de ensino superior de Países de Língua Oficial Portuguesa ≥ 1

Realizado em 2012: Número de novos acordos bilaterais com instituições de ensino superior de Países de Língua Oficial Portuguesa = 1

Meta 7. Número de Cursos de Licenciatura Apoiados nos Países de Língua Oficial Portuguesa ≥ 2

Realizado em 2012: Mantem-se o apoio a todos os cursos de Licenciatura (três) e Curso de Complemento de Formação em Enfermagem em funcionamento na Universidade de cabo Verde (Pólos da Praia e Mindelo).

Meta 8. Número de escolas contactadas para a criação da Associação das Instituições de Ensino Superior dos PALOP com ensino de Enfermagem ≥ 11

Realizado em 2012: Foram contactadas todas as Escolas/Universidades que estiveram representadas na reunião da AULP, em Moçambique, no total de oito. A primeira

reunião da Rede (designação que acabámos por considerar mais adequada e que inclui também as instituições brasileiras e portuguesas) realizar-se-á em Julho de 2013.

Meta 9. Número de estudantes estrangeiros que realizam um período de estudos na Escola ≥ 40

Realizado em 2012: Número de estudantes estrangeiros que realizam um período de estudos na Escola = 82

Ao abrigo do Erasmus: 31 alunos; ao abrigo de protocolos com o Brasil: 10 alunos; ao abrigo do programa Ciência sem Fronteiras: 4 alunos; ao abrigo de protocolos com Cabo Verde: 4 alunos; 33 estudantes da Bélgica e 13 da Universidade nacional do México.

Ao abrigo do Vasco da Gama (alunos portugueses): 7 alunos

Meta 10. Média de satisfação da experiência de mobilidade dos estudantes estrangeiros que realizam um período de estudos na Escola $\geq 3,5$.

Realizado em 2012: Não foi avaliado.

Meta 11. Número de docentes que realizam missões de ensino ao abrigo do programa ERASMUS ≥ 30

Realizado em 2012: Número de docentes que realizam missões de ensino ao abrigo do programa ERASMUS = 30

MEDIDA 3. Promover a cooperação com os PALOP

Meta 1. Número de missões de ensino realizadas por professores da Escola nos PALOP para apoiar o desenvolvimento de cursos de licenciatura ≥ 17

Realizado em 2012: Número de missões em Cabo Verde = 14.

EIXO – COMUNIDADE EDUCATIVA

MEDIDA 1. Promover a formação global dos estudantes e as condições de vida da escola

Meta 1. Número de ações de formação sobre construção de "Curriculum vitae" e "CV Interpass" ≥ 12

Realizado em 2012: Estas temáticas foram integradas na Unidade Curricular de Integração à vida profissional, tendo englobado todos os estudantes do 4º Ano. Para além das atividades desenvolvidas em âmbito curricular, foi ainda realizada uma ação sobre construção de "Curriculum vitae" e "CV Interpass", aberta a estudantes e graduados.

Meta 2. Percentagem de licenciados apoiados na procura de emprego e na gestão da carreira = 100%

Realizado em 2012: Percentagem de licenciados apoiados na procura de emprego e na gestão da carreira: enviada informação sobre ofertas de emprego à totalidade dos recém-licenciados, oferecido apoio e acompanhamento por meios eletrónicos a todos os graduados. 10,5% de graduados do último ano procurou ajuda presencial no Serviço de Apoio aos Novos Graduados.

Meta 3. Taxa de sucesso escolar $\geq 87%$

Realizado em 2012: Taxa de sucesso escolar do CLE, em 2011/2012 = 89,15

Gráfico 1. Evolução da taxa de sucesso do CLE

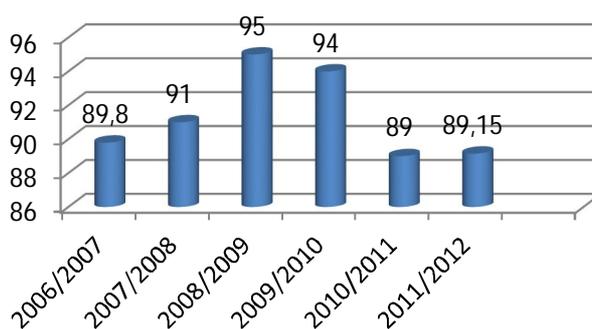
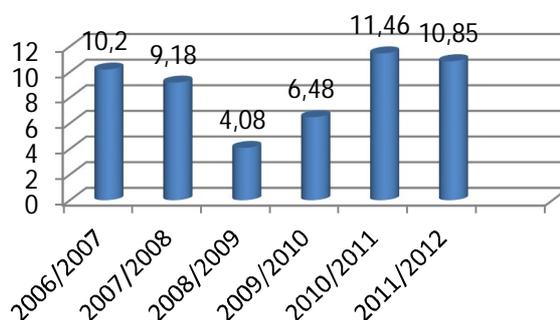


Gráfico 2. Evolução da taxa de insucesso do CLE



Meta 4. Número de estudantes envolvidos no projeto de tutoria por estudante mais velho ≥ 30 .

Todos os estudantes do primeiro ano foram acolhidos por um estudante mais velho, durante a semana de integração e que permanece o seu elo de referência á vida da Escola e à Cidade. Este projeto foi avaliado pelo CQA, sendo considerado muito positivo pelos estudantes e docentes, que o viveram.

Meta 5. Número de projetos de empreendedorismo apoiados ≥ 12

Realizado em 2012: Número de projetos de empreendedorismo apoiados = 5

Meta 6. Número de estudantes envolvidos em projetos de empreendedorismo ≥ 60

Realizado em 2012: Número de estudantes envolvidos em projetos de empreendedorismo = 75

Meta 7. Média de satisfação pela participação nos projetos de empreendedorismo $\geq 3,5$.

Realizado em 2012: Foram enviados 54 *emails* aos estudantes que pertencem ao projeto Poliemprende, não houve respostas, logo, os dados não foram tratados.

Meta 8. Número de cursos livres em línguas estrangeira ≥ 8

Realizado em 2012: Número de cursos livres em línguas estrangeira = 14

Meta 9. Número de estudantes que realizam um curso de língua estrangeira ≥ 200

Realizado em 2012: Número de estudantes que realizam um curso de língua estrangeira = 431

Meta 10. Média de satisfação dos estudantes que realizam um curso de língua estrangeira $\geq 3,5$

Obtiveram aprovação 81,55% de estudantes nos Cursos de Inglês, tendo avaliado o curso com Muito Bom 94,98% (avaliação efetuada no último dia de aulas, em sala). Nos Cursos de Espanhol, obtiveram aprovação 65,74% dos estudantes, não existindo resultados da avaliação de satisfação Nos Cursos de Francês, obtiveram aprovação 43,75% dos estudantes. De acordo com informação do CQA foi enviado um questionário por *email* a todos os estudantes que participaram em cursos de língua estrangeira a solicitar a colaboração para a identificação do grau de satisfação relativo a essa participação. Devido à baixa taxa de respostas (5 respostas) os dados não foram tratados.

Meta 11. Número de projetos extracurriculares com participação de estudantes ≥ 10

Realizado em 2012: Número de projetos extracurriculares com participação de estudantes = 15

Meta 12. Número de estudantes envolvidos em projetos extracurriculares com intervenção na comunidade ≥ 100

Realizado em 2012: Número de estudantes envolvidos em projetos extracurriculares com intervenção na comunidade = 559

Meta 13. Média de satisfação dos estudantes envolvidos em projetos extracurriculares $\geq 3,5$

Realizado em 2012: Foram enviados 39 *emails* a estudantes que pertenciam ao projeto (O) Usar & Ser Laço Branco, e 54 *emails* a estudantes que pertenciam ao projeto Poliemprende. Apenas se obtiveram 4 respostas relativas ao projeto (O) Usar & Ser Laço Branco, pelo que, devido à baixa taxa de resposta, os dados não foram tratados.

Meta 14. Número de atividades realizadas no âmbito da comemoração de dias nacionais e internacionais relacionados com a saúde e educação ≥ 8

Realizado em 2012: Número de atividades realizadas no âmbito da comemoração de dias nacionais e internacionais relacionados com a saúde e educação = 7.

Foram comemorados o “*Dia Internacional da Mulher*” (envolveu toda a Comunidade Educativa), “*Dia Mundial da Criança*” (77 inscritos), “*Dia Mundial do Ambiente*” (62 inscritos), “*Semana da Amamentação*” (241 inscritos), “*Dia de São Valentim*” (envolveu toda a Comunidade Educativa), “*Dia Internacional da Família*” (118 inscritos) e “*Dia Internacional da Pessoa com Deficiência*” (cerca de 30 participantes).

Meta 15. Número de estudantes apoiados com apoio específico extraordinário para estudantes especialmente carenciados = ao número de estudantes com rendimento per capita ≤ 100 euros - 50

Realizado em 2012: Número de estudantes apoiados com rendimento per capita ≤ 100 euros = 48 (foram apoiados todos os estudantes que solicitaram apoio e ou que foram identificados pelos serviços com carências graves – apoio maioritariamente em senhas de refeição e isenção de juros associados a atrasos no pagamento de propinas e/ou atos académicos). Foram autorizados todos os estudantes que o solicitaram a pagar as propinas após recebimento da Bolsa de Estudo. Nalguns casos foram negociados planos de pagamento de propinas, com os estudantes, de modo a garantir que não abandonassem os estudos por razões económicas.

Meta 16. Média da avaliação dos estudantes sobre o serviço de residência, cantinas e cafetarias, serviço de saúde escolar e ação social $\geq 3,5$

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **estudantes** com o Serviço de **Residência** foi = 3,10; com o Serviço de **Cantina** = 3,02, com o Serviço de **Cafetarias** = 3,49, Serviço de **Saúde Escolar** = 3,48 e Serviço de **Ação Social** = 3,38.

Meta 17. Média da avaliação dos estudantes sobre a satisfação com a escola $\geq 3,5$

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **estudantes** com a Escola foi = 3,58.

Meta 18. Número de projetos propostos por estudantes ou pela Associação de Estudantes apoiados ≥ 10

Realizado em 2012 = 10

MEDIDA 2 Implementar as condições previstas na legislação relativa à Saúde Ocupacional.

Nomeada Comissão de docentes, responsável pela saúde escolar, ocupacional, ação social e apoio ao estudante, que iniciou a reorganização destes serviços.

MEDIDA 3. Promover a formação contínua de docentes

Meta 1. Estar elaborado o Plano de Formação Anual dos Docentes - em 31.01.2012

Meta cumprida. (O Plano de Formação Anual dos Docentes integra o Plano de Atividades 2012.)

Meta 2. Número de atividades de formação financiadas a docentes que participam em projetos de prestação de serviços e ou intervenção na comunidade, por docente
1

Realizado em 2012: Número médio de atividades de formação financiadas a docentes que participam em projetos de prestação de serviços e ou intervenção na comunidade, por docente = 2

Meta 3. Número de docentes que participam em projetos de prestação de serviços e que frequentam atividades de formação financiadas ≥ 10

Realizado em 2012: Número de docentes que participam em projetos de prestação de serviços e que frequentam atividades de formação financiadas = 66

MEDIDA 4. Promover a formação contínua de não docentes

Meta 1. Número de atividades de formação frequentada por cada funcionário ≥ 2

Realizado em 2012: Número médio de atividades de formação frequentada por cada funcionário = 1,5.

Meta 2. Número de Doutores apoiados com redução de 50% da atividade letiva ≥ 30

Realizado em 2012: Número de Doutores apoiados com redução de 50% da atividade letiva = 25 mais 1 docente com redução de 100% (correspondente ao total de docentes que solicitou redução do trabalho letivo para este fim).

Número de Docentes que concluiu Pós-Doutoramento em 2012 = 1

Número de docentes que iniciou Pós-Doutoramento, em 2012/2013 = 4

EIXO – DIRECÇÃO, GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

MEDIDA 1. Promover a Garantia da Qualidade e a Empregabilidade

Meta 1. Número de cursos avaliados – Igual ao número de cursos em funcionamento

Meta cumprida.

Meta 2. Licenciados auscultados sobre a situação do percurso profissional = 100%

Realizado em 2012: Foi feito contato a 100% dos licenciados. Conseguiu-se auscultar sobre a situação do percurso profissional 68,21%.

Meta 3. Empregadores auscultados = 100%

Realizado em 2012: Foram contactadas todas as entidades empregadoras de novos licenciados pela ESEnfC, em dois momentos diferentes.

Meta 4. Conhecimento da situação de emprego dos licenciados pela Escola nos últimos 2 anos = 100%

Realizado em 2012: A taxa de empregabilidade ao fim de 1 ano foi de 86,99%.

Meta 5. Número de vezes em que é auscultada a satisfação dos diferentes atores da comunidade educativa ≥ 2 vezes ano

Realizado em 2012: Os docentes e não-docentes foram auscultados uma vez. Os estudantes foram auscultados duas vezes.

Meta 6. Percentagem de docentes e não docentes que considera o seu nível de satisfação elevado ou muito elevado com os Serviços de Recursos Humanos $\geq 90%$

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **docentes** com os Serviços de Recursos Humanos foi = 4,07

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **não docentes** com os Serviços de Recursos Humanos foi: *Assistentes Técnicos e Técnicos Superiores* = 3,50; *Assistentes Operacionais* = 3,57.

Meta 7. Percentagem de docentes que considera o seu nível de satisfação elevado ou muito elevado com as Secretarias Científico Pedagógicas $\geq 90\%$ ¹

Realizado em 2012: A média de satisfação dos docentes com as Secretarias Científico Pedagógicas foi = 3,78.

Meta 8. Percentagem de docentes que consideram que tiveram boas condições para a realização do seu trabalho na componente ensino $\geq 80\%$.

Realizado em 2012: A média de satisfação dos docentes com as condições para a realização do seu trabalho na componente ensino foi = 4,15.

Meta 9. Percentagem de investigadores doutorados que consideram que tiveram boas condições para a realização do seu trabalho na componente investigação $\geq 60\%$.

Realizado em 2012: A média de satisfação dos docentes com as condições para a realização do seu trabalho na componente investigação foi = 3,26.

Nota: O que foi avaliado pelo CQA foi a percentagem de docentes, e não de investigadores doutorados. São por isso esses dados que se apresentam.

Meta 10. Percentagem de não docentes que considera estar satisfeito ou muito satisfeito com o trabalho que realiza $\geq 80\%$

¹ O Conselho para a Qualidade e Avaliação, utilizou para a avaliação da satisfação uma escala de um a cinco e apresentou os resultados de acordo com a média de score obtido.

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **não docentes** com o trabalho que realizam foi: *Assistentes Técnicos e Técnicos Superiores* = 3,83; *Assistentes Operacionais* = 3,57.

Meta 11. Percentagem de estudantes e docentes que classificam o seu nível de satisfação elevado ou muito elevado com os Serviços de Documentação $\geq 70\%$

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **estudantes** com os Serviços de Documentação e Informação foi = 3,52

Realizado em 2012: A média de satisfação dos **docentes** com os Serviços de Documentação e Informação foi = 3,85.

MEDIDA 2. Implementar o Plano de Abertura de Concursos e Recrutamento de pessoal docente e não docente com vista a garantir as necessidades nos diferentes sectores e unidades da ESEnfC

Realizado em 2012. Meta cumprida.

MEDIDA 3. Reforço das medidas que otimizem os recursos, a política de rigor, racionalidade e diminuição de despesa e a transparência na gestão dos recursos e financeira

Meta 1. Redução dos custos associados aos consumos de água, gás, papel e materiais escolares de uso corrente e laboratorial - 10%

Realizado em 2012: Esta meta não foi cumprida. A subida no custo dos serviços impediu a sua concretização. Apesar da diminuição da maioria dos consumos, através do esforço conjunto de docentes e não docentes e uma vez que pelo menos dois edifícios estiveram totalmente encerrados em Agosto, esta não se refletiu em redução da despesa uma vez que o aumento do IVA associado a serviços e bens e o aumento, nalguns casos, do seu custo impediu.

Meta 2. Estar definido o plano para o desenvolvimento dos recursos humanos da Escola inscrito no Mapa de Pessoal as respetivas necessidades de recrutamento - em 31.03.2012

Meta cumprida. O plano e mapa foram desenvolvidos em 2012 e constam do plano de atividades para 2013.

Meta 3. Terem-se cumprido as metas definidas para 2012 no plano de atividades - 90%

É difícil avaliar com precisão esta meta pelo que apresentamos a seguir o conjunto de quadros com uma indicação das metas cumpridas, cumpridas parcialmente superadas e não cumpridas. A maioria das metas não cumpridas resulta de alterações e ajustamento ao planeado inicialmente.

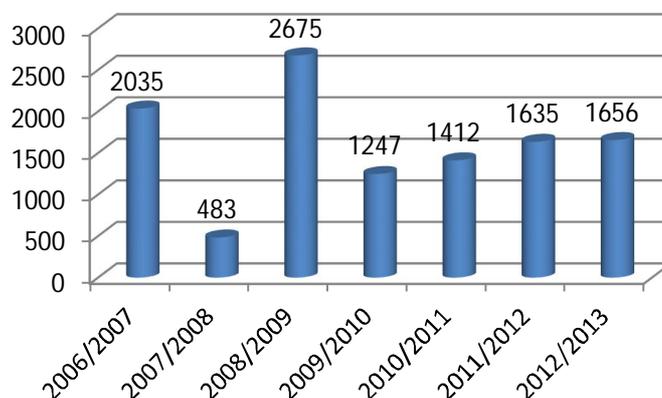
MEDIDA 5. Promover a requalificação e manutenção dos edifícios da ESEnfC e respetivos equipamentos.

Meta 1. Número de projetos de requalificação realizados ≥ 1

Realizado em 2012: Número de projetos de requalificação realizados = 2

ANEXO II – Outros indicadores relevantes

Gráfico 1. Evolução do Número de Alunos que se candidataram à Escola



Quadro 1. Execução de Despesas Diretas da Unidade de Investigação, por fonte de financiamento (Quadro 1- Projeto Estratégico - Pest_OE/SAL/UI0742/2011_2012)

Descrição	2012		
	ESEnC	FCT	Total
Despesas com pessoal	61.372,24 €	19.342,09 €	80.714,33 €
Missões	0,00 €	56.166,98 €	56.166,98 €
Outras despesas correntes	42.790,67 €	24.288,93€	67.079,60€
Total	104.162,91 €	99.798,00 €	203.960,91 €
% Financiamento	51,07%	48,93%	100%

Quadro 2. Projetos de Extensão e Prestação de Serviços à Comunidade, em 2012

Projeto	População alvo	Equipa	Entidades envolvidas
5 ao Dia	Crianças e jovens com idade escolar entre os 6 e os 12 anos e respetivos pais, professores e escolas.	Marina Montezuma e Estudantes de Enfermagem	ARS Centro, Mercado Abastecedor de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, Escola Superior Agrária de Coimbra, DREC, Fundação Portuguesa de Cardiologia – Delegação Centro.
Saúde sobre Rodas	População-alvo da Equipa de Rua – Equipa de Apoio Social Direto da Associação Integrar.	Marina Montezuma	Associação Integrar
Mão Amiga	Cuidadores formais	Marília Simões e José Manuel Pinto	Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova (Centros de Saúde, Lares de Idosos e Unidades de Cuidados Continuados do Concelho de Condeixa)
Tu Decides	Comunidades educativas do ensino básico 2/3 e secundário (professores, alunos e pais)	Irma Brito e Fernando Mendes (coordenadores) e estudantes do Atelier de Expressividade IREFREA Portugal	Escola Secundária José Falcão, Escola Secundária D Dinis, Escola EB2/3 Rainha Santa Isabel, Colégio Rainha Santa Isabel
Antes que te Queimes	Estudantes e empresários de restauração em contexto recreativo	Irma Brito (coordenadora) e estudantes do Atelier de Expressividade	IREFREA Portugal, ARS Centro, Associação Existências, Núcleo de Estudantes de Medicina da UBI, Instituto Superior de Ciências da Saúde da Universidade Agostinho Neto
Take Care	Jovens de menor idade que consomem álcool da comunidade de Eiras	Irma Brito e Maria do Rosário Mendes	IREFREA Portugal, Centro de Saúde de Eiras, Escola Secundária D Dinis, Escola EB2/3 Rainha Santa Isabel
Peer	Instituições do Ensino Superior Promotoras de Saúde; Comunidades Educativas do Ensino Superior (professores, alunos e não docentes)	Irma Brito e Fernando Mendes (coordenadores) e grupos semente (professores e alunos e não docentes)	IREFREA Portugal, Universidade Federal Fluminense, Universidade de Cabo Verde, Escola Superior de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa de Oliveira de Azeméis, Universidade dos Açores, Escola Superior de Enfermagem de Vila Real, Escola Superior de Enfermagem de S. José de Cluny, Universidade Federal de Santa Catarina (Campus Chapecó) e Universidade Agostinho

			Neto, The International Collaboration on Participatory Health Research (ICPHR)
Capacitar para Cuidar – projeto Experimental	Membros da família prestadores de cuidados de população adulta da zona centro do país	Isabel Moreira, Maria Isabel Fernandes, Helena Cristina Freitas, Rosa Cristina Lopes	ESEnFC
COFOE – Leonardo da Vinci (Coerência em Formação e Avaliação por Competências)	Instituições de Ensino Superior	António Amaral, José Hermínio Gomes, Luis Batalha	Haute École Léonard da Vinci; Klaipeda Seamen's Hospital; Klaipėdos Kolegija; Panstwowy Wyższa Szkoła Zawodowa w Nysie e o Szpital Miejski w Nysie (Polónia)
Escola Aberta: Enfermagem... Ver para Querer	Estudantes do Ensino Secundário	Maria Vitória Almeida (coordenadora), Ana Bela Caetano, Ana Poço, Clara Ventura, Conceição Baía, Henrique Nunes, João Franco, José Hermínio Gomes, Júlia Carvalho, Luís Paiva, Lurdes Lomba, Paulo Alexandre Ferreira, Rosa Melo, Rui Baptista e Teresa Silva	ESEnFC e Escolas Secundárias
SauDar: Saúde, Género e Migrações em Saúde: Mulheres imigrantes no Concelho de Coimbra	Mulheres imigrantes	Ana Paula Monteiro, Maria Neto, Ana Costa, Natália Cruz	Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; Centro de Acolhimento João Paulo II; Centro Local de Apoio ao Imigrante de Coimbra; Centro Local de Apoio ao Imigrante de Aveiro; Câmara Municipal de Coimbra; Administração Regional de Saúde (ARS Centro); Hospital Pediátrico de Coimbra; Maternidade Bissaya Barreto; Serviços Sociais (e Médicos) da Universidade de Coimbra; Liga dos Amigos do Hospital da Universidade de Coimbra; Cáritas; Equipa de Intervenção Social Ergueite; Centro Integrado de Apoio Familiar de Coimbra (CEIFAC); Associação de Pesquisadores e Investigadores Brasileiros na U.C; Secção de Defesa dos Direitos Humanos da AAC; SOS Estudante; Graal
GPFAIR – Grupo de Projeto de Formação, Assessoria e Investigação em Reanimação	Enfermeiros, técnicos de saúde, cidadãos	Rui Batista (Coordenador), José Carlos Martins, Jorge Apóstolo, Elizabete Fonseca, Luís Batalha, Luís Paiva, Verónica	Conselho Português de Ressuscitação

		Coutinho, Paulo Alexandre Ferreira, Luís Oliveira, Carlos Oliveira, João Graveto, Rui Gonçalves	
IP MEP (MULTidisciplinary European Program)	Estudantes do Ensino Superior	Armando Silva, Cândida Loureiro e Cidalina Abreu	França (Lille, Valenciennes) Portugal (Coimbra, Leiria) Finlândia (Kemi-Tornio, Joensuu), Espanha (Girona) Bélgica (Namur) Letónia (Riga), Lituânia (Klaipeda State College)
Licenciatura em Cabo Verde	Estudantes de Enfermagem	Aida Cruz Mendes, Helena Brísio, Helena Quaresma, Irma Brito, Isabel Simões, João Graveto, Jorge Apóstolo, Luís Paiva, Manuela Frederico, Rosário Carreiró, Providência Marinheiro, Rui Batista, Vitória Almeida	Universidade de Cabo Verde
(O)Usar e Ser Laço Branco	Estudantes do Ensino Superior e/ou Ensino Secundário	Ana Bela Caetano, Ana Filipa Cardoso, Ana Maria Poço, Cristina Veríssimo, Isabel Fernandes (coordenadora), Joana Fabião (coordenadora), Júlia Carvalho, Luís Paiva, Maria Clara Ventura, Maria da Conceição Alegre de Sá (coordenadora), Maria Neto (coordenadora), Teresa Silva e diversos estudantes da ESEnfC	ESEnfC
Projeto de Divulgação da ESEnfC às Escolas Secundárias	Estudantes do Ensino Secundário	Maria Arminda Gomes (Coordenadora), Ana Poço, Marina Montezuma	ESEnfC
Poliemprende	Estudantes de escolas dos Institutos Politécnicos, com inscrição em vigor; diplomados de qualquer grau, por escolas pertencentes a Institutos Politécnicos; docentes dos Institutos Politécnicos, ou outros indivíduos, desde que integrando equipas constituídas por estudantes e diplomados	Pedro Parreira (coordenador), Amélia Filomena Castilho; Anabela Salgueiro; Carlos Alberto Silva; João Graveto; João Lucas da Costa; João Nuno Oliveira; José Manuel Pinto; José Hermínio Gomes; Rosa Cândida de Melo	Institutos Politécnicos Portugueses
Projeto + Contigo	Estudantes do Ensino Básico, 2º e 3º Ciclos, e Ensino Secundário	José Carlos Santos (coordenador), Jorge Façanha, Lúcia Amélia, Maria Pedro Erse e Rosa Simões	ARS Centro; DREC; Consulta de Prevenção de Suicídio do CHUC; Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Pediátrico de

			Coimbra; Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Infante D. Pedro, Aveiro.
Projeto Desvendar	Utentes do Centro de Saúde Norton de Matos	Isabel Marques (coordenadora), Clara Lopes, Conceição Milheiro, Fernando Carvalho	Centro de Saúde Norton de Matos
Promoção e Educação para a Saúde no Agrupamento de Escolas Inês de Castro	Estudantes, professores e trabalhadores do Agrupamento de Escolas Inês de Castro	Cristina Veríssimo (coordenadora), António Pedro Mendes, Fausto Correia, Margarida Alexandra Silva	Agrupamento de Escolas Inês de Castro, Centro de Saúde de Santa Clara, Centro de Saúde de S. Martinho do Bispo
Promoção e Educação para a Saúde no Colégio de S. Martinho	Estudantes, professores e trabalhadores do Colégio de S. Martinho	Clarinda Cruzeiro (coordenadora) e Professores da UCP de Enfermagem de Saúde Pública, Familiar e Comunitária	Colégio de S. Martinho
Promoção e Educação para a Saúde no Instituto Educativo de Souselas	Estudantes, professores e trabalhadores do Instituto Educativo de Souselas	Maria Arminda Gomes (coordenadora), Ana Poço, Anabela Salgueiro, José Carlos Martins, Manuel Mariz, Marina Montezuma, Paulo Alexandre Ferreira, Teresa Silva e Vitória Almeida	Instituto Educativo de Souselas
Ser Saudável: Uma Aposta no/com Futuro	Estudantes do Ensino Secundário	Joana Fabião (coordenadora), Maria Neto (coordenadora), Marina Montezuma	Escola Secundária Infanta D. Maria
Terna Aventura – Preparação para o parto e parentalidade	Grávidas/casais-grupos de preparação para o parto: entre as 28 e 32 semanas de gravidez/ Acompanhamento Haptonómico: entre as 16 e 28 semanas de gravidez	Rosa Moreira, Teresa Silva, Ana Poço, João Franco	ESEnFC
Promoção em e com Saúde na ESEnFC	Estudantes de Enfermagem	Rosa Maria Pedroso, Helena Freitas, Irma Brito, Regina Amado, Marília Neves, Rosa Cândida Melo, Armando Silva, Rosa Lopes, Maria do Céu Carrageta	ESEnFC
Estimulação Cognitiva	População Sénior do Concelho de Coimbra	João Luís Apóstolo, Maria de Lurdes Almeida, Alberto Barata, Isabel Gil, Ana Isabel Rosa	Lar de Idosos “Quinta Verde, Repouso e Lazer”; Casa dos Pobres; Centro Social de São José; Junta de Freguesia dos Olivais; Junta de Freguesias de São Martinho Árvore
Antecipar a Experiência de Ser Idoso	Estudantes do Ensino Básico (9º ano) e Secundário	Maria de Lurdes Almeida; Alberto Barata; Isabel Gil; João Luís Apóstolo; Lígia Cristina Rolo; Maria Paula Cordeiro; Susana Duarte	Escolas Secundárias D. Duarte e Dona Maria; Escola Básica nº2 de Vilarinho do Bairro; Câmara Municipal de Coimbra
Passeios com Cidadania	Idosos da Comunidade	Maria de Lurdes Almeida; Alberto Barata; Isabel Gil;	Câmara Municipal de Coimbra; Aposénior

		João Luís Apóstolo; Maria Paula Cordeiro; Susana Duarte	(Universidade da Terceira Idade); Junta de Freguesia de Santo António dos Olivais; Lares de Idosos; Centro Social de São José; Cáritas Diocesana de Coimbra
--	--	---	---

Quadro 3. Protocolos estabelecidos em 2012

Entidade (s)	Objeto	Tipo
Nacionais		
Associação de Estudantes da ESEnfC e Projecto (O) Usar & Ser Laço Branco	Estabelecer laços de cooperação de modo a que as partes possam beneficiar no âmbito das atividades promotoras do desenvolvimento integral dos estudantes da Escola.	Acordo de Colaboração
Associação Integrar	Formalizar a cooperação entre as duas entidades no âmbito do Projeto Saúde Sobre Rodas , ao nível da intervenção com a população-alvo da Equipa de Rua – Equipa de Apoio Social Direto da Associação Integrar.	Protocolo de Colaboração
Novartis Farma – Produtos Farmacêuticos SA.	Criar as condições para a organização do “I Curso de Pós Graduação em Enfermagem na Esclerose Múltipla”.	Protocolo de Cooperação
Clube de Tempos Livres de Santa Clara	Estabelecer laços de cooperação no âmbito de planos de formação, atividades de educação para a saúde, projetos conjuntos de natureza social, cultural, pedagógica, científica, de voluntariado e outras.	Protocolo de Cooperação Social
Município de Coimbra, Escola Superior de Educação de Coimbra, Associação APOJOVI/APOSENIOR, Cáritas Diocesana de Coimbra, Centro Paroquial de Bem Estar Social de Almalaguês, Centro Social da Legião da Boa Vontade	Implementar o Programa de Ação designado “Coimbra Gera[A]ções”; Colaborar no campo do envelhecimento ativo e da solidariedade intergeracional.	Protocolo de Parceria Local
Administração Regional de Saúde do Centro, I.P, Associação de Estudantes (AE) da ESEnfC, IREFREA Portugal, Associação Existências, Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra e Núcleo de Pereira da Cruz Vermelha.	Regular as iniciativas a desenvolver no âmbito do projeto “Antes que te Queimes: diversão sem risco nas festas académicas”.	Protocolo de Cooperação
Universidade de Évora	Estreitar relações de cooperação e intercâmbio entre as Instituições, no âmbito do ensino, formação, projetos de investigação, prestação de serviços, utilização de equipamentos e espaços, estágios, e outros.	Protocolo de Colaboração
Banco Espírito Santo	Desenvolver um relacionamento entre as duas Instituições, cobrindo as diversas dimensões da sua atividade, tendo em vista a criação de valor para ambas, beneficiando os estudantes, professores e demais colaboradores da ESEnfC.	Protocolo de Colaboração Institucional
Internacionais		
Universidade da Columbia (<i>Columbia University School</i>)	Desenvolver atividades de colaboração do interesse comum de ambas as Instituições no âmbito da investigação e do ensino, intercâmbio de material	Memorando de Entendimento

	acadêmico, alunos e pessoal, e organização de conferências e atividades.	
Universidade Federal de Alfenas (Brasil)	Desenvolver cooperação entre as duas Instituições nos domínios científico, pedagógico e cultural de interesse comum, no âmbito da investigação e do ensino, intercâmbio de alunos e pessoal, e organização de conferências e atividades.	Protocolo de Colaboração
Programa de Formação e Investigação <i>Mental Health First Aid</i> , Austrália	Regulamentar a utilização do Programa <i>Youth Mental Helth First Aid</i> e respectivos materiais em Portugal, pela ESEnfC.	Memorando de Entendimento
Universidade Nacional Autónoma do México	Estabelecer as bases para fomentar os programas educacionais e de mobilidade de professores e alunos entre ambas as instituições.	Convénio de Colaboração

Quadro 4. Novos acordos bilaterais estabelecidos para a mobilidade Erasmus de estudantes e docentes

<i>Universitat Autònoma de Barcelona</i>	Espanha
<i>Universidad de Huelva</i>	Espanha
<i>Universidad Autónoma de Madrid</i>	Espanha
<i>Universidad de la Laguna - Tenerife</i>	Espanha
<i>Universitat Jaume I</i>	Espanha
<i>Tallinn Health Care College</i>	Espanha
<i>Università degli Studi di Genova</i>	Itália
<i>Scuola Universitaria professionale della Svizzera italiana</i>	Suiça
<i>Mehmet Akif Ersoy University</i>	Turquia
<i>Yeditepe University</i>	Turquia
<i>Akdeniz Universitesi</i>	Turquia
<i>Sakarya University</i>	Turquia

ANEXO III – Dados de opinião de estudantes e docentes obtidos no âmbito, da avaliação desenvolvida pelo Conselho da Qualidade e Avaliação

1 – Dados de opinião dos Estudantes

Gráfico 1 - Opinião dos estudantes acerca das Unidades Curriculares do 1º ano, CLE

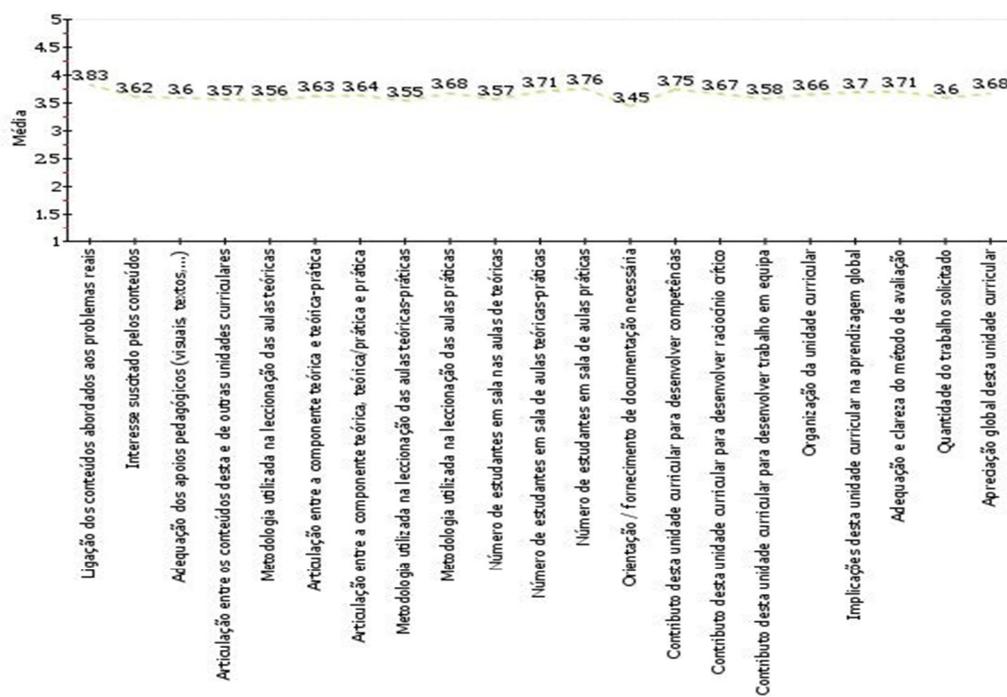


Gráfico 2- Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 1º ano, CLE

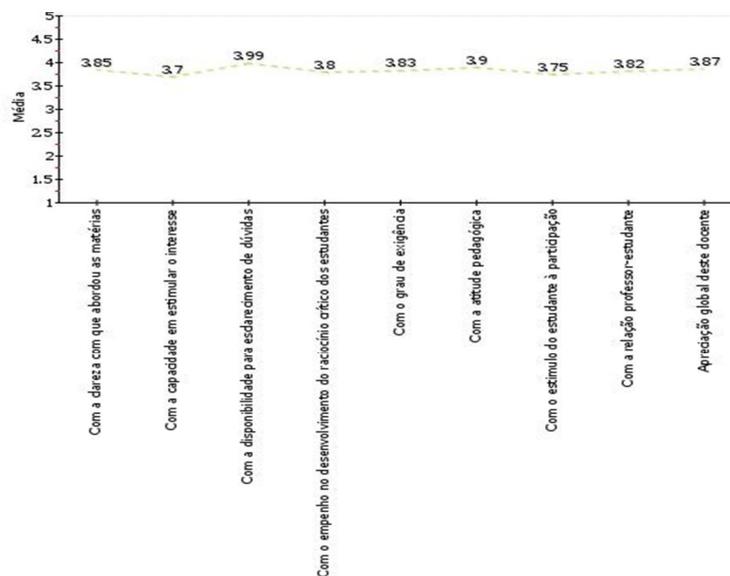


Gráfico 3 - Opinião dos estudantes acerca das Unidades Curriculares do 2ºano, CLE

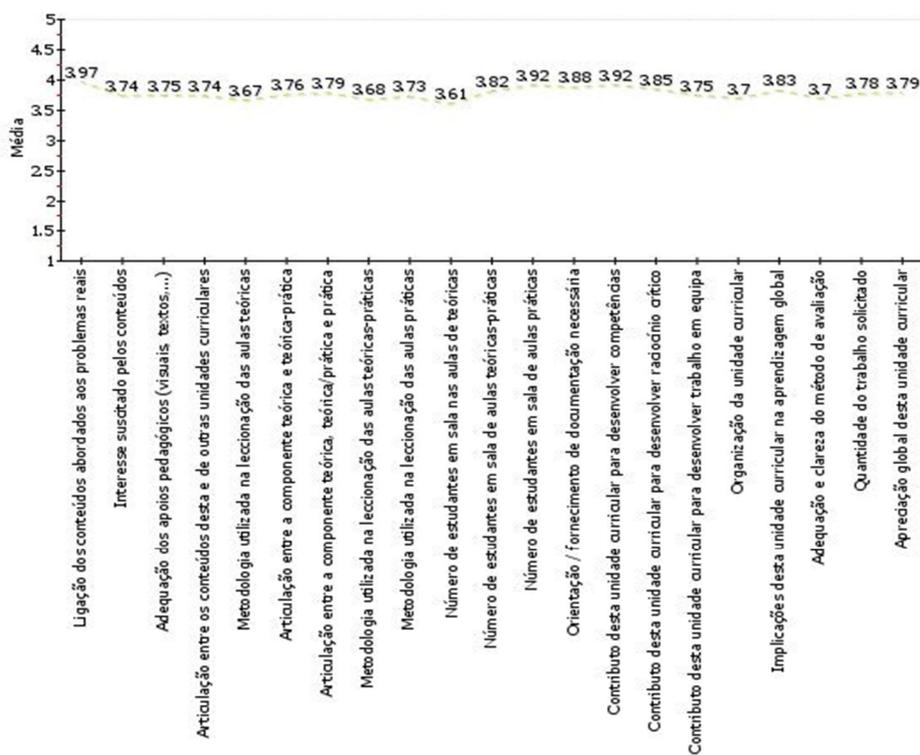


Gráfico 4 - Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 2ºano, CLE

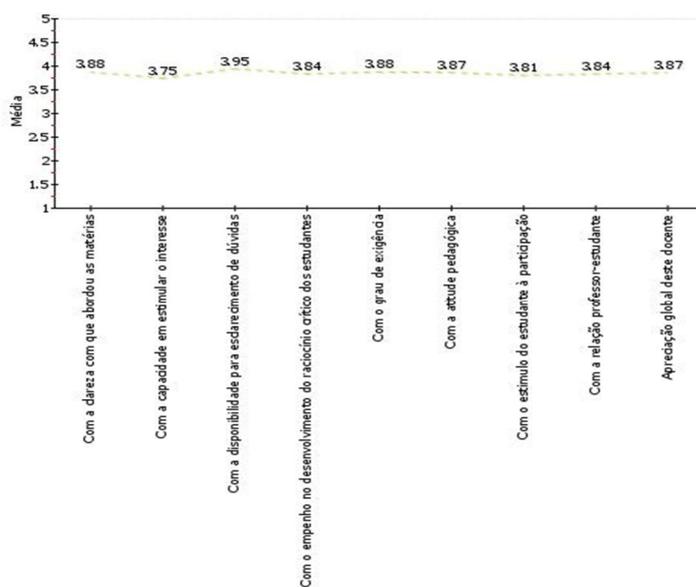


Gráfico 5 - Opinião dos estudantes acerca das Unidades Curriculares do 3ºano, CLE

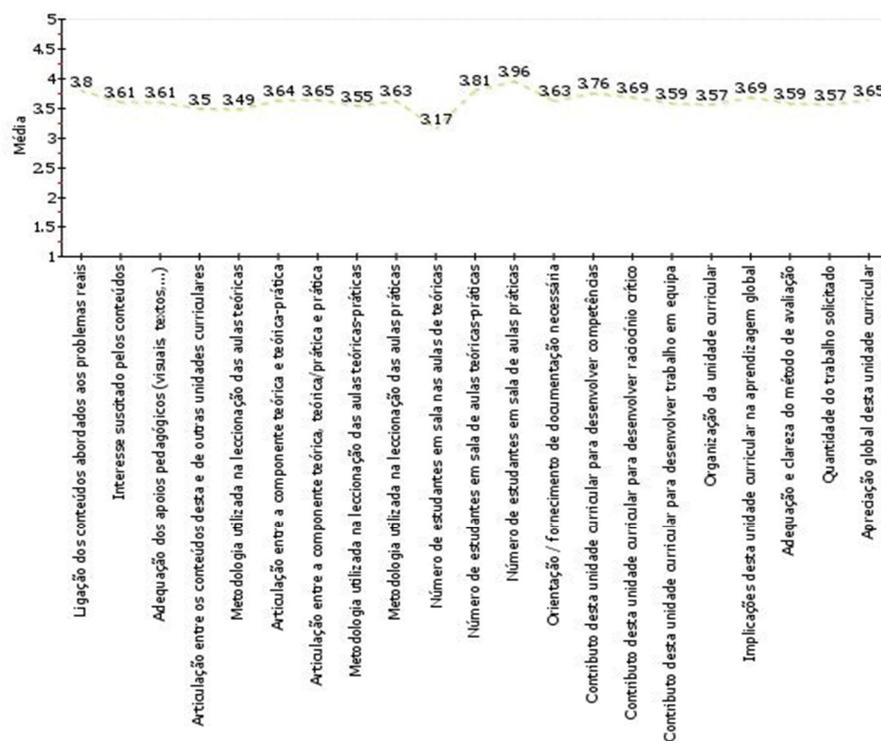


Gráfico 6 - Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 3ºano, CLE

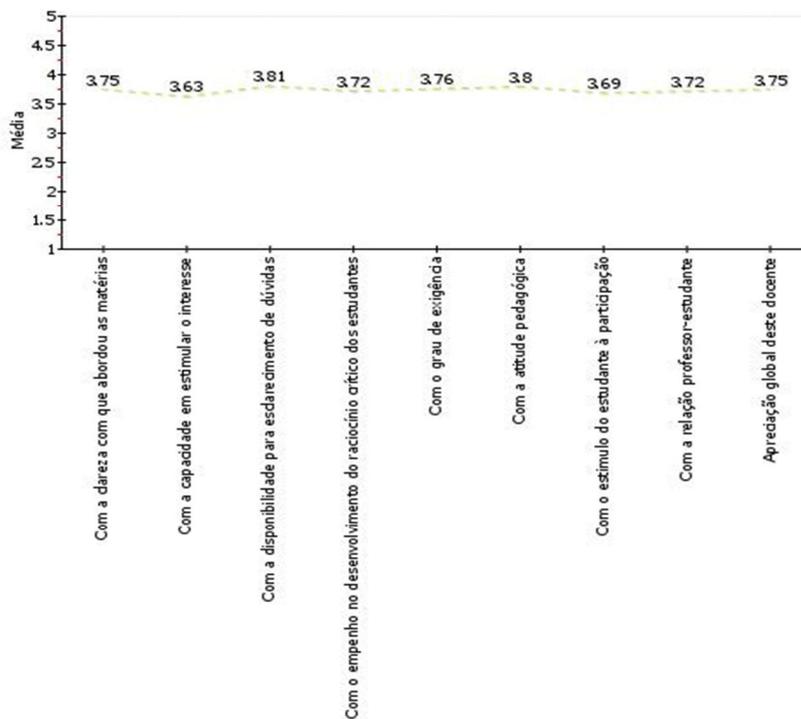


Gráfico 7 – Opinião dos estudantes acerca das Unidades Curriculares do 4ºano, CLE

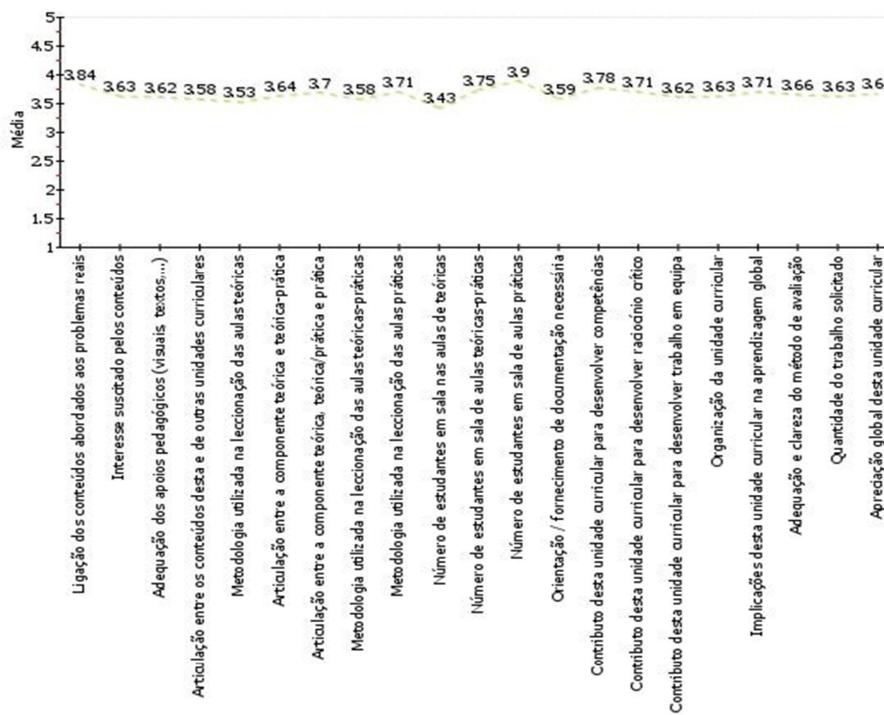


Gráfico 8 - Opinião dos estudantes acerca dos Docentes do 4ºano, CLE

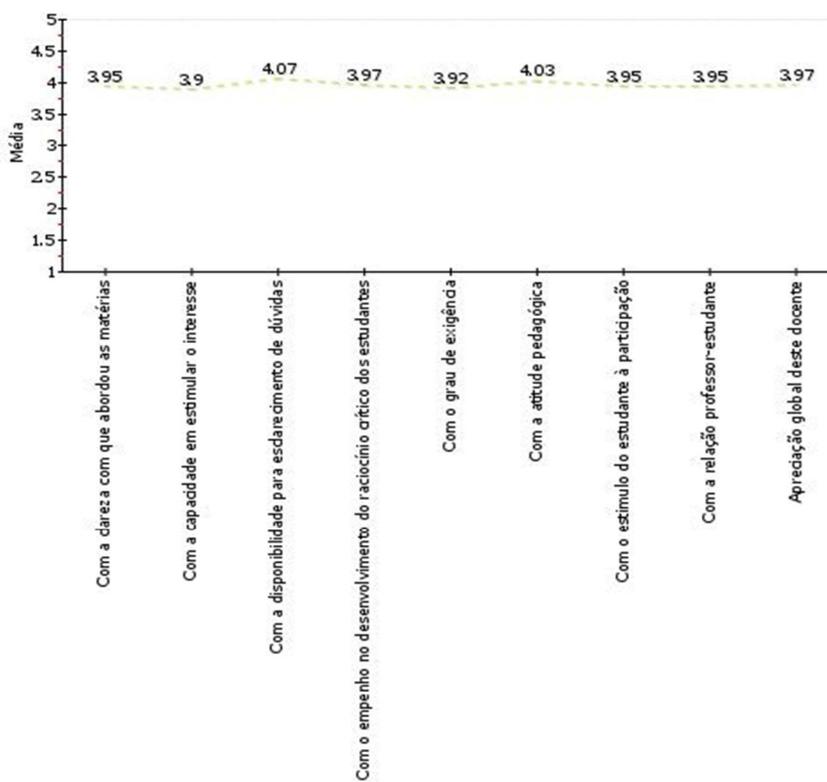
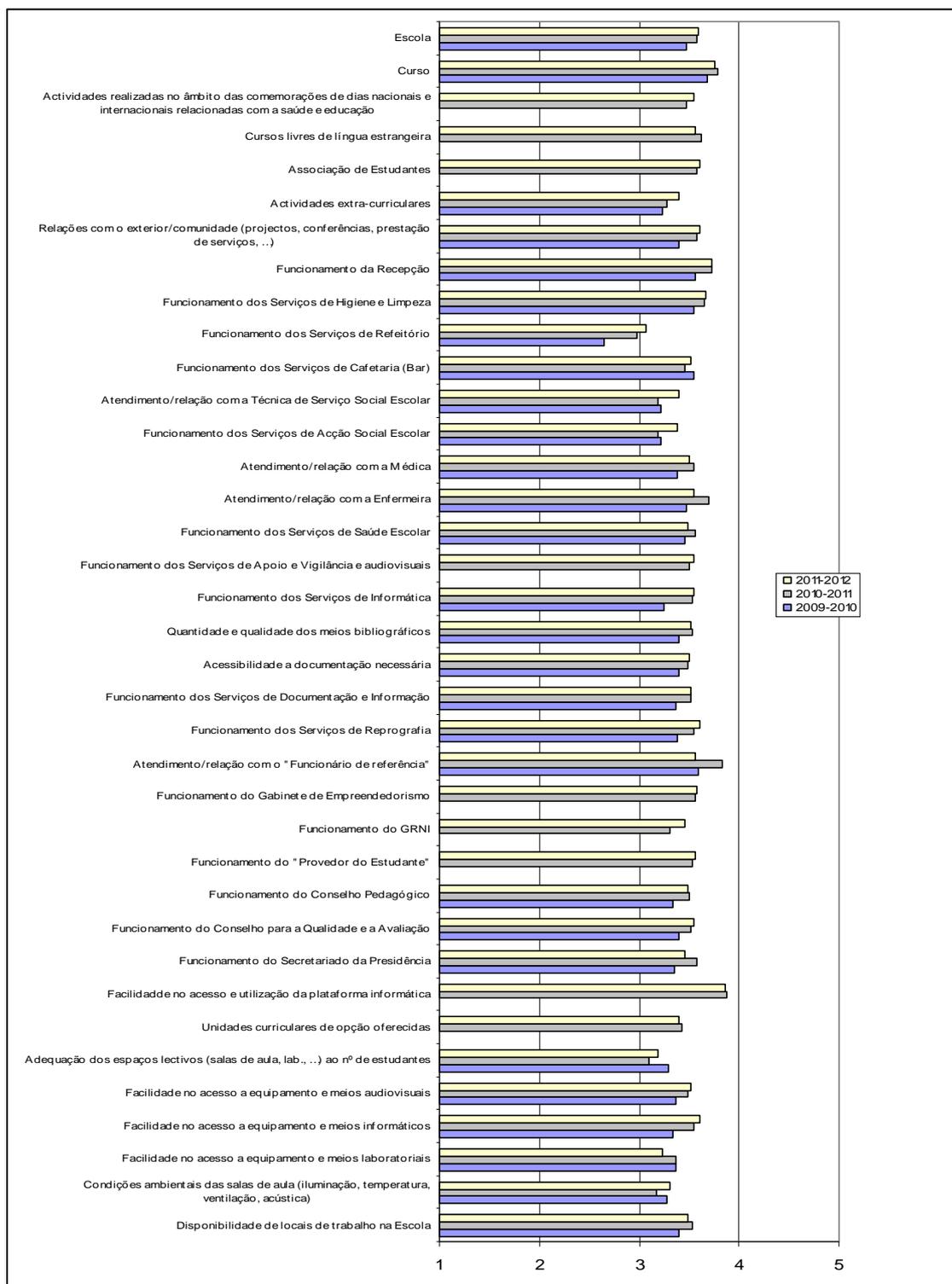


Gráfico 9 - Comparação da opinião dos estudantes sobre serviços e sectores da Escola, 2009-2010, 2010-2011 e 2011-2012



2 – Dados de opinião dos Docentes

Gráfico 10 - Comparação da opinião dos docentes acerca das unidades curriculares lecionadas

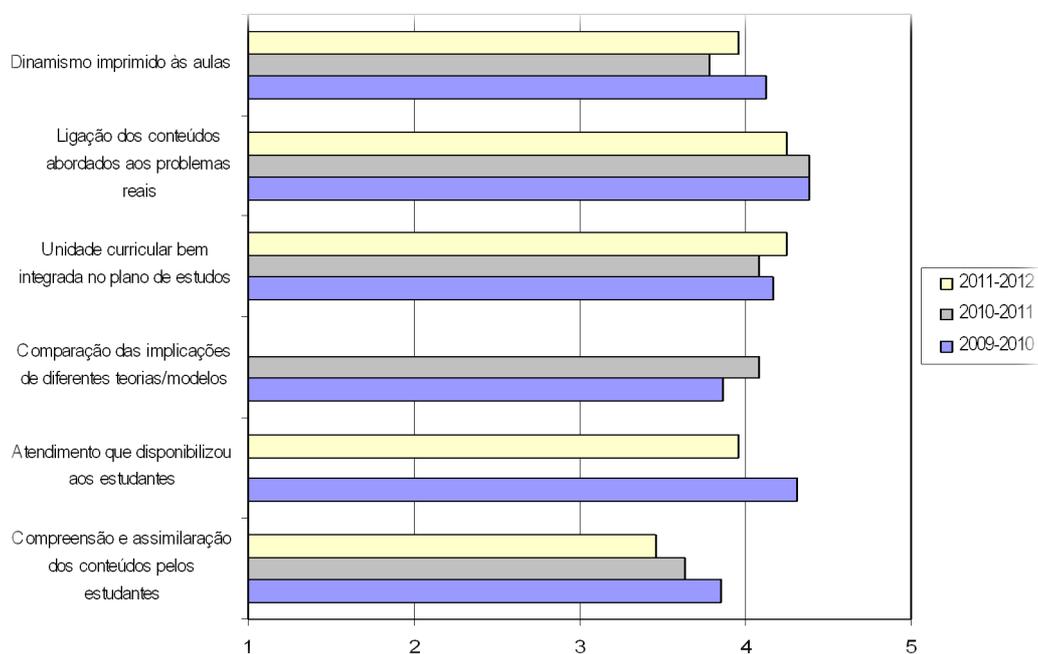
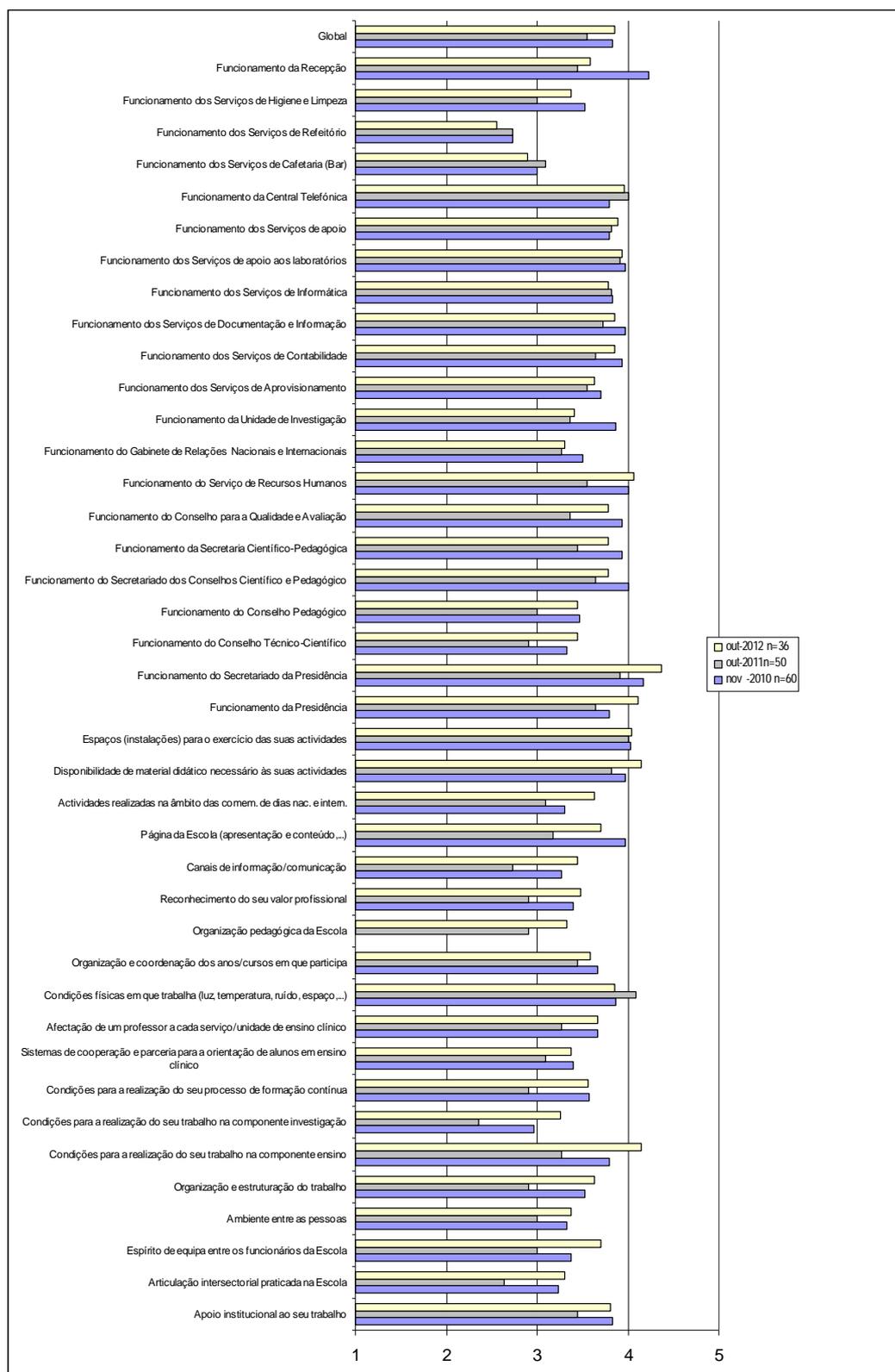


Gráfico 11 - Comparação da opinião dos docentes sobre serviços e sectores da Escola, 2010, 2011 e 2012



3 – Dados de opinião dos Não Docentes

Gráfico 12 - Opinião dos Assistentes Técnicos e Técnicos Superiores, sobre os serviços e setores da Escola

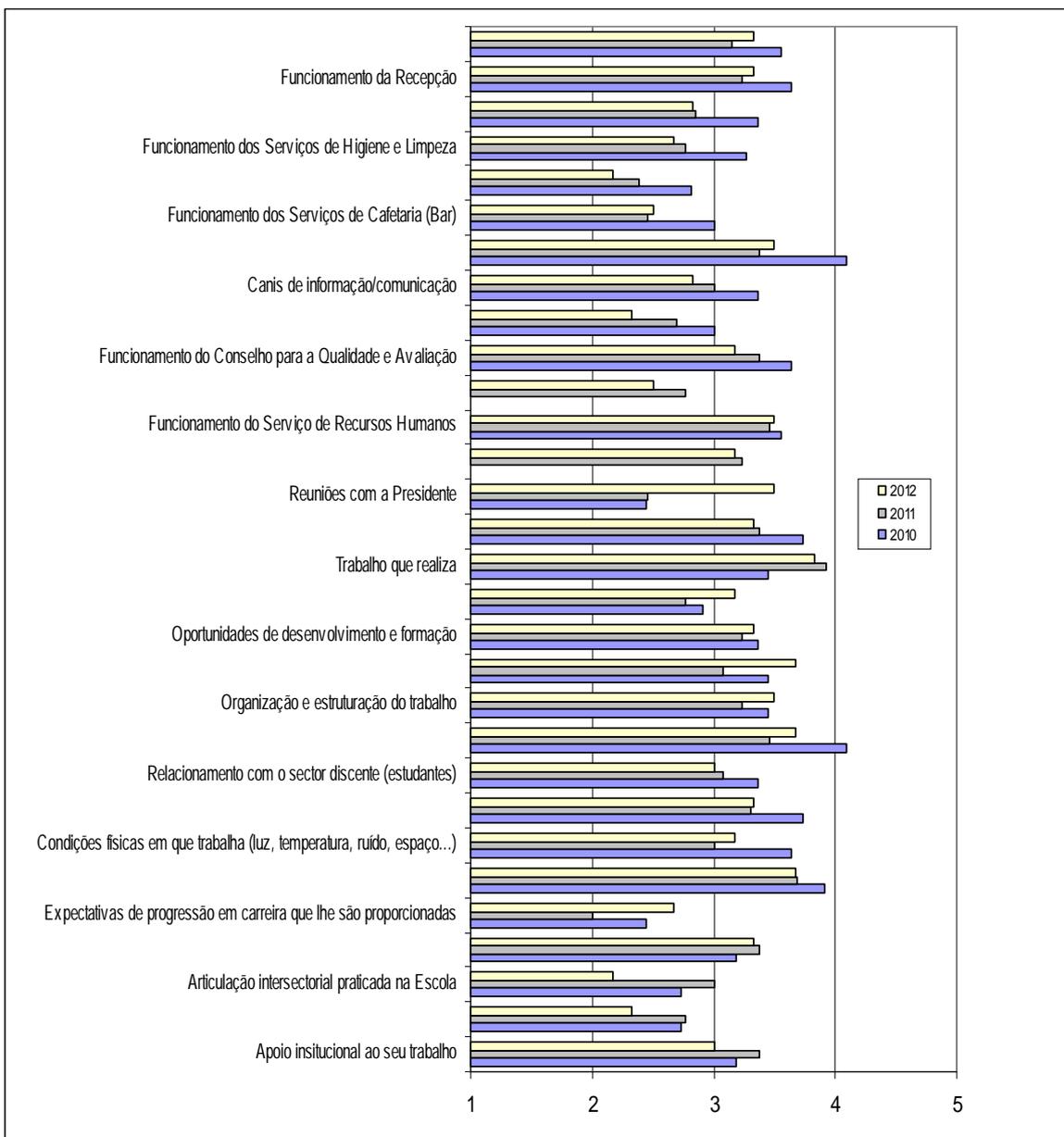
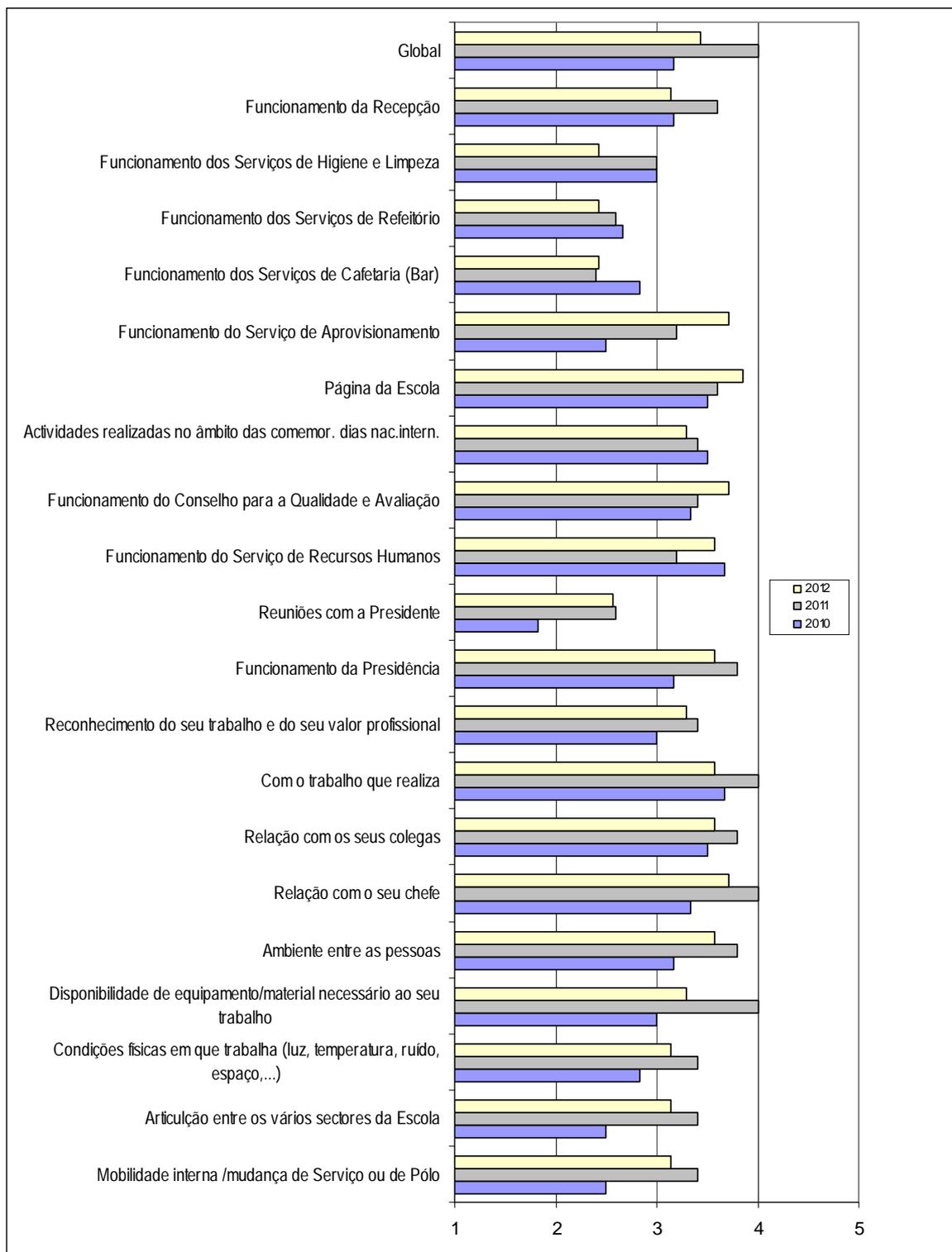


Gráfico 13 - Opinião dos Assistentes Operacionais, sobre os serviços e setores da Escola



ANEXO IV – Avaliação do cumprimento das Metas do Plano Estratégico, para 2012

Legenda do Anexo:

Cumprido – C

Cumprido Parcialmente – CP

Superado – S

Não Cumprido - NC

FORMAÇÃO

Objetivo estratégico 1. Promover um contexto formativo, científico e culturalmente estimulante

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.1 Capacitar os colaboradores docentes com qualificações e competências necessárias à formação, investigação e prestação de serviços (relacionadas com as novas necessidades socio-demográficas e exigências do mercado) e para a formação ao longo da vida.	1.1.1. Organizar atividades de formação pedagógica de docentes (cursos, colóquios, conferências...) para adequação dos cursos à filosofia de Bolonha, reorganizando o trabalho docente	2 por ano Média de 50 por atividades 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	Iniciado PC	NC	NC	Foram analisados os dados do estudo sobre Processos de formação e Avaliação, em uso, tendo como referência os princípios do Processo de Bolonha
	1.1.2. Criar cursos de formação pedagógica para docentes e enfermeiros tutores de ensino clínico	Abertura do 1º curso em 2010 30 por curso 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	2010	C	C	C
	1.1.3. Implementar momentos de partilha com docentes, enfermeiros e outros profissionais de saúde (debates, seminários estudos de caso...) sobre metodologias em contextos de ensino clínico		C	C	PC	PC
	1.1.4 Promover e facilitar a formação avançada ao nível de Doutoramento	Aumentar 20% em cada ano	S	S	S	S
1.2 Incorporar na formação o novo conhecimento decorrente do contexto clínico e da investigação.	1.2.1. Organizar atividades para selecionar os conteúdos que devem ser incorporados em cada Unidade Curricular e ano de formação.	2 por ano 1 por ano	2010	C	PC	C
	1.2.2. Formar grupos de trabalho para articular as práticas laboratoriais com as instituições de saúde para partilhar novos procedimentos e facilitar a implementação de novas práticas	7 em 2009 80% de novos procedimentos com alto grau de utilidade e de impacto; 2 publicações	Iniciado NC	PC	PC	NC

		científicas em 2013				
--	--	---------------------	--	--	--	--

(Continuação Objetivo estratégico 1. Promover um contexto formativo, científico e culturalmente estimulante)

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.3 Melhorar a gestão da formação revendo sistematicamente a adequação da oferta formativa para dar resposta às necessidades.	1.3.1. Criar e desenvolver um observatório com a finalidade de auscultação de novas necessidades da qual irá emergir oferta formativa	Criação em 2009 1 por ano a partir de 2010	NC	NC	NC	NC
	1.3.2. Criar e desenvolver uma comissão permanente para implementar nova formação pós-graduada, quando adequado em parceria com outras instituições nacionais ou estrangeiras.	Criação no 1º trimestre de 2009 2 cursos em 2013 30 por curso 80% consideram a atividade Boa ou Muito BOA	C	C	Necessário desenvolver reflexão sobre novos cursos e Novas estratégias que permitam a captação de estudantes	C
	1.3.3. Criar e desenvolver um gabinete de gestão Científico Pedagógica dos ensinos clínicos.	1º trimestre de 2009 1º trimestre de 2009 60% em 2010 e 90% em 2013	Iniciado NC	C	C Necessita criar orientações mais precisas sobre formação de tutores e preparação do ec	C
	1.3.4. Criar e desenvolver uma comissão responsável pelas práticas laboratoriais que inclua os vários domínios	Criação em Janeiro de 2009; Elaboração no 1º Trimestre; 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	C	C	C É necessário criar normas de boas práticas de utilização dos laboratórios Promover a edição de normas e procedimentos relativa à execução das técnicas e procedimentos a adotar na ESEnFC	C
	1.3.5. Desenvolver uma plataforma que facilite a formação em ambiente e-learning	Criação em 2009 50% dos docentes usam a plataforma em 2013 60% dos estudantes usam a plataforma em 2013	PC	C	Necessita Aperfeiçoamento e formação dos docentes	
	1.3.6. Criar um portal de enfermagem.	Criação em 2010; 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa;	2010	Iniciado	NC	C (Feliz Mente)

Objetivo estratégico 2. Dinamizar a proximidade com as instituições de saúde e ensino superior nacionais e internacionais

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
2.1 Assegurar a efetividade de redes de comunicação e articulação com instituições de saúde, de ensino superior e outras.	2.1.1 Aproveitar os dias nacionais e internacionais relacionados com a saúde e a enfermagem para organizar atividades temáticas	8 por ano Média de 50 por atividades 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	C	C Só parcialmente avaliada a satisfação	C Não avaliada satisfação	C
	2.1.2 Realizar reuniões institucionais com a Ordem dos Enfermeiros e outras instituições representativas da classe profissional.	1 por ano no mínimo com 3 Instituições; Participação em 2 grupos de trabalho por ano	C	C	C	C
2.2 Desenvolver formações em parceria com instituições nacionais e internacionais.	2.2.1. Oferecer o terceiro ciclo em conjunto com outras escolas de referência	2 em 2009 Dezembro de 1010 2011	PC	PC	C A ESEnFC é parceira da UC - FM na oferta do 2º Ciclo em Ciências da Saúde : ramo Enfermagem	Preparação do 3º Ciclo conjunto com a Universidade Católica e Universidade de Évora, contato com Escola de Ribeirão Preto, que pretende ser parceira internacional neste projeto. Continuação colaboração UC, Doutoramento em Ciências da Saúde
	2.2.2. Desenvolver um projeto de formação no âmbito do Enfermeiro de Família numa perspetiva internacional.	2009 Inicio em 2010 e 1 por ano; 30 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa 3 por ano 2 de artigos/comunicações ano	C	PC	PC O curso foi acreditado pela A3ES, não teve inscritos em nº suficiente para abrir.	O Curso Não funcionou por não ter tido candidatos

INVESTIGAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

Objetivo estratégico 1. Desenvolver a Unidade de Investigação como líder de redes de produção, divulgação e aplicação do conhecimento em enfermagem

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.1 Garantir as condições de funcionamento da Unidade de Investigação	1.1.1 Regularizar o acesso da UI ao staff técnico de apoio da Escola (tradução, informática, candidatura, gestão de projetos e contabilidade).	Março de 2009 Rever o Regulamento em 2013	Iniciado NC	PC	C	C
	1.1.2 Desenvolver projetos de investigação em colaboração com instituições nacionais e internacionais	Estabelecimento de três novos protocolos, com instituições referentes à Lista de Centros Colaboradores da OMS para o desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem em 2013; Aumento de 20% em 2013; Aumento de 20% em que pelo menos 2 sejam cofinanciados. 50% dos projetos com investigadores da prática clínica	Iniciado NC	C	C	C
	1.1.3 Elaboração de Plano de Atividades e Propostas de Orçamento, para aprovação da Instituição de Acolhimento.	Em Junho e anual	C	C	C	C
	1.1.4 Elaborar um plano a 5 anos de flexibilização da distribuição das atividades letivas para a consecução de projetos de investigação, que contemple um regulamento onde constem: ações/metabolizadores/critérios a cumprir pelo (s) investigador (es) que usufruam da mesma, e a regulamentação de candidatura a licenças temporárias para dedicação aos projetos.	Em Junho de 2009 Junho de cada ano a partir de 2010 30%	PC	PC	C Elaborados Regulamentos do trabalho docente e dispensas	C
	1.1.5 Elaborar (e monitorizar) uma proposta de regulamento de critérios para apoiar a divulgação da produção científica.	Em Janeiro de 2009; Em Junho de cada ano. 3 artigos por docente/investigador por ano 1 artigos por docente/investigador por ano 3 comunicações por docente/investigador por ano	PC	C	C	C

(Continuação Objetivo estratégico 1. Desenvolver a Unidade de Investigação como líder de redes de produção, divulgação e aplicação do conhecimento em enfermagem)

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.2 Apoiar a mobilidade de investigadores	1.2.1. Definir critérios prioritários e monitorização para apoiar a mobilidade de investigadores e o acolhimento de investigadores estrangeiros, em consonância com a UI.	Em Março de 2009; Em Junho de cada ano.	C	C	C	C
	1.2.2. Criar parcerias na comunidade para o financiamento de projetos e bolsas de investigação.	Média de 1 por ano Média de 20000€por ano	C	C	C	C
1.3 Apoiar a divulgação de conhecimento	1.3.1. Manter a publicação da Revista Referência e à sua progressão ao nível dos índices de qualidade (SciELO, Pubmed e Cochrane).	Suficientes para ser incluído nos índices SciELO/PubMED/Cochrane 20% anualmente	C	C	C	C
	1.3.2 Criar, gerir e divulgar bases de dados de artigos científicos, instrumentos de medida e contactos com investigadores.	Aumento 20% anualmente Existência em Dezembro de 2009.	NC	NC	PC	C

Objetivo estratégico 2. Desenvolver uma comunidade científica de excelência

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
2.1. Promover a formação de jovens investigadores.	2.1.1. Integrar a investigação elaborada por estudantes nas linhas de investigação do orientador, com o reconhecimento do mérito para a sua integração em grupos de investigação da Escola.	Janeiro de 2009 Média anual de 12	Iniciado PC	C	C	C
	2.1.2. Elaborar proposta de regulamento para o recrutamento de estudantes dotados e vocacionados para desenvolver trabalho de apoio à investigação.	Março de 2009	C	C	C	C
2.2. Promover a formação de grupos de investigadores avançados	2.2.1. Organizar conferências na Escola proferidas por investigadores a convite da Escola.	2 por ano Média de 50 por atividade 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	C	C	C	C
	2.2.2. Desenvolver e criar protocolos para promover a formação avançada de investigadores.	2 até final de 2013 30% dos doutores em 2013	2013	2013	2013	2013
	2.2.3. Criar um grupo de trabalho de análise sistemática de literatura sobre temas críticos, para validar e implementar novo conhecimento	2 por ano entre 2010 e 2013	2010	C	C	C
	2.2.4. Organizar fóruns de discussão (ações de curta e média duração e workshops temáticos).	2 por ano 2 por ano média de 30 por atividade	C	C	C	C
	2.2.5 Organizar congressos e jornadas nacionais e internacionais.	1 por ano Média de 300 Média de 40 Média de 4 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	C	C	C	C

COMUNIDADE EDUCATIVA

Objetivo estratégico 1. Promover a formação global e a realização pessoal e profissional da comunidade educativa

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1. 1. Promover, apoiar e incentivar projetos e atividades de índole cultural, desportiva e cívica	1.1.1. Criar e desenvolver uma estrutura que promova a realização de atividades no domínio da cultura, do desporto, saúde e bem estar, envolvendo colaboradores dos diferentes sectores/unidades nos projetos e incentivando a participação de todos.	2 por ano 2 por ano 20 20 Janeiro de cada ano 50% da comunidade educativa	NC	Não foi criada a estrutura Tem sido apoiada a AE e os projetos propostos neste domínio	Não foi criada a estrutura tem sido apoiada a AE e os projetos propostos neste domínio Criados protocolos com dois ginásios.	Sem alteração
1.2. Promover a realização pessoal e profissional dos docentes, não docentes e estudantes	1.2.1. Ampliar o gabinete de saúde dotando-o de valências que possam responder a outras necessidades da comunidade educativa, como por exemplo criar um gabinete de psicologia, saúde ocupacional e um gabinete de apoio socio-económico.	Março de 2009 80% consideram o serviço Bom ou Muito Bom	PC	PC Não foi ainda criado o gabinete de saúde ocupacional	PC Não foi ainda criado o gabinete de saúde ocupacional	C
	1.2.2. Elaborar e apoiar em cada serviço/unidade, um plano plurianual de formação e desenvolvimento para os colaboradores, após caracterização das necessidades de desenvolvimento profissional, ouvindo os diferentes atores, e que contemple atividades não incluídas no eixo de formação e investigação.	Média de 1 participação por ano e por colaborador 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	PC Realizado para os não docentes	C	C	C
	1.2.3. Estudar a implementação de medidas de flexibilidade de horário ou de trabalho à distância para alguns postos de trabalho.	Janeiro 2010	2010	NC	NC	NC
1.3 Promover uma cultura sistemática de participação na vida da Escola	1.3.1. Desenvolver num Plano opções extra curriculares de formação e participação comunitária.	Dezembro de 2008 Anualmente (Julho)	C	C	C	NC
	1.3.2. Definir o regulamento e calendarização de reuniões periódicas dos estudantes representantes das turmas com os coordenadores de curso.	Março de 2009 Final de cada ano letivo	C	C	C	C

DIRECÇÃO, GESTÃO, DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO

Objetivo estratégico 1. Desenvolver um sistema de direção estratégica que otimize os recursos e mobilize a instituição

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.1.Promover a implementação contínua do plano estratégico	1.1.1. Criar um sistema de controlo da execução do Plano Estratégico e divulgar os principais resultados.	1 por ano 50% em 2009 - 100% em 2013 80% em 2013	PC	PC	PC	PC
	1.1.2 Introduzir a contabilidade analítica reformulando a estrutura dos centros de custos e identificando os custos por atividade, de modo a garantir um sistema de informação como suporte à tomada de decisão.	Incorporação de 25% em cada ano entre 2010 e 2013 Incorporação de 25% em cada ano entre 2010 e 2013 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	2010	PC	PC	C
1.2.Implementar um modelo organizacional que integre os recursos da instituição numa perspetiva conjunta de melhoria da gestão financeira, administrativa, científica e pedagógica	1.2.1. Elaborar e implementar o organograma da instituição de acordo com os novos estatutos.	2009 Junho de cada ano a partir de 2010	PC	C	C	C
	1.2.2. Definir e difundir as competências dos coordenadores/responsáveis, a forma de prestação de contas para a implementação de uma gestão matricial entre projetos, unidades e serviços, e a forma de reconhecimento de resultados.	2009 Junho de cada ano a partir de 2010	Iniciado NC	C	C	C
	1.2.3. Produzir um manual de procedimentos que devem ser consolidados, desenvolvidos e melhorados.	2009 80% consideram o Manual Bom ou Muito Bom	Iniciado PC	C	C	C (iniciou-se auditoria dos procedimentos)
	1.2.4. Implementar um sistema de qualidade total que inclua a autoavaliação periódica por área científico-pedagógica ou área funcional, que permita preparar a candidatura da Escola a um modelo de excelência, e a comparabilidade com outras Instituições do ensino superior.	Julho de cada ano com resultado claramente superior ao ano anterior De duas UCP cada ano 2013	Iniciado PC	PC	PC	Reviu-se o Manual da Qualidade, Propôs-se a escola para avaliação externa do Sistema de avaliação da qualidade

(Continuação Objetivo estratégico 1. Desenvolver um sistema de direção estratégica que otimize os recursos e mobilize a instituição)

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.3. Implementar um sistema de gestão otimizada e integrada das instalações, recursos materiais e equipamentos.	1.3.1. Desenvolver um sistema informático integrado de gestão que permita a otimização da utilização dos recursos e equipamentos.	2009 80% consideram a plataforma Boa ou Muito Boa	C	C	C	C
	1.3.2. Promover a racionalização e otimização dos consumos e estudar a possibilidade da utilização das energias renováveis.	2009	C	C	EE	
	1.3.3. Planear a continuação da renovação da residência dos estudantes de modo a mantê-la atrativa e reconverter parte das suas instalações em laboratórios de práticas clínicas onde se prestem serviços abertos à comunidade, biblioteca ou outras finalidades.	2009 80% em 2013	Iniciou-se	Continuado	Continuado	Continuado
	1.3.4. Impulsionar um estudo sobre o uso futuro dos edifícios da Escola para responder melhor às necessidades dos novos cenários.	2013	2013	2013	2013	2013

Objetivo Estratégico 2. Implementar um sistema de gestão de pessoas que as coloque no centro da decisão

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
2.1. Garantir um sistema de organização de trabalho que permita a evolução técnica e científica das pessoas e que possibilite um processo eficiente e efetivo de seleção, integração, desenvolvimento e avaliação.	2.1.1. Implementar a organização prevista nos estatutos, enquadrando as pessoas por área e serviços com que mais se identifiquem permitindo a mobilidade interna do pessoal docente e não docente com vista a articular conhecimento, trabalho e satisfação.	80% consideram a organização Boa ou Muito Boa em 2013	2011	2011	PC	C
	2.1.2. Elaborar proposta de sistema de distribuição do trabalho docente baseado na contratualização dos processos e dos resultados a propor à Direção	2010 Implementação gradual: 25% em cada ano entre 2010 e 2013 80% consideram a organização Boa ou Muito Boa em 2013	2010	NC	NC	NC
	2.1.3 Rever o sistema de seleção de integração e de avaliação das pessoas da Escola		C	C	C	C
2.2. Implementar metodologias que permitam uma comunicação eficaz e participação ativa.	2.2.1. Re (ver) os canais de informação e comunicação e propor medidas para que sejam acessíveis, assíduos e pertinentes e analisar a sua eficácia de modo a aperfeiçoar a comunicação interna.	2009 80% consideram o sistema Bom ou Muito Bom a partir de 2010	Iniciado PC	Em desenvolvimento	Estudo em desenvolvimento	Analisados resultados do estudo. Avaliação da Comunicação considerada boa Formuladas propostas para melhoria continua

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

Objetivo Estratégico 1. Desenvolver e consolidar serviços que promovam respostas inovadoras em saúde

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.1. Organizar, apoiar e otimizar a prestação de serviços à Comunidade.	1.1.1. Organizar e desenvolver a prestação de serviços, com projetos de intervenção tendo em conta os recursos disponíveis em contexto escolar e em grupos comunitários.	Incrementar 2 projetos em cada ano a partir de 2009 Número de utentes mínimo de 80% da previsão realizada para cada projeto 80% consideram o projeto Bom ou Muito Bom	C	C	C	C
	1.1.2. Melhorar a organização e a otimização dos projetos de serviços à comunidade em articulação com a UI Elaborar um Plano global da prestação de serviços para melhorar a organização e a otimização dos projetos de serviços à comunidade (articulando com a UI)	Março de cada ano a partir de 2010 1 publicação em 2009 e 2 nos anos seguintes Existência e atualização anual do plano 50% em 2013 Incremento de 1 projeto por ano	2010	NC	IC	PC
1.2. Apoiar a qualificação de toda a comunidade educativa para a prestação de serviços	1.2.1. Desenvolver um plano de formação e atualização no âmbito da consultadoria e dos projetos de intervenção.	1 por ano Média de 15 por atividades 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa Elaborada em 2009 e atualizada anualmente	NC	NC	NC	NC
	1.2.2. Realizar encontros ou reuniões para partilha de conhecimentos entre áreas e para transferência de conhecimento científico para projetos inovadores.	2 por ano Média de 15 por atividades 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	NC	C	C	C

(Continuação Objetivo estratégico 1. Desenvolver e consolidar serviços que promovam respostas inovadoras em saúde)

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.3. Apoiar os diplomados na inserção no mercado de trabalho e no empreendedorismo	1.3.1. Desenvolver o serviço de apoio aos novos graduados, e avaliar o processo de inserção laboral.	50% em 2010 e 80% em 2013 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	C	C	PC	PC
	1.3.2. Criar e desenvolver uma incubadora de empresas.	2010 20 em 2013	Iniciado 2010	Em desenvolvimento em articulação IPN	Alterado objetivo	-
1.4. Integrar os projetos de serviço à comunidade na formação académica e no desenvolvimento cívico da comunidade educativa	1.4.1. Articular o Currículo com os projetos que se estão a desenvolver para incentivar a participação dos estudantes.	2009	Iniciado NC	C	C	C Deve ser melhorado
	1.4.2. Criar e desenvolver um banco de tempo para trabalho voluntário à comunidade.	2010	2010	NC	NC	NC

INTERNACIONALIZAÇÃO E COOPERAÇÃO

Objetivo estratégico 1. Promover o reconhecimento internacional da Escola

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
1.1 Pertencer a organismos internacionais	1.1.1 Desenvolver os requisitos para inscrever a Escola como centro colaborador da OMS.	2013 Incrementar em 25% em cada ano a partir de 2010	Iniciado PC	C	C	C
	1.1.2 Desenvolver os requisitos para inscrever a Escola como um capítulo da Sigma Theta Tau.	2013 Incrementar em 25% em cada ano a partir de 2010 60% dos docentes inscritos em 2012	C	C	C	C
1.2 Promover a visibilidade da Escola mediante os projetos internacionais	1.1.1 Identificar as áreas geográficas prioritárias de intervenção da Escola na Europa.	3 em 2010	2010	C	C	C
	1.2.2.Promover cursos de curta duração na área de enfermagem, lecionados em inglês por docentes internos e trazer docentes externos.	1 por ano a partir de 2010 Média de 20 por curso 80% consideram a atividade Boa ou Muito Boa	Iniciado 2010	PC	PC	PC
	1.2.3.Promover a inclusão de artigos em línguas científicas mais relevantes (inglês, espanhol) na revista da Escola.	2 artigos por revista a partir de 2011	2011	C	C	C

Objetivo estratégico 2. Desenvolver redes e projetos de cooperação

Objetivos operativos	Ações	Metas	Grau de Cumprimento em 2009	Grau de Cumprimento em 2010	Grau de Cumprimento em 2011	Grau de Cumprimento em 2012
2.1. Desenvolver redes com instituições congéneres	2.1.1. Fazer o levantamento das instituições congéneres, e executar os protocolos estabelecidos.	2009 Todos os protocolos em funcionamento em 2013	C	C	PC	C
	2.1.2. Promover a criação da Associação das Escolas de Enfermagem dos Países de Língua Oficial Portuguesa para facilitar as permutas e parcerias.	2010 5 em 2013	Iniciado 2010	Em desenvolvimento	Em desenvolvimento	Em desenvolvimento
2.2. Incrementar projetos de cooperação e estabelecer novos protocolos	2.2.1. Avaliar e desenvolver os protocolos existentes e a possibilidade de novos protocolos, estando atento aos projetos europeus.	2009 2009 Incrementar 1 novo projeto por ano	C	C	C	C
2.3. Apoiar missões nos países de língua oficial portuguesa	2.3.1. Criar grupos de missão para dar resposta em áreas consideradas prioritárias, que englobe docentes, estudantes e não docentes.	2 grupos em 2013	C	C	C	C
2.4 Facilitar a mobilidade científica, técnica e cultural de estudantes, docentes e não docentes	2.4.1. Realizar cursos intensivos de português para estudantes, docentes e não docentes estrangeiros e em mobilidade.	1 por ano 10 por curso 80% 80% consideram o curso Boa ou Muito Boa	NC	NC	NC	Programado para 2013
	2.4.2. Desenvolver com outras instituições programas de formação complementar para estudantes, docentes e não docentes estrangeiros.	1 por ano a partir de 2010 10 por programa 80% consideram o programa Bom ou Muito Bom	2010	C	C	C
	2.4.3. Continuar a organizar cursos de línguas estrangeiras	50% uma formação/ano 25% uma formação/ano 20% uma formação/ano 80% consideram a formação Boa ou Muito Boa	PC	PC	C	C

ANEXO V – Dados Financeiros

Evolução da Estrutura das receitas

Ano	MCTES	Propinas	Outras receitas próprias	Saldos Transitados	Total receitas
2005	9.843.446 €	1.012.394 €	1.352.982 €	4.617.862 €	16.826.684 €
2006	9.556.682 €	1.229.028 €	1.247.247 €	5.978.143 €	18.011.100 €
2007	8.507.924 €	1.390.194 €	988.863 €	5.980.280 €	16.867.261 €
2008	8.475.563 €	1.539.244 €	757.445 €	5.486.248 €	16.258.500 €
2009	8.455.091 €	1.891.148 €	924.492 €	4.801.840 €	16.072.571 €
2010	9.522.137 €	2.049.272 €	1.208.872 €	4.426.684 €	17.206.966 €
2011	7.804.130 €	2.150.326 €	1.762.927 €	5.222.746 €	16.940.128 €
2012	7.009.866 €	1.787.687 €	904.050 €	5.613.344 €	15.314.947 €

Evolução das dotações do Orçamento do Estado

2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
9843.446 €	9556.68 2€	8507.92 4€	8475.56 3€	8455.09 1€	9522137 €	7.804.130 €	7.009,866€

Variação 2005/2008	Variação 2005/2009	Variação 2005/2010	Variação 2005/2011	Variação 2005/2012
-13,9%	-14,10%	-3,26%	-20,72%	-26,65%

Evolução da dependência financeira (receitas do Orçamento de Estado/receitas totais excluindo saldos)

Grau de dependência							
2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
89,80%	79,70%	74,80%	74,0%	72,6%	79,46%	63,92%	72,46%

Evolução das Receitas provenientes de Propinas

Propinas							
2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
1.012.394€	1.229.028€	1.390.194€	1.539.244€	1.891.148€	2.049.272 €	2.150.326 €	1.787.687€

Peso das Propinas nas receitas totais						Aumento da receita de propinas				
2005	2008	2009	2010	2011	2012	2005/2008	2005/2009	2005/2010	2005/2011	2005/2012
9,20%	13,40%	16,20%	17,10%	18,35%	18,43%	52,00%	86,80%	102,42%	112,40%	76,58%

Variação das despesas (a preços correntes)

2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
10.961.699€	11.992.118€	11.381.012€	11.456.811€	11.645.883€	11.984.221€	11.326.784 €	9.674,652€

Total da despesa (excluindo CGA)

2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
10.961.699€	11.992.118€	10.874.074 €	10.766.330€	10.896.706€	10.927.515€	10.506.422€	8.949,535€

Percentagem de despesa c/ CGA no total da despesa

2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
0,00%	0,00%	4,45%	6,03%	6,43%	8,82%	7,24%	7,50%

Varição da Despesa sem CGA

2005/2008	2005/2009	2005/2010	2005/2011	2005/2012
-1,80%	-0,60%	-0,30%	-4,33%	-18,36%

Evolução das despesas em edifícios e outras construções

2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	Total 2005/2008	Total 2005/2009	Total 2005/2010	Total 2005/2011	Total 2005/2012
75.577€	38.703€	1.105.965€	122.645€	0€	365.853€	239.998 €	1.342.891€	1.342.891€	1.708.744€	1.948.743 €	2.127,677€

ANEXO VI – Introdução e síntese avaliativa global do Relatório “Um Avaliação dos Processos de Aprendizagem, Ensino e Avaliação”



Uma Avaliação dos Processos de Aprendizagem,
Ensino e Avaliação Numa Escola Superior de
Enfermagem

Domingos Fernandes

António Borralho

Isabel Vale

Vitoriano Mendonça

Andreia Gaspar

Cláudia Fidalgo

Com a Colaboração de

Isabel Fialho

Marília Cid

Elsa Barbosa

Graciela Fabietti

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos professores e estudantes que participaram neste estudo de avaliação pela forma aberta e recetiva com que apoiaram a sua realização. A partilha dos seus saberes e das suas experiências revelou-se fundamental para a concretização dos propósitos deste trabalho.

Cabe ainda uma palavra especial de agradecimento à Presidência da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e a todos aqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos na concretização deste estudo, pela disponibilidade demonstrada.

Também são devidos agradecimentos aos serviços do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa diretamente envolvidos no apoio ao desenvolvimento de projetos.

Índice

Capítulo 1 – Introdução	1
Âmbito do Estudo	2
Para uma Caracterização de Alguns Elementos Essenciais	3
Questões de Avaliação	10
Método	15
Organização do Relatório	21
Capítulo 2 – Síntese Avaliativa Global	22
Uma Escola de Valores, de Princípios e de Causas	24
Um Corpo Docente Empenhado, Competente e Bem Ciente do Seu Papel	25
Um Corpo Discente Interessado, Satisfeito mas com Sentido Crítico	26
Uma Escola com uma Organização Pedagógica Complexa e Difícil de Gerir	27
Um Ensino Bem Planeado, Por Vezes Magistral, Por Vezes Inovador ...	29
O Papel dos Estudantes: Mais Passivo do que Interveniente	31
A Difícil Articulação da Organização e Desenvolvimento do Ensino	34
O Problema da Avaliação: do Discurso à Realidade das Práticas	35
Aprender na Escola: Entre a Teoria e a Prática	38
Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação	40
Capítulo 3 – Conclusões e Reflexões	41
Ensino	43
Aprendizagem	45
Avaliação	46
Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação	48
Capítulo 4 – Processos de Ensino, Aprendizagem e Avaliação	49

Entrevistas e Reuniões Preliminares	50
Observações no Contexto das Unidades Curriculares	57
Observações no Contexto dos Ensinos Clínicos	73
Entrevistas a Professores no Contexto das Unidades Curriculares	76
Entrevistas a Professores no Contexto dos Ensinos Clínicos	93
Entrevistas aos Estudantes no Contexto das Unidades Curriculares	105
Entrevistas aos Estudantes no Contexto dos Ensinos Clínicos	117
Síntese dos Resultados do Questionário	126
Capítulo 5 - Referências e Outra Bibliografia Consultada	131
Anexos	135

1 **Introdução**

Neste capítulo, para além de se enunciarem as questões que orientaram o estudo, apresenta-se e discute-se um conjunto de componentes essenciais referentes ao seu enquadramento e delimitação. Assim, faz-se referência a aspetos relativos à preparação e organização do estudo, à caracterização dos processos de aprendizagem, ensino e avaliação na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e aos procedimentos metodológicos utilizados. Além disso, apresenta-se a forma como se decidiu organizar o relatório.

Âmbito do Estudo

Este estudo de avaliação foi concebido e desenvolvido na sequência de um protocolo de prestação de serviços estabelecido entre o Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, posteriormente designada por ESEnfC. Realizou-se ao longo de cerca de quinze meses por uma equipa de avaliação constituída por Domingos Fernandes, da Universidade de Lisboa, António Borralho, da Universidade de Évora, Isabel Vale, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, Vitoriano Mendonça, doutorando da Universidade de Lisboa, e Andreia Gaspar e Cláudia Fidalgo, bolsistas de investigação na Universidade de Lisboa. Colaboraram ainda Isabel Fialho e Marília Cid, da Universidade de Évora, Elsa Isabelinho Barbosa, doutoranda nesta universidade e Graciela Fabietti, da Universidade de Córdoba na Argentina.

De acordo com o que foi solicitado pela ESEnfC, pretendia-se que, através deste estudo de avaliação, se pudesse conhecer e compreender relações existentes entre uma variedade de *elementos* que interferem no desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes tais como: a) práticas de ensino e de avaliação de professores; b) sistemas de concepções de professores acerca do ensino, da avaliação e da aprendizagem; c) sistemas de concepções de estudantes acerca do ensino, da avaliação e da aprendizagem; d) natureza das tarefas de avaliação utilizadas nas salas de aula; e) frequência, distribuição e natureza do *feedback* utilizado; e f) participação dos estudantes nos processos de aprendizagem, ensino e avaliação.

O estudo que agora se apresenta neste relatório foi organizado tendo em conta os seguintes objetivos principais:

- Descrever, analisar e interpretar práticas de ensino e de avaliação desenvolvidas por professores da Licenciatura em Enfermagem da ESEnfC.
- Descrever, analisar e interpretar o envolvimento e a participação dos estudantes no desenvolvimento dos processos de ensino, aprendizagem e avaliação no contexto das unidades curriculares e dos ensinamentos clínicos.

- Descrever, analisar e interpretar os ambientes de ensino, aprendizagem e avaliação no contexto das unidades curriculares e dos ensinios clínicos.
- Caracterizar os sistemas de concepções dos principais intervenientes (e.g. estudantes, professores) relativamente ao ensino, à aprendizagem e à avaliação, no contexto das unidades curriculares e ensinios clínicos.
- Avaliar as referidas práticas e a participação dos estudantes no âmbito das unidades curriculares e dos ensinios clínicos.

O estudo permitiu identificar práticas de ensino e de avaliação desenvolvidas por professores dos quatro anos da licenciatura, assim como o envolvimento e a participação dos estudantes nos processos pedagógicos que, supostamente, os ajudam a aprender. Além disso, permitiu conhecer e caracterizar as perceções de professores e estudantes em relação aos processos de ensino, aprendizagem e avaliação no âmbito da licenciatura.

Para uma Caracterização de Alguns Elementos Essenciais

A Teoria de um Programa, em geral, tem a ver com o estudo, a caracterização e os princípios e/ou pressupostos do que se pretende avaliar que, supostamente, permitirão concretizar as mudanças ou as transformações que se esperam. No fundo, ajuda-nos a conhecer e a compreender como um dado programa funciona; por exemplo, conhecer e compreender as relações entre os seus diferentes elementos, os processos utilizados e os respetivos efeitos nos resultados que se pretendem obter. Por isso mesmo, desempenha um papel relevante nos estudos de avaliação porque ajuda a concretizar atividades tais como: a) definir as questões mais apropriadas; b) selecionar os procedimentos mais adequados para recolher a informação necessária; e c) identificar os objetos e as dimensões do que se pretende avaliar e que devem merecer particular atenção. Dito de outro modo, a teoria de um dado objeto de avaliação (e.g., programa, projeto, intervenção) não é mais do que um enquadramento conceptual que nos ajuda a determinar de que formas é que esse mesmo objeto contribui para a resolução de um dado problema ou para a concretização de determinados objetivos (e.g. melhorar o ensino dos docentes e as aprendizagens

dos estudantes; promover a reflexão sobre as práticas dos processos de ensino, aprendizagem e avaliação).

No presente estudo de avaliação a Teoria do Programa tem essencialmente a ver com a caracterização daqueles aspetos da ESEnfC que foram considerados fundamentais para definir objetos e dimensões da avaliação e, naturalmente, as suas questões orientadoras. Tal caracterização foi feita a partir da análise das conceções e teorias implícitas dos principais *stakeholders* e numa variedade de dados documentais fornecidos pela ESEnfC e/ou disponibilizados no seu sítio institucional. Para efeitos do presente estudo, apresentam-se de seguida, em traços gerais, os elementos de caracterização considerados mais essenciais.

1. A ESEnfC resultou da fusão da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca e da Escola Superior de Enfermagem de Bissaya Barreto conforme consta no Artigo 4º do Decreto-Lei nº 175/2004 de 21 de julho (DR nº 170 - I Série A). De acordo com o documento *A Escola em Números* (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 2008a), este processo teve início em 2002, com a assinatura de um protocolo entre as duas escolas, tendo, em 2004, sido criada a Comissão de Coordenação da Fusão. A principal função desta Comissão foi a de planear e desenvolver todas as medidas que conduziram à criação da ESEnfC. Para tal desenvolveu um conjunto de ações envolvendo toda a comunidade escolar nas diferentes iniciativas, organizando diversos grupos de trabalho e dinamizando a participação de diversos intervenientes e grupos de ambas as escolas. Os debates realizados criaram condições para que se fossem desenhando os principais contornos da nova instituição, nomeadamente através do seu Projeto de Estatutos. A ESEnfC iniciou as suas funções no dia 14 de Agosto de 2006.
2. De acordo com a documentação consultada (e.g. Despacho Normativo n.º 50/2008), a ESEnfC é uma instituição de referência nacional e internacional no que se refere ao desenvolvimento e à afirmação da disciplina de enfermagem. A formação que disponibiliza é desenvolvida em parceria com instituições de saúde e de ensino superior nacionais e internacionais reconhecidas e está orientada para as novas necessidades sociais e demográficas tendo em conta as exigências do mercado global de trabalho e a formação ao longo da vida. Como tal, tem sido sua

preocupação promover um ensino de excelência de acordo com as exigências da sociedade. Ainda de acordo com a informação recolhida, os profissionais formados pela ESEnfC são reconhecidos pela excelência das suas competências, para as quais contribui uma cultura de formação que se caracteriza pela centralidade na pessoa, respeito pela sua criatividade, inovação, compromisso com o projeto de escola, satisfação com o trabalho/estudo e pela articulação sistemática nos domínios da formação, inovação e investigação. A ESEnfC possui uma oferta formativa diversificada, abrangendo, para além dos 1.º e 2.º ciclos, cursos de graduação e de pós-graduação com propósitos diversificados. No ano letivo de 2011/2012, estavam inscritos na ESEnfC 2215 estudantes, 1425 dos quais na licenciatura em enfermagem, 297 em cursos de pós-graduação e 496 em cursos de pós-graduação conducentes ao grau de mestre. A ESEnfC valoriza bastante os programas de mobilidade internacional (e.g. Sócrates, Erasmus) que têm envolvido cada vez mais estudantes. Nos seus documentos orientadores de referência a ESEnfC sublinha o seu empenho sistemático na promoção da qualidade do ensino, da inovação e da produção de conhecimento. A escola dispõe de uma unidade de investigação com um relevante papel na investigação científica em ciências da saúde e, mais especificamente, no domínio da disciplina de enfermagem. Presentemente tem quatro projetos financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). O número de docentes na carreira do ensino superior politécnico é de 108, 35 dos quais habilitados com o grau de doutor. Presentemente, há 57 docentes a frequentar programas de doutoramento o que evidencia o forte investimento que a escola tem feito na formação académica avançada dos seus docentes.

3. O Plano Estratégico da ESEnfC foi elaborado através de um aprofundado trabalho de reflexão e discussão que envolveu um espectro alargado de elementos da comunidade escolar assim como individualidades externas nacionais e internacionais. No seu âmbito foram definidos seis eixos estratégicos que deveriam orientar o desenvolvimento da instituição para o período compreendido entre 2009 e 2013: a) formação, cujos objetivos passam por promover um contexto formativo, científico e culturalmente

estimulante e dinamizar a aproximação a instituições de saúde e ensino superior nacionais e internacionais; b) investigação, desenvolvimento e inovação, que tem como objetivos desenvolver a unidade de investigação como líder de redes de produção, divulgação e aplicação do conhecimento em enfermagem e desenvolver uma comunidade científica de excelência; c) comunidade educativa, cujo principal objetivo é promover a formação global e a realização pessoal e profissional da comunidade educativa; d) direção, gestão, desenvolvimento e consolidação, que define como objetivos desenvolver um sistema de direção estratégica que otimize os recursos e mobilize a instituição e implementar um sistema de gestão de pessoas que as coloque no centro da decisão; e) prestação de serviços à comunidade, que tem como objetivo desenvolver e consolidar serviços que promovam respostas inovadoras em saúde; e f) internacionalização e cooperação, cujos objetivos são promover o reconhecimento internacional da escola e desenvolver redes e projetos de cooperação. Para a ESEnfC a implementação do Plano Estratégico é tão ou mais importante que a sua conceção pelo que tem vindo a ser implementado um sistema de monitorização sistemática, permitindo à comunidade educativa avaliar os resultados, rever e/ou reformular as estratégias definidas (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 2008b).

4. A ESEnfC adequou a estrutura curricular e a organização e funcionamento da Licenciatura em Enfermagem aos princípios constantes nos documentos decorrentes do chamado processo de Bolonha. Consequentemente, nos seus documentos orientadores, nomeadamente o que se intitula *Adequação do Primeiro Ciclo de Estudos da Licenciatura em Enfermagem a Bolonha*, a ESEnfC reconhece a necessidade de se proceder a ajustamentos nas metodologias de ensino para que, por exemplo, a aquisição das competências e a consecução dos objetivos estabelecidos por parte dos estudantes decorram da sua participação ativa, progressivamente autónoma e responsabilizadora, nos processos de aprendizagem ainda que contando sempre com o apoio dos professores (Escola Superior de Enfermagem de Coimbra [ESEnfC], 2007). O crescente envolvimento dos estudantes nos seus processos de aprendizagem coloca novos e mais exigentes

problemas de organização do ensino aos professores. Assim, reconhece-se que o trabalho cooperativo e colaborativo entre os professores é fundamental para planejar e acompanhar as atividades de ensino. O primeiro ciclo de estudos tem a duração de quatro anos e as atividades pedagógicas estão organizadas em horas de contacto (e.g. aulas teóricas, aulas teórico-práticas, aulas práticas laboratoriais, orientação tutorial, seminários/workshops e ensinamentos clínicos) e em horas de trabalho autónomo do estudante. Apesar dos ensinamentos clínicos serem efetivamente unidades curriculares, apresentam uma estrutura e organização distintas que, aliás, foram tidas em conta no presente estudo. A ESEnfC tem desenvolvido uma cultura em que a reflexão crítica acerca do seu trabalho educativo e formativo é um dos elementos fundamentais. Consequentemente, quer os diferentes órgãos constituídos, quer uma diversidade de intervenientes mais ativos da comunidade académica, não têm deixado de fazer referência aos aspetos da Licenciatura em Enfermagem que, na sua perceção, são menos conseguidos. Na verdade, os diferentes *stakeholders* têm centrado o essencial das suas críticas e/ou preocupações no trabalho desenvolvido nas unidades curriculares em geral mas, muito particularmente, nos ensinamentos clínicos. Muitas dessas críticas, preocupações e reflexões têm incidido sobre questões relacionadas com a organização dos processos de ensino e de avaliação e com o desenvolvimento das aprendizagens. Desta forma, consistente com a cultura existente, a presidência da ESEnfC, com o apoio dos diferentes órgãos da instituição, decidiu que seria importante promover um estudo que pudesse apoiar os diferentes intervenientes nos esforços que vêm desenvolvendo para continuar a melhorar a formação dos seus estudantes, futuros licenciados em enfermagem.

5. O ensino das unidades curriculares, ao longo dos quatro anos de formação, organiza-se em aulas teóricas, teórico-práticas, práticas laboratoriais e orientações tutoriais. São sessões coletivas, apesar de em alguns casos poderem ser individuais (no caso das orientações tutoriais), e pressupõem sempre a presença dos estudantes. Numa dada unidade curricular a formação poderá organizar-se em aulas de várias tipologias; consequentemente, nestes casos, é necessária uma maior articulação dos

professores que lecionam as diferentes tipologias e turmas. Por princípio, como é natural e expectável, todas as unidades curriculares estão pensadas em função das necessidades específicas, em termos de conhecimentos e competências, da profissão de enfermagem. Por isso é tão relevante para a ESEnfC uma boa articulação e integração com os chamados ensinos clínicos. Sendo o número de estudantes da Escola relativamente elevado, a organização e desenvolvimento do currículo e a organização dos tempos e dos espaços são, por vezes, bastante complexas, exigindo um investimento e uma mobilização de recursos muito significativos, com particular relevância nos ensinos clínicos.

6. Os ensinos clínicos iniciam-se a partir do 2º ano da licenciatura (3.º semestre), prolongando-se até ao 4º e último ano (8.º semestre). Articulam-se com as unidades curriculares no sentido de promoverem a consolidação e complementaridade das aprendizagens e desenvolvem-se através da prática clínica supervisionada numa diversidade de contextos reais. Os ensinos clínicos são uma componente fundamental da formação dos estudantes porque constituem um espaço privilegiado para mobilizar, integrar e utilizar conhecimentos (teóricos e práticos) e competências de natureza diversa (e.g. científicos, sociais, afetivos, técnicos, tecnológicos). É no contexto dos ensinos clínicos que os estudantes têm reais oportunidades para contactarem com o complexo e sofisticado mundo das instituições prestadoras de cuidados de saúde e, nalguns casos, instituições de educação. Segundo o regulamento dos ensinos clínicos da ESEnfC, os estudantes são diretamente acompanhados por um professor responsável da escola em articulação com outros professores e com outros intervenientes que, de algum modo, acompanham a formação dos estudantes (e.g., professores orientadores, enfermeiros tutores, enfermeiros de referência). Os professores responsáveis pelos ensinos clínicos têm que desempenhar funções tais como: a) elaborar o programa; b) assegurar, com a equipa de professores orientadores, a articulação dos processos de ensino, aprendizagem e avaliação; c) organizar a implementação do ensino clínico; e e) elaborar o guia orientador do ensino clínico. São também os professores responsáveis que propõem ao Gabinete de Gestão Científico Pedagógica dos ensinos clínicos os locais e o número de estudantes para o ensino

clínico do ano seguinte, sendo depois a distribuição dos estudantes feita por esse mesmo Gabinete. O acompanhamento e a orientação dos estudantes é da responsabilidade do professor orientador com a colaboração de pessoal de saúde qualificado. No primeiro semestre de ensino clínico o professor orientador tem que fazer um acompanhamento dos estudantes durante todo o tempo em que eles permanecem em contexto. Nos restantes semestres tal permanência constante não é exigida uma vez que o enfermeiro tutor assume um papel relevante no acompanhamento dos estudantes. O professor orientador é responsável por atividades tais como: a) preparar antecipadamente o contexto do ensino clínico; b) estabelecer um plano semanal de ações de aprendizagem e promover as condições necessárias para as desenvolver; c) facilitar a integração do estudante no local de ensino clínico; d) promover a reflexão sobre os fundamentos e a tomada de decisão sobre as práticas; e) avaliar as aprendizagens considerando a apreciação dos profissionais envolvidos na orientação dos estudantes; f) Informar os estudantes da evolução da sua aprendizagem; e g) preencher os instrumentos de avaliação e atribuir a classificação final de acordo com os critérios definidos. Ainda de acordo com o regulamento atrás referido, a avaliação do ensino clínico deverá ser de natureza contínua, não existindo época de exames e/ou regimes especiais de avaliação, e da responsabilidade do professor orientador, que é igualmente o responsável pela atribuição das classificações. As estratégias de avaliação das aprendizagens estão definidas num guia orientador que é fornecido aos estudantes e aos enfermeiros tutores. O guia especifica orientações concretas fundamentais para organizar e desenvolver os ensinamentos clínicos: a) define objetivos específicos e competências e capacidades a desenvolver pelos estudantes; b) calendariza as atividades previstas; c) apresenta estratégias de supervisão/orientação dos estudantes; d) define o regime de frequência; e) elenca os trabalhos e documentos integrativos a desenvolver e as datas previstas para a sua entrega; f) fornece orientações específicas sobre a apresentação pessoal/uniforme; e g) apresenta outros aspetos considerados importantes. Desta forma, todos os intervenientes nos ensinamentos clínicos têm conhecimento das orientações a observar. Na classificação final dos ensinamentos clínicos são ponderados

todos os parâmetros que integram a grelha de avaliação e a qualidade dos trabalhos e documentos integrativos.

Esta caracterização constituiu uma condição indispensável para que a equipa de avaliação pudesse enquadrar o estudo e, conseqüentemente, formular as questões de avaliação que pareceram mais adequadas.

Questões de Avaliação

A Figura 1 mostra a Matriz de Avaliação que se concebeu a partir dos objetivos e propósitos do estudo, da análise feita aos documentos fornecidos e ainda de um conjunto de reuniões e entrevistas realizadas entre os investigadores e uma diversidade de intervenientes (e.g. Presidente da Escola, Presidentes do Conselho Técnico-Científico e do Conselho Pedagógico, Responsáveis de Unidades Científico-Pedagógicas, Coordenadores dos Ensinos Clínicos, Presidente da Associação de Estudantes, Estudantes de Cada um dos Anos). A análise da figura mostra que foram considerados cinco objetos primordiais de avaliação e vinte e oito dimensões que se indicam entre parêntesis:

1. **Ensino** (Planificação e Organização do Ensino; Natureza, Frequência e Distribuição de *Feedback*; Recursos, Materiais e Tarefas Utilizados; Dinâmicas de Sala de Aula/Contexto de Trabalho; Papel Predominante de Professores e Estudantes; Gestão do Tempo e Estruturação da Aula/Contexto de Trabalho; Perceções dos Professores/ Tutores/ Estudantes).
2. **Aprendizagem** (Participação dos Estudantes; Perceções dos Estudantes e dos Professores sobre os Melhores Contributos para Aprender; Perceções dos Estudantes e dos Professores sobre Relações entre as Aprendizagens Desenvolvidas e o Ensino e a Avaliação).
3. **Avaliação** (Integração e/ou Articulação Entre os Processos de Ensino, Avaliação e Aprendizagem; Utilizações da Avaliação; Tarefas de Avaliação Mais Utilizadas; Natureza, Frequência e Distribuição de *Feedback*; Dinâmicas de Avaliação; Natureza da Avaliação; Papel

Predominante de Professores, Tutores e Estudantes; Percepções dos Professores, Tutores e Estudantes).

4. **Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação no Contexto das Unidades Curriculares** (Relação Pedagógica entre Estudantes e Professores; Dinâmicas de Trabalho nas Salas de Aula; Satisfação dos Intervenientes; Relação dos Estudantes com os seus Pares e Outros Intervenientes).

5. **Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação no Contexto dos Ensinos Clínicos** (Relação Pedagógica e Profissional dos Estudantes com os Tutores; Relação Pedagógica e Profissional dos Estudantes com os Professores; Relação dos Estudantes com os seus Pares e Outros Intervenientes; Dinâmicas de Trabalho; Satisfação dos Intervenientes; Percepções dos Intervenientes).

Como se compreenderá, esta distribuição de objetos e de dimensões constantes na Matriz, é, num certo sentido, artificial e foi feita para apoiar os avaliadores a desenvolver as suas ações de recolha e de sistematização da informação e também para organizar e estruturar o presente relatório. As dinâmicas de sala de aula e a sua complexidade são sempre dificilmente enquadráveis em categorias que muito dificilmente serão disjuntas; na verdade, a maioria das vezes há sobreposições e interações que não podem ser traduzidas num “instrumento” desta ou de qualquer outra natureza. Em todo o caso, tal como é referido por Spaulding (2008), uma Matriz de Avaliação não é mais do que uma esquematização de um plano que permite orientar os avaliadores no terreno e garantir que a informação relevante não deixa de ser recolhida. Também outros autores fazem referência à importância da construção de uma Matriz, ou de algo semelhante, na fase de planificação de uma avaliação (e.g. American Evaluation Association (AEA), 2006; Holden e Zimmerman, 2009; Frechtling, J. *et al.*, 2010).

Objetos	Dimensões
	Planificação e Organização do Ensino

Ensino	Natureza, Frequência e Distribuição de Feedback
	Recursos, Materiais e Tarefas Utilizados
	Dinâmicas de Sala de Aula / Contexto de Trabalho
	Papel Predominante de Professores e Estudantes
	Gestão do Tempo e Estruturação da Aula / Contexto de Trabalho
	Percepções dos Professores / Tutores / Estudantes
Avaliação	Integração/Articulação Entre os Processos de Ensino/Avaliação/Aprendizagem
	Utilizações da Avaliação
	Tarefas de Avaliação Mais Utilizadas
	Natureza, Frequência e Distribuição de Feedback
	Dinâmicas de Avaliação
	Natureza da Avaliação
	Papel Predominante de Professores / Tutores / Estudantes
Percepções dos Professores / Tutores / Estudantes	

Figura 1. Matriz de Avaliação.

Objetos	Dimensões
Aprendizagem	Participação dos Estudantes (Dinâmicas, Frequência e Natureza)
	Percepções dos Estudantes e dos Professores sobre os Melhores Contributos para Aprender (e.g., tarefas, qualidade do ensino, natureza e dinâmica das aulas)
	Percepções dos Estudantes e dos Professores sobre Relações Entre As Aprendizagens Desenvolvidas e o Ensino e a Avaliação
Ambientes de Ens/Aprend/Aval. no Contexto das Unidades	Relação Pedagógica entre Estudantes e Professores
	Dinâmicas de Trabalho nas Salas de Aula
	Satisfação dos Intervenientes

Curriculares	Relação dos Estudantes com os seus Pares e Outros Intervenientes
Ambientes de Ens/Aprend/Aval. no Contexto dos Ensinos Clínicos	Relação Pedagógica e Profissional dos Estudantes com os Tutores (do ponto de vista dos estudantes)
	Relação Pedagógica e Profissional dos Estudantes com os Professores (Orientadores)
	Relação dos Estudantes com os seus Pares e Outros Intervenientes
	Dinâmicas de Trabalho
	Satisfação dos Intervenientes
	Perceções dos Intervenientes

Figura 1. Matriz de Avaliação (continuação)

Convém compreender que as dimensões não são mais do que um conjunto de elementos ou componentes que ajudam a caracterizar cada um dos objetos. Também aqui não é fácil estar a produzir listas exaustivas de elementos caracterizadores de cada objeto. São feitas opções baseadas em dois critérios fundamentais: a) os propósitos e termos de referência do estudo; e b) as indicações constantes na literatura (e.g., Black e William, 1998; Bonesi e Souza, 2006; Cortese, 2006; Nevo, 2006; Saha, Lawrence, Dworkin e Gary (Eds.), 2009).

Tendo em conta a Matriz constante na Figura 1, particularmente os seus objetos primordiais e as considerações elaboradas a propósito, foram definidas as seguintes questões orientadores do estudo:

1. Como é que se poderão caracterizar as práticas de ensino e de avaliação dos professores da licenciatura da ESEnfC no contexto das unidades curriculares e dos ensinos clínicos?
2. Como se poderão caracterizar os ambientes de ensino, aprendizagem e avaliação das unidades curriculares, incluindo os ensinos clínicos?

3. Como é que se poderão caracterizar a participação e o envolvimento dos estudantes nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação?
4. Como se poderão caracterizar os sistemas de concepções dos intervenientes principais (e.g. professores e estudantes) relativamente ao ensino, à aprendizagem e à avaliação?
5. Como é que os professores e estudantes percebem e caracterizam os processos de ensino, de avaliação e de aprendizagem que ocorrem nas diferentes unidades curriculares, incluindo os ensinamentos clínicos?

Estas questões foram complementadas com um conjunto de outras sub-questões que decorrem das dimensões que se definiram para cada um dos objetos. Por exemplo, no caso do Ensino, era expectável à partida que o estudo pudesse responder a questões tais como: a) Como é que os professores organizam o ensino e a avaliação?; b) Como se poderá caracterizar a natureza, a frequência e a distribuição do *feedback*? Do mesmo modo, relativamente a outras dimensões e objetos, facilmente se identificam outras questões que pareceu dispensável apresentar aqui de forma exaustiva.

Método

Tendo em conta as condições concretas de realização deste estudo, os investigadores centraram todas as suas ações tendo bem presente que o cerne deste estudo de avaliação residia na necessidade de produzir narrativas extensas que descrevessem o mais fielmente possível ações e percepções de professores e estudantes relativamente aos processos de ensino, de avaliação e aprendizagem. Assim foi decidido que os dados seriam obtidos através de entrevistas com Grupos Focados (*Focus Groups*) num conjunto de questões de interesse, constituídos por estudantes. Recorreu-se igualmente a observações de aulas e de sessões relativas aos ensinamentos clínicos e a entrevistas semiestruturadas, realizadas junto de professores, estudantes e membros dos diferentes órgãos da instituição. Decidiu-se ainda administrar um questionário a professores e estudantes.

Foram também consultados e analisados documentos de variada natureza (e.g.

documentos orientadores da vida pedagógica e científica da instituição; planos de atividades).

Importa, ainda, referir dois factos. O primeiro refere-se à recetividade que os principais intervenientes neste estudo de avaliação dispensaram aos investigadores. Na verdade, a Presidência da Escola, os membros dos seus órgãos de natureza técnica e científica e pedagógica, os professores e os estudantes, mostraram sempre uma disponibilidade e um interesse que em muito contribuíram para que a recolha de informação pudesse desenvolver-se sem problemas assinaláveis. Particularmente, no que se refere à observação de aulas e de sessões que decorreram no âmbito dos ensinos clínicos, a equipa pôde sempre contar com a colaboração empenhada e sem reservas de praticamente todos os professores envolvidos. O segundo refere-se à complexidade do estudo que, no essencial, decorre da matriz curricular do curso e das formas como o currículo é organizado e desenvolvido, nomeadamente no que se refere à organização dos tempos e horários. A especificidade do curso de Licenciatura em Enfermagem parece explicar uma parte das dificuldades que os investigadores sentiram para conseguirem estabelecer um plano de recolha de dados capaz de responder às questões do estudo.

Na fase inicial do estudo ocorreu um conjunto de reuniões realizado entre os investigadores e vários intervenientes assim como um conjunto inicial de entrevistas (e.g. Presidente da Escola, Presidentes do Conselho Técnico-Científico e do Conselho Pedagógico, Responsáveis de Unidades Científico-Pedagógicas, Coordenadores dos Ensinos Clínicos, Presidente da Associação de Estudantes, Estudantes de Cada um dos Anos). Estas reuniões e entrevistas realizaram-se nos dias 26 de janeiro e 25 de fevereiro de 2011, nas instalações da ESEnfC. Juntamente com a análise de documentação produzida pela escola (e.g. planos de atividades, relatórios diversos, plano de estudos, normas orientadoras) estas reuniões e entrevistas revelaram-se cruciais para focar e orientar o desenvolvimento do estudo.

Com o objetivo de garantir o reconhecimento da avaliação e numa tentativa de clarificar alguns dos seus propósitos e respetivos procedimentos éticos e metodológicos a todos os docentes da instituição, foi remetida uma carta pelo

Coordenador do estudo à Presidente da ESEnfC em 21 de abril de 2011 (Anexo A).

Foram observadas 55 aulas de unidades curriculares assim distribuídas: 30 de natureza teórico-prática; 20 de natureza teórica; 2 de práticas laboratoriais; e 3 de orientação tutorial. Estas observações correspondem a um total de 22 unidades curriculares e a 110 horas de tempo letivo. As áreas científico-pedagógicas observadas foram as que se indicam a seguir, assinalando-se entre parêntesis o número de unidades curriculares observado em cada caso.

1. Saúde (5).
2. Psicologia (1).
3. Sociologia e Outros Estudos (1).
4. Filosofia e Ética (1).
5. Enfermagem (11).
6. Ciências da Educação (1).
7. Saúde – Programas não Classificados Noutras (1).
8. Biologia e Química (1).

Repare-se que só não se observaram unidades curriculares na área de Gestão e Administração e que a opção dos investigadores foi a de fazer incidir a maioria das observações nas áreas científico-pedagógicas de Enfermagem e de Saúde.

Foram observados 28 professores dos quais 17 possuíam o grau de Mestre, 9 o grau de Doutor e 2 eram Especialistas. Quanto à sua categoria profissional 18 eram Professores Adjuntos e 9 eram Professores Coordenadores. O outro docente tinha o estatuto de Docente Convidado. Todos os 28 docentes observados foram entrevistados, com a duração média de uma hora de entrevista por docente.

No contexto dos ensinamentos clínicos foram observadas 66 sessões ao longo de 132 horas e 30 minutos. Destas 66 sessões, 22 eram no âmbito do 2º ano, 15 do 3º ano e 29 do 4º ano. No total foram observados 70 responsáveis pelo acompanhamento dos ensinamentos clínicos, com a seguinte distribuição de acordo com o seu grau académico: 4 Doutores, 21 Mestres e 44 Licenciados em Enfermagem. Tendo em conta a sua categoria profissional, os 70 docentes acima

referidos distribuem-se da seguinte forma: 8 Professores Coordenadores; 16 Professores Adjuntos; 41 Assistentes (4 convidados a tempo integral, 34 convidados a tempo parcial e 3 do 2º triénio); 3 Enfermeiros Especialistas e; um Enfermeiro Graduado. Ficou por determinar a categoria profissional de 4 professores. Foi possível entrevistar 52 dos 70 docentes observados tendo, cada entrevista, a duração média aproximada de 60 minutos. Em todo o processo das observações no contexto dos ensinamentos clínicos estiveram envolvidos 280 estudantes.

Através da modalidade de *Focus Groups* foram entrevistados 132 estudantes ao longo de cerca de 27 horas, num total de 38 entrevistas. Dos 132 estudantes referidos 86 frequentavam o 1º ano, 10 o 2º ano, 26 o 3º ano e 10 o 4º ano.

Todas as entrevistas foram áudio-gravadas e parcialmente transcritas. Quer as entrevistas, quer as observações foram realizadas com o apoio de guiões (Anexo B) mais ou menos formais e estruturados que constituíram uma orientação destinada a garantir níveis adequados de consistência entre os investigadores. No entanto, havia espaço para registar tudo o que se entendesse poder ser suficientemente relevante no âmbito dos “grandes objetos” do estudo. Importa ainda referir que os guiões foram elaborados tendo como principais referentes a Matriz e as Questões de Avaliação. Desta forma, procurou igualmente garantir-se a consistência necessária relativamente à formulação de questões consideradas críticas e/ou fundamentais para não comprometer os objetivos centrais do estudo. Em suma, cada um dos entrevistadores, perante uma dada situação concreta, foi livre para explorar os assuntos que a dinâmica própria das entrevistas pudesse eventualmente proporcionar. Para além desta possibilidade, as entrevistas foram adaptadas às funções, papéis e interesses específicos dos entrevistados. Situação análoga foi vivida no processo das observações.

Com o objetivo de conhecer as perceções dos professores e estudantes do 2º ao 4º ano da Licenciatura em Enfermagem, relativamente aos processos de ensino, aprendizagem e avaliação, foi desenvolvido o questionário que se apresenta no Anexo C. O processo de conceção e desenvolvimento deste instrumento decorreu ao longo de cerca de 4 meses, utilizando uma metodologia que envolveu sucessivas análises por parte de todos os investigadores a partir de uma versão inicial do questionário que foi sendo modificada até se obter a

versão que se pode consultar no Anexo C. Não cabendo no âmbito deste relatório proceder a uma descrição exaustiva acerca do processo de construção do questionário, dir-se-á apenas que a Matriz de Avaliação e as Questões de Avaliação foram referentes importantes que permitiram organizar as suas grandes áreas, correspondentes aos “grandes objetos” da avaliação. Além disso, interessa sublinhar o facto de os itens referentes ao conteúdo principal do questionário (Ensino, Aprendizagem, Avaliação, Ambiente de Ensino, Aprendizagem e Avaliação) serem exatamente os mesmos para professores e estudantes, possibilitando assim uma comparação entre as respetivas perceções.

O Questionário foi colocado online para ser administrado, através de ligações (*links*) apropriadas à totalidade dos membros dos dois grupos-alvo, ou seja, todos os professores da ESEnfC ($n=187$) e a todos os estudantes do 2.º, 3.º e 4.º anos da Licenciatura ($n=995$). Os índices de retorno de questionários válidos para análise podem ser considerados bastante aceitáveis tendo em conta a literatura da especialidade (e.g. Miller, 1991). Na verdade, o índice de retorno no caso dos professores foi de 42%, correspondente a 79 docentes. No caso dos alunos, foram devolvidos 623 questionários preenchidos, dos quais 587 foram validados correspondendo a um índice de retorno de 59%. A Tabela 1 mostra a distribuição das respostas dos estudantes tendo em conta o ano que frequentavam, as respostas validadas e o universo. A análise da tabela permite verificar que, tendo em conta o número total de estudantes que constituíam o universo (995), foram os estudantes do 4.º ano os que retornaram o menor número de questionários válidos para análise, mas ainda assim com um número bastante aceitável (40%). Os estudantes do 3.º ano, com 73%, foram os que retornaram o maior número de questionários. Se considerarmos apenas o número de questionários válidos recebidos (587), aquelas percentagens são 22% e 44%, respetivamente.

Tabela 1

Distribuição das respostas dos estudantes, por ano frequentado, tendo em conta as respostas validadas e o universo.

Ano	Distribuição das respostas validadas	Distribuição das respostas tendo em conta o universo
-----	--------------------------------------	--

	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
2º Ano	199	34%	315	63%
3º Ano	257	44%	354	73%
4º Ano	131	22%	326	40%
Total	587		995	59%

A Tabela 2 apresenta a distribuição das respostas dos professores tendo em conta a sua categoria profissional, o número de questionários validados e o número total de docentes da escola. Interessa referir que, dos professores que responderam ao questionário, 23 eram doutores, 41 eram mestres, 14 eram licenciados e 1 possuía "outro" grau académico estando, na tabela, incluído na categoria dos assistentes. Todos os 79 questionários devolvidos pelos professores foram considerados válidos para análise sendo o número de docentes indicado o que constava na página da ESEnfC.

A análise da Tabela 2 permite constatar que mais de metade do número total de Professores Coordenadores e Adjuntos da escola respondeu aos questionários, respetivamente 53% e 56%. Tendo em conta o número total de Assistentes, verifica-se que foi a categoria profissional com um índice de retorno mais baixo (29%).

Tabela 2

Distribuição das respostas dos professores por categoria profissional tendo em conta as respostas validadas e o universo.

Categoria Profissional	Distribuição das respostas validadas		Distribuição das respostas tendo em conta o universo	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Assistentes	27	34%	92	29%
Prof. Adjuntos	35	44%	63	56%
Prof. Coordenadores	17	22%	32	53%
Total	79		187	

Importa ainda referir que, se considerarmos o número de assistentes a tempo inteiro e o número total de professores adjuntos e coordenadores (111 professores) o índice de retorno dos questionários foi de 61%. Trata-se de um índice que traduz uma participação bastante superior ao que é habitual neste tipo de situações.

Assim, os índices de retorno obtidos, quer no que se refere aos alunos, quer no que se refere aos professores, permitem afirmar que os dados recolhidos através do questionário permitiram complementar os demais dados coligidos ao longo do estudo.

Considerando os objetivos do estudo e as suas potenciais utilizações, assim como o que se foi constatando que poderia ter mais significado para os principais *stakeholders*, pareceu que seria importante produzir narrativas que se baseassem essencialmente nas observações e nas entrevistas realizadas. A ideia que presidiu a esta decisão foi a de se reconhecer a necessidade de induzir reflexões acerca de práticas de ensino e de avaliação e do processo de aprendizagem relacionando-as com as questões mais substantivas relativas ao domínio da organização e do desenvolvimento do currículo. Uma análise mais detalhada dos resultados produzidos pelo questionário pode ser consultada no Anexo D.

Para efeitos da elaboração deste relatório e tendo em conta questões relacionadas com a preservação do anonimato de todos os participantes, optou-se pelas designações de “professor” e “professores”, apesar de terem participado no estudo docentes dos dois géneros.

Organização do Relatório

Este relatório de avaliação está organizado em cinco capítulos: esta Introdução, cujos propósitos estão enunciados no seu início; uma Síntese Avaliativa Global, em que se destacam os aspetos considerados mais significativos da avaliação realizada; um conjunto de Conclusões e Reflexões; e, no quarto capítulo, apresentam-se e descrevem-se os dados obtidos a partir das entrevistas e observações realizadas, fazendo referência aos dados obtidos através do questionário administrado aos professores e

alunos da escola. Por fim, no último capítulo, apresenta-se a lista das referências constantes no texto e de outra bibliografia consultada.

2

Síntese Avaliativa Global

Neste capítulo faz-se uma síntese avaliativa do que se considerou ser mais relevante assinalar após a análise e interpretação dos dados recolhidos. O desenvolvimento, os detalhes e a fundamentação para as afirmações que aqui se fazem podem encontrar-se no Capítulo 3 (Conclusões e Reflexões) e no Capítulo 4, onde se apresentam, descrevem e analisam os dados recolhidos neste estudo.

A síntese avaliativa que se produziu e que se apresenta de seguida decorreu, naturalmente, da descrição, análise e interpretação dos dados recolhidos. Trata-

se de uma abundante base empírica a partir da qual seria possível produzir ilações e atribuir significados e sentidos eventualmente diversos dos que se apresentam neste relatório. No entanto, a *Síntese Avaliativa Global* a seguir apresentada é o resultado de um processo de discussão entre os membros da equipa de avaliação que foi cuidadosamente escrutinado. Isto significa que a síntese não resultou de uma visão meramente impressionista dos dados recolhidos, mas foi fruto de um processo de análise e interpretação que foi objeto de validação por parte dos membros da equipa de avaliação.

É importante referir que a equipa de avaliação, que envolveu mais intensa e diretamente seis investigadores, que puderam contar com a colaboração pontual de outros quatro, teve sempre presente os objetivos, a matriz e as questões de avaliação definidos para este estudo. Desta forma pretendia-se garantir que o estudo respondesse às necessidades dos *stakeholders*, nomeadamente a presidência, os responsáveis pelos órgãos de direção intermédia, os professores e os estudantes da ESEnfC.

Salienta-se a atitude positiva com que o conjunto dos participantes encarou esta avaliação externa, o que nem sempre acontece em situações de semelhante natureza. A cultura existente na instituição favorece a criação de um clima em que a reflexão sobre o que se vai fazendo e sobre o que se vai conseguindo, é encarada como essencial para que se cumpram a missão, a visão e os objetivos estratégicos definidos. Parece ser entendimento de toda a comunidade que essa reflexão é indissociável de um sistema de avaliação que, de forma mais ou menos contínua, mais ou menos pontual, permita recolher informação para que se conheça e compreenda o que acontece num dado período de tempo ou num dado momento, numa variedade de áreas de intervenção da escola. E é nesta perspetiva que o presente estudo se insere e faz real sentido. Concretamente, a instituição, através da sua presidência, entendeu que, nesta altura, era importante conhecer e compreender melhor a sua vida pedagógica, muito particularmente nos domínios do ensino, da aprendizagem e da avaliação.

Não pode deixar de se afirmar que a experiência vivida pelos avaliadores ao longo dos meses em que decorreu o estudo foi, sob muitos pontos de vista, francamente invulgar. E este facto não pode ser ignorado. É, por exemplo, importante que se diga que os professores e os estudantes com quem a equipa

contactou, que estão no cerne da vida pedagógica da escola, foram unânimes em congratular-se com o ambiente em que vivem. Consideram que há um clima de proximidade e até de cumplicidade entre professores e estudantes que favorece o debate e a reflexão sobre as práticas pedagógicas, tendo sempre em vista a melhoria da formação que é proporcionada aos futuros profissionais de enfermagem.

Apresentam-se de seguida dez pontos que refletem a avaliação que a equipa produziu a partir do trabalho empírico que foi possível desenvolver.

Uma Escola de Valores, de Princípios e de Causas

Ao longo dos meses em que este estudo de avaliação se desenvolveu, todos os membros da equipa de avaliação tiveram uma diversidade de oportunidades para contactar com os principais *stakeholders* da escola (e.g. elementos da presidência, dirigentes de órgãos de natureza técnica e científica e pedagógica, dirigentes e coordenadores de órgãos de gestão intermédia, professores indiferenciados, dirigentes estudantis e estudantes em geral, técnicos superiores, técnicos administrativos). Estes contactos, realizados em momentos mais ou menos formais, que envolveram diretamente cerca de 300 estudantes e 100 professores, permitiram que todos os avaliadores conhecessem e compreendessem com alguma profundidade a instituição em que estavam a desenvolver o seu trabalho de investigação e de avaliação. Para além dos documentos que previamente se tinham analisado e que, indubitavelmente, revelavam um conjunto de características da instituição que se poderiam designar como invulgares, a experiência vivida com os participantes deu forma e real sentido à ideia que cada membro da equipa tinha construído. Na verdade, todos foram unânimes em reconhecer que se sentiam numa escola com uma forte cultura institucional, orientada por um conjunto de valores e de princípios partilhados por um significativo número de membros da sua comunidade. Tais valores e princípios têm contribuído para que a escola, nos últimos anos, tenha, por exemplo, apostado de forma muito séria e consistente na formação avançada dos seus docentes, no forte desenvolvimento da sua unidade de investigação e na formação graduada e pós-graduada. Tudo isto sempre associado a uma visão de futuro que tem marcado as ações que a escola vem concretizando como é o caso do seu plano estratégico 2009-2013 em que se

identificaram as grandes linhas de desenvolvimento que orientam os seus esforços de ensino, de investigação e de intervenção na comunidade e no mundo. Trata-se, na opinião de todos os membros da equipa de avaliação, de uma “escola de causas”, muito debatidas e partilhadas pelos elementos da sua comunidade, que lhe conferem um dinamismo e uma motivação invulgares no contexto das instituições do ensino superior.

Um Corpo Docente Empenhado, Competente E Bem Ciente Do Seu Papel

Todos os avaliadores imergiram, tão profundamente quanto lhes foi possível, na vida pedagógica da escola, falando com professores e estudantes, observando aulas de diferentes naturezas, entrevistando e conversando com uma diversidade de intervenientes e deslocando-se aos contextos dos ensinamentos clínicos. Esta abordagem de avaliação, inevitável e deliberadamente, permite que os avaliadores sejam “contaminados” pelas pessoas, pelas realidades e pelos fenómenos que procuram conhecer e compreender. Todos os membros da equipa tiveram, assim, a oportunidade de constatar, ao longo de várias centenas de horas, que a escola possui um corpo docente com um elevado sentido das suas responsabilidades pedagógicas, científicas e profissionais. Este facto decorre de um conjunto de circunstâncias mais ou menos evidentes, das quais se sublinhariam a aposta na formação avançada, a existência de uma cultura orientada para a melhoria contínua, o envolvimento dos professores na definição das grandes linhas estratégicas de desenvolvimento da instituição, a aposta na investigação, os contactos internacionais e a forte liderança existente. Consequentemente, estamos perante um corpo docente exigente consigo mesmo e com os outros, muito disponível para se desenvolver académica e profissionalmente, empenhado nas “causas” da escola, muito competente e com um sentido crítico que não o inibe de manifestar abertamente as suas opiniões acerca dos mais variados aspetos relacionados com a vida da escola. Trata-se de um conjunto de profissionais que conhece profundamente a instituição em que trabalha, assinalando o que considera serem os seus pontos fortes mas, de igual modo, identificando o que ainda não foi propriamente bem conseguido. É um corpo docente que tem sabido estabelecer uma boa relação com os seus

estudantes, contribuindo, inequivocamente, para que o clima da escola favoreça o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem.

Um Corpo Discente Interessado, Satisfeito Mas Com Sentido Crítico

Pelas razões já anteriormente referidas a abordagem de avaliação utilizada permitiu que os membros da equipa de avaliação pudessem conhecer e compreender melhor os estudantes que frequentam a instituição. Refira-se que foi possível contactar diretamente com algumas centenas de estudantes, nomeadamente em contextos formais de entrevistas, de ensinos clínicos e de aulas de uma diversidade de unidades curriculares. Mas também em contextos informais, nas instalações da escola ou das instituições em que os estudantes foram colocados nos ensinos clínicos. A equipa de avaliação pôde constatar o grande interesse dos estudantes pela vida da escola, a satisfação que sentem por estar a frequentá-la, o orgulho que evidenciam quando se referem ao facto de estudarem “na melhor escola de enfermagem do país” e, conseqüentemente o seu reconhecimento pela qualidade da formação que lhes é proporcionada. Mas também foi possível ficar a saber que os estudantes têm um sentido crítico apurado, que os leva a fazer referência a uma diversidade de aspetos que, na sua opinião, poderiam ser melhorados (e.g. instalações das aulas teóricas, organização dos ensinos clínicos, avaliação das aprendizagens). Foi surpreendente a adesão dos estudantes às diferentes solicitações que lhes foram dirigidas no âmbito deste estudo de avaliação (e.g. inquéritos por entrevista e por questionário, conversas informais, reuniões formais). Deve sublinhar-se que os estudantes referiram em diversas ocasiões que gostavam de participar nas recolhas de dados que a escola promove com regularidade mas que não sentiam as respetivas conseqüências.

Uma Escola Com Uma Organização Pedagógica Complexa E Difícil De Gerir

O modelo de formação adotado, com uma importante e fundamental componente de formação em contexto, aliado ao elevado número de estudantes que frequentam a escola, são dois “elementos” que, claramente, interferem com a sua organização pedagógica. Na verdade, verificou-se que há um conjunto de

preocupações que foi sendo referido pelos diversos intervenientes que, em muito boa medida, decorre daqueles dois “elementos” tais como: a) elevado número de estudantes nas aulas teóricas; b) organização e funcionamento dos ensinos clínicos; c) coordenação dos docentes envolvidos nas unidades curriculares e nos ensinos clínicos; e d) articulação entre os docentes quer nas unidades curriculares, quer nos ensinos clínicos. Como o número de estudantes não deverá, ou não poderá, ser deliberadamente diminuído por iniciativa da escola por razões que parecem óbvias, interessa saber de que formas os problemas identificados poderão ser resolvidos. Também parece evidente que o modelo de formação terá sempre que estar baseado numa forte componente de formação prática. Essa é uma opção fundamental e da maior relevância para a qualidade e pertinência da formação dos estudantes. Mas sempre se poderá refletir acerca da expressão realista que tal componente deverá ter tendo em conta, por exemplo, as atuais dificuldades em acompanhar os estudantes que frequentam os ensinos clínicos, a necessidade de se proceder à contratação de um número significativo de colaboradores externos e o número de estudantes em ensinos clínicos que vários professores são supostos acompanhar. O que é possível, nesta altura, inferir a partir dos dados recolhidos no âmbito deste estudo de avaliação, é que parece haver necessidade de a escola promover uma reflexão aprofundada em termos de questões tais como:

- Em que medida fará real sentido pensar-se que a teoria se ensina e se aprende privilegiadamente em unidades curriculares teóricas?
- Em que medida fará real sentido pensar-se que nas unidades curriculares teórico-práticas, de práticas laboratoriais ou de ensinos clínicos não se ensina e não se aprende a teoria e os seus conceitos estruturantes?
- Do ponto de vista epistemológico será razoável demarcar de forma tão acentuada a chamada teoria e a chamada prática?
- Será possível, mantendo o paradigma de formação existente, pensar numa outra forma de organizar os ensinos clínicos de forma a diminuir o esforço que, a vários níveis, eles exigem?

É importante referir que, de modo geral, como se verá mais especificamente noutros pontos desta síntese avaliativa, a escola proporciona uma formação de elevada qualidade aos seus estudantes. Por outro lado, através do enorme esforço e empenho do seu corpo docente e dos colaboradores contratados, os ensinamentos clínicos são assegurados com assinaláveis níveis de eficiência e eficácia. No entanto, querendo a escola melhorar a qualidade do ensino e da avaliação e, concomitantemente, a formação dos seus estudantes, parece importante que se possam equacionar as questões acima formuladas e outras de semelhante natureza. Na verdade, o que o desenvolvimento deste estudo de avaliação foi evidenciando ao longo de cerca de 14 meses é que as principais dificuldades apontadas, obstáculos à criação de condições para ensinar, aprender e avaliar melhor, residem na organização curricular e nas concepções epistemológicas que lhe são subjacentes. Daí a sugestão para que se proceda à sua discussão aberta e, tanto quanto possível, livre de dicotomias enganadoras e de ortodoxias ontológicas ou epistemológicas.

Do ponto de vista da equipa é neste ponto que parece residir o núcleo central dos resultados do estudo de avaliação realizado. Os restantes pontos e os seus conteúdos, ainda que sejam considerados importantes, são, no essencial, adjacentes às questões de fundo que aqui são equacionadas.

Um Ensino Bem Planeado, Por Vezes Magistral, Por Vezes Inovador

Como já se referiu a escola tem um corpo docente altamente especializado, competente, capaz de reorientar e regular as suas ações de ensino e, também por isso, ciente das suas responsabilidades em se manter atualizado dos pontos de vista pedagógico e científico. Na verdade, pode afirmar-se com segurança que os professores organizam e planificam o seu ensino tendo em conta um genuíno interesse em que os seus estudantes aprendam o que são supostos aprender. Por isso, preocupam-se em lecionar todos os assuntos previstos nos programas e em utilizar reconhecidas referências nacionais e internacionais, chamando a atenção dos seus estudantes para a importância da constante necessidade de atualizarem os seus conhecimentos e alertando-os para a ideia fundamental da aprendizagem ao longo da vida. Os professores participantes planificam as suas aulas tendo em devida conta os recursos a utilizar, a investigação desenvolvida, as características dos estudantes e as suas experiências profissionais. Na sua

opinião, a organização e o planeamento do ensino é essencial porque lhes permite desenvolver adequadamente o programa e alcançar os objetivos estabelecidos. No entanto, como foi referido por vários professores participantes, é necessário ter uma atitude de abertura e de flexibilidade nas planificações para as ajustar e até reformular sempre que tal se revele necessário tendo em vista as aprendizagens dos estudantes. Curiosamente, para a maioria dos estudantes entrevistados isso nem sempre acontece, existindo muitos professores que não respondem adequadamente às necessidades dos estudantes.

Dir-se-ia que a maioria dos docentes participantes no estudo mostrou estar bem ciente dos princípios e dos conhecimentos acerca do que poderá constituir um ensino que responda eficiente e eficazmente às necessidades de formação dos estudantes. Neste sentido, a sua preocupação com a planificação e organização do ensino é consistente com essa consciência. Mas também foi visível a sua preocupação e esforço em recorrer a uma diversidade de estratégias e de metodologias que imprimissem uma certa dinâmica ao seu ensino (e.g. exposições, debates, formulação de questões, trabalhos de grupo, análises de casos). Este esforço foi mais notório nas aulas teórico-práticas e nas práticas laboratoriais mas os seus resultados nem sempre corresponderam ao esforço e ao tempo investido. Por exemplo, nem sempre os estudantes acompanham de forma interveniente o desenvolvimento das aulas, embora a maioria reconheça que a diversificação de métodos e estratégias de ensino contribui para melhorar as suas aprendizagens.

O ensino existente na escola desenvolve-se num contexto que possui um conjunto de características que, indubitavelmente, lhe conferem qualidade tais como: a) os professores têm boa preparação científica e possuem uma apurada sensibilidade e/ou intuição pedagógica e didática; b) os recursos existentes são de muito boa ou mesmo de excelente qualidade (e.g. laboratórios, salas de estudo, salas de computadores, bibliografia); c) os professores têm uma relação próxima e cúmplice com os seus estudantes, mostrando-se disponíveis para os apoiar sempre que necessário; e d) os professores têm condições para se desenvolverem profissional e academicamente. No entanto, há um número importante de aulas que, na opinião da maioria dos estudantes e dos professores participantes, se baseiam essencialmente no discurso dos professores apoiado

em transparências, mais ou menos interessantes, mais ou menos bem concebidas, realizadas através da aplicação *Power Point*. São aulas magistrais assentes na ideia de que “dizer o currículo” é uma boa forma de conseguir que os estudantes aprendam a “teoria e os conceitos fundamentais”. Aliás, foi interessante constatar que ambos, estudantes e professores, consideraram a importância destas aulas, maioritariamente teóricas, para a aquisição dos “conhecimentos teóricos” que servem de base à enfermagem. Na sua opinião, seria apenas necessário recorrer mais à formulação de questões e a exemplos práticos e reais da profissão e a um sistema de avaliação que não se resumisse a uma prova final (e.g. frequência, exame) para que o ensino melhorasse substancialmente. Ou seja, para alterar a realidade, que se constatou num número de situações e que foi corroborada tanto por professores como por estudantes, de as aulas se desenvolverem com os professores a “explicarem a matéria e os estudantes a tirarem apontamentos”.

Talvez aquelas medidas possam contribuir para melhorar a referida realidade, mas os dados recolhidos neste estudo mostraram à equipa de avaliação que, muito provavelmente, a questão é mais de fundo uma vez que parece residir nas conceções e nos conhecimentos que se sustentam acerca de “elementos” tão relevantes como o currículo, a aprendizagem, o ensino e a avaliação e, noutro plano, a teoria, a prática e a construção do conhecimento.

Interessa ainda referir que foi possível testemunhar uma variedade de práticas de ensino de professores que, em aulas ou sessões de natureza mais ou menos teórica, podem ser consideradas inovadoras. Sobretudo tendo por referência as dinâmicas de trabalho, a estrutura e sequência de ações, a natureza das tarefas, o papel do professor e o papel dos estudantes. Claro está que este tipo de ensino tem outro tipo de exigências, tanto para os professores como para os estudantes, pois implica uma mudança mais ou menos radical na relação pedagógica e nas dinâmicas e processos de ensino, de aprendizagem e avaliação.

Nestas condições, poderá dizer-se que o ensino é geralmente bem planeado e organizado, indo ao encontro de necessidades de aprendizagem importantes dos estudantes. No entanto, a melhoria que ainda assim é pretendida pelos principais *stakeholders* da instituição, parece exigir que se devam dar passos importantes para que a escola se vá progressivamente afastando da abordagem

magistral aos processos de ensino em direção a abordagens mais inovadoras nos seus métodos, nos seus conteúdos e nos seus propósitos.

O Papel Dos Estudantes: Mais Passivo Do Que Interviente

De modo geral, os estudantes têm um papel passivo nas aulas, particularmente nas que são de natureza teórica, sendo meros recetores de informação que lhes é dita ou transmitida pelos professores. Se tivermos em conta as orientações produzidas na escola que decorrem do processo de Bolonha, verifica-se que a organização do ensino e das aprendizagens está aquém do que aí é preconizado. Na verdade, as chamadas horas de contacto, em que, por exemplo, o professor poderia constituir um recurso para apoiar e orientar o trabalho autónomo dos estudantes, são, na verdade, em muitos casos, aulas de natureza magistral. Note-se que isto não significa necessariamente que sejam “más aulas”, aulas desinteressantes ou aulas em que os professores se limitam a utilizar um monótono e enfadonho monólogo. Foi possível observar aulas magistrais em que os estudantes estavam claramente envolvidos e interessados no que o professor dizia e em que este ia quebrando a monotonia quer através da formulação de questões, quer através de uma eficiente utilização de algum recurso (e.g. slides, modelos). A tendência para que as aulas sejam ainda essencialmente baseadas no “paradigma da transmissão” significa que, muito provavelmente, se estão a desperdiçar oportunidades para que os estudantes aprendam mais e com outros níveis de compreensão e de profundidade. O conhecimento disponível acerca da forma como os seres humanos aprendem mostra-nos que a participação ativa na resolução de uma diversidade de tarefas (e.g. problemas, pesquisas bibliográficas, elaboração e discussão de pequenos textos, apresentação e discussão de conceitos) e a conseqüente interação social que se estabelece, constituem elementos fundamentais no desenvolvimento de aprendizagens mais significativas, isto é, aprendizagens com compreensão e mais facilmente transferíveis para outros contextos. Por isso é importante contrariar uma cultura pedagógica ainda muito baseada na ideia de que o currículo é algo que tem que ser dito ou transmitido pelo professor a um grupo de estudantes que, supostamente, o ouve e se limita a registar o que ele diz. É necessário desenvolver o “paradigma da comunicação” que pressupõe papéis

substancialmente diferentes para professores e para estudantes, tal como se recomenda na documentação do referido processo de Bolonha.

Obviamente que há algumas razões referidas por professores e estudantes que podem dificultar a adoção de paradigmas que induzam a participação ativa dos estudantes nas suas aprendizagens. É, por exemplo, o caso do elevado número de estudantes por turma, da inibição da maioria dos estudantes em intervir e da forma como alguns professores reagem a intervenções menos conseguidas por parte dos estudantes. Mas estes argumentos, ainda que se compreendam pois expressam o que as pessoas vivem e sentem, não constituem a questão de fundo que é, na verdade, o desenvolvimento de uma outra conceção acerca do que pode significar ensinar e aprender.

Em algumas aulas de natureza dita mais prática e sobretudo nos ensinamentos clínicos, foi possível constatar que os respetivos professores organizaram o ensino de forma a que os estudantes pudessem participar, questionar, pesquisar e intervir, sempre que o considerassem oportuno e/ou necessário. Nestas aulas os professores agiam como uma espécie de recurso de apoio ao desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes, assumindo o papel de orientadores e de supervisores atentos e responsivos às questões que iam surgindo ao longo das aulas ou das sessões de trabalho. Apesar destes exemplos e de se verificar que nas aulas mais práticas e nas sessões de ensinamentos clínicos, os estudantes estavam relativamente mais à vontade para participar, a verdade é que a participação ativa dos estudantes nas aulas e sessões de trabalho é ainda francamente reduzida. Quando participam, os estudantes fazem-no porque são expressamente solicitados para tal. As intervenções espontâneas, da sua própria iniciativa, são pouco frequentes.

Em contextos em que os grupos tinham uma dimensão reduzida e em que, conseqüentemente, existia uma maior proximidade entre os estudantes e os professores, a tendência foi para que houvesse uma participação e um envolvimento mais ativo por parte dos estudantes. Além disso, sempre que os professores baseavam as suas intervenções nas aulas ou em sessões de trabalho em casos reais, que pudessem ter sido vividos pelos estudantes ou com que eles facilmente se identificassem, as intervenções espontâneas aconteciam com mais frequência. Foi, por isso, interessante constatar que uma grande parte dos professores: a) mostrou ter consciência dos modos de agir que mais contribuía

para que os estudantes se envolvessem mais ativamente nos processos de aprendizagem; e b) reconheceu que os estudantes que participavam nas aulas aprendiam mais do que aqueles que não o faziam. Curiosamente, as percepções e opiniões dos estudantes vão no mesmo sentido pois foi claro que estão bem cientes de como a sua participação pode influenciar positivamente as suas aprendizagens.

Em suma, no que se refere ao processo de desenvolvimento das suas aprendizagens no contexto das aulas, os estudantes, em geral, mostraram-se essencialmente passivos. Sendo esta tendência mais acentuada nas aulas de natureza teórica. Nas aulas de natureza teórico-prática, práticas laboratoriais e de orientação tutorial em que se desenvolviam dinâmicas de trabalho mais diversificadas (e.g. trabalhos em pequenos grupos, trabalhos individuais com posterior discussão no grande grupo, debates) a participação dos estudantes era mais ativa e frequente. Em todo o caso, foi evidente que as ações dos professores, quer nas aulas teóricas, quer nas aulas práticas e nos ensinamentos clínicos se mostraram determinantes no sentido de levarem os estudantes a participarem mais ativamente e frequentemente nas aulas.

A Dificil Articulação Da Organização E Desenvolvimento Do Ensino

Uma dificuldade identificada pela maioria dos professores e que os estudantes corroboraram, está relacionada com a articulação entre os docentes em geral e, particularmente, entre os que lecionam uma mesma unidade curricular. O essencial da dificuldade reside no facto de os professores, para uma dada unidade curricular, não conseguirem articular facilmente as metodologias e as tarefas utilizadas assim como dinâmicas e formas de trabalho. Apesar dos professores terem vindo a desenvolver esforços para que o problema seja solucionado, a verdade é que os resultados desses esforços não têm sido visíveis para os estudantes.

A principal consequência desta dificuldade consubstancia-se no facto de estudantes de diferentes turmas da mesma unidade curricular poderem ser confrontados com abordagens e/ou informações que podem não ser propriamente consistentes. Por isso, a maioria dos estudantes referiu este

problema que, aliás, foi reconhecido por alguns dos professores participantes. Além disso, foi sinalizado um outro problema, recorrente em muitas instituições do ensino superior, que tem a ver com as chamadas “repetições de matéria” que ocorrem de uma dada unidade curricular para outra, invariavelmente de semestres curriculares diferentes.

Este tipo de dificuldades decorre da ausência de hábitos de trabalho cooperativo e colaborativo entre os professores em geral e, muito especialmente, entre os professores do ensino superior. Mas também está relacionado com a eficiência e eficácia das instâncias de coordenação científica e pedagógica.

Em todo o caso, ainda que o problema tenha sido claramente sinalizado e mereça, naturalmente, que se desenvolvam as necessárias ações para o debelar, não parece, de modo algum, ter dimensões alarmantes.

O Problema Da Avaliação: Do Discurso À Realidade Das Práticas

De modo geral, as práticas de avaliação observadas são consistentes com a abordagem de ensino que mais prevalece na escola e, sobretudo, com a concepção dominante de que a teoria e os conceitos estruturantes se aprendem em aulas teóricas. Sendo o ensino nestas aulas de natureza eminentemente magistral, constando da exposição de conceitos e teorias apoiadas em transparências, é natural e lógico que o essencial da avaliação se reduza a uma ou mais provas (e.g. frequências, exames) através das quais se apura se os estudantes, supostamente, aprenderam os referidos conceitos e teorias. Nestas condições, a questão de fundo que se pode querer analisar é se este paradigma é o que melhor poderá servir a qualidade das aprendizagens dos estudantes. E isto, como mais atrás se referiu é uma questão adjacente à questão da organização e concepção curricular que se pode, ou não, querer desenvolver.

No estrito domínio do conhecimento da avaliação e, em especial, da avaliação das (ou para as) aprendizagens, o que foi possível apurar através deste estudo é consistente com o que é possível constatar na literatura da especialidade: há questões de natureza conceptual que parecem não estar resolvidas e que geram dificuldades ao nível da organização e desenvolvimento das práticas de ensino e de avaliação. São comuns ideias tais como: a) só é possível desenvolver uma avaliação de natureza formativa com um reduzido número de estudantes; b)

avaliar é, no fundo, classificar; c) a avaliação formativa é pouco rigorosa e a avaliação sumativa é rigorosa; e d) o único propósito da avaliação sumativa é o de classificar e certificar os estudantes. Estas e outras ideias igualmente errôneas, são comuns na literatura e também se constataram no desenvolvimento deste estudo de avaliação. A verdade é que dificultam o desenvolvimento de um sistema de avaliação que articule inteligentemente a avaliação que, por natureza, está ao serviço da melhoria das aprendizagens com a avaliação destinada a classificar e certificar as aprendizagens realizadas pelos estudantes.

Nestas condições, a escola poderá querer considerar a possibilidade de, no âmbito do desenvolvimento profissional e pedagógico dos seus docentes, procurar resolver o problema detetado nomeadamente no que se refere aos propósitos e funções da avaliação, às suas modalidades e às respetivas naturezas.

Apesar de ter sido reconhecido pela maioria dos participantes que as práticas de avaliação formativa estão fortemente associadas a melhores aprendizagens dos estudantes, a verdade é que, simultaneamente, se desenvolve um argumentário para justificar a impossibilidade de a pôr em prática. O principal argumento, muito comum na literatura, tem a ver com o elevado número de estudantes por turma. Outro refere-se à dificuldade de reunir consenso entre os professores de uma dada unidade curricular, que podem ser muitos, no que diz respeito a metodologias, instrumentos e critérios de avaliação a utilizar. Estes e outros argumentos que foi possível reunir, reforçam a ideia acima expressa de que há problemas conceptuais que não estarão bem resolvidos.

Na maioria das aulas observadas, com predominância para as de natureza teórica, não foi possível observar práticas formais ou informais de avaliação destinadas a orientar e/ou a apoiar o desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes. Nas entrevistas, grande parte dos professores reconheceu que, por norma, o principal meio de recolha de informação utilizado era a frequência (ou o exame final) e, em alguns casos, alguns trabalhos de grupo. Além disso, foi referido que não é prática comum os estudantes terem *feedback* do trabalho desenvolvido em tempo útil. Ou seja, os resultados obtidos nos momentos de avaliação não são alvo de discussão entre professores e estudantes, não estando

previstas tarefas que prevejam a possibilidade de qualquer reformulação; na maioria dos casos, o *feedback* distribuído é de natureza quantitativa e ocorre no final da unidade curricular. Portanto, no essencial, estamos perante uma prática de avaliação cujo único propósito é o de classificar e certificar os estudantes.

Pelo que foi possível apurar, em geral, no contexto dos ensinos clínicos, as práticas de avaliação apoiam os estudantes no desenvolvimento das suas aprendizagens e ajudam-nos a agir no sentido de as regularem e autorregularem. De facto, os estudantes desenvolvem várias tarefas cujos resultados são discutidos com os professores e/ou outros intervenientes em tempo útil e, por isso, têm oportunidade para reformular e melhorar o seu desempenho. Os professores utilizam a avaliação para orientar o percurso de cada um dos seus estudantes, fornecendo-lhes indicações específicas sobre os aspetos que cada um deve melhorar. Os estudantes têm ainda oportunidades várias para refletir acerca dos seus progressos e das suas dificuldades.

Ainda no contexto específico dos ensinos clínicos, a avaliação orientada para a atribuição de classificações ocorre em dois momentos: um sensivelmente a meio do percurso formativo e outro no final desse percurso. Na opinião de um número de participantes, estudantes e professores, o instrumento que é utilizado para ponderar e atribuir as classificações finais, uma grelha de avaliação, nem sempre consegue traduzir o real percurso do estudante, originando uma diversidade de interpretações por parte dos vários intervenientes no processo. Esta situação, que está relacionada com a consistência ou fiabilidade dos resultados produzidos através da utilização daquele instrumento, pode estar relacionada com uma falta de especificação dos critérios utilizados. Nesse sentido, importa ponderar a possibilidade de produzir essa especificação de modo a facilitar a atribuição de classificações mais consistentes entre os diferentes intervenientes, introduzindo mais justiça no processo.

Através deste estudo de avaliação foi possível apurar que existem dificuldades em articular o ensino, as aprendizagens e a avaliação. Na verdade, este último processo aparece quase sempre desligado dos outros dois, como se pouco ou nada tivesse a ver com o seu desenvolvimento. Mas é óbvio que a questão substantiva tem a ver com os modos como se entendem o desenvolvimento curricular e o processo de formação dos estudantes. A organização e o

planeamento da formação deveria ter sempre presente uma diversidade de tarefas, através das quais se integrariam os processos de ensino, de aprendizagem e avaliação. Remeter a avaliação para o final de um percurso formativo é de algum modo redutor pois a aprendizagem desenvolve-se ao longo de um determinado percurso e é nesse mesmo percurso que se torna mais relevante avaliar. Só assim os estudantes podem ser orientados e apoiados nas aprendizagens que são supostos desenvolver.

Aprender Na Escola: Entre A Teoria E A Prática

De modo geral e de acordo com o que foi possível apurar ao longo do estudo, os estudantes fazem os seus percursos de formação sem problemas assinaláveis. Os índices de sucesso são muito significativos e isso não pode ser desligado da qualidade da formação que lhes é proporcionada e do esforço que os próprios estudantes desenvolvem. As dinâmicas utilizadas nas salas de aula e a qualidade dos professores são, de acordo com a grande maioria dos participantes, os fatores que mais influenciam positivamente o desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes. Obviamente que os processos de aprendizagem estão necessariamente associados a muitos outros aspetos tais como o projeto da escola, as condições e recursos que disponibiliza, o clima e cultura que se desenvolvem, a investigação que se realiza e as abordagens pedagógico-didáticas mobilizadas.

Verificou-se ainda que, no geral, estudantes e professores reconhecem que as aprendizagens estão associadas ao estudo para as frequências ou exames finais. A maioria dos participantes considerou que os estudantes aprendiam porque tinham mesmo que estudar para esses momentos de avaliação, embora também reconhecessem que estudar apenas para esses momentos não é suficiente para que se alcancem os objetivos previstos para a formação de um profissional de enfermagem. Mas a verdade é que as frequências e os exames constituem importantes referências quando se trata de inquirir quando, como e o que os estudantes aprendem ao longo da sua formação. Ou seja, o que é mensurável e, sobretudo, o que é considerado “teórico e conceptual” parece ser o que surge mais associado à aprendizagem. O estatuto dos exames e das frequências, na

história dos sistemas educativos, têm legitimado formas de ensinar em que os estudantes são agentes meramente passivos e os professores aqueles que transmitem o conhecimento que, normalmente, surge como algo definitivo e acabado. Outras formas de recolher informação acerca do que os estudantes sabem e são capazes de fazer, tais como a produção de textos, a análise de casos e as apresentações orais, não são geralmente tão valorizadas e, curiosamente, são aquelas em que os estudantes podem ter um papel mais ativo e onde pode existir maior interação. Além disso, são as que, de algum modo, surgem mais diretamente associadas à prática.

A teoria e a prática são apresentadas de forma dicotómica e isso talvez seja uma fonte de problemas e de mal entendidos. É óbvio que a teoria é fundamental para a formação de um profissional de enfermagem mas é necessário compreender as suas relações com as práticas que se desenvolvem que, por seu lado, são, elas mesmas, produtoras de teoria...

Será eventualmente redutor pensar-se que a prática se reduz à linear e direta aplicação da teoria. Na verdade, muitos autores na área das ciências sociais e humanas rejeitam a dicotomia entre a prática e a teoria, uma vez que ambas estão presentes sempre que as pessoas se envolvem numa dada prática; de facto, a prática exige sempre a pessoa toda, a que age e a que sabe. Todos os seres humanos possuem teorias que os ajudam a compreender o mundo que os rodeia e tais teorias são desenvolvidas, negociadas e partilhadas através das interações que se estabelecem nas comunidades de prática. A teoria e a prática surgem assim fortemente relacionadas. Mesmo nos casos em que a produção teórica é um fim em si mesmo, ocorre sempre em contextos de práticas específicas. Ou seja, a produção de teoria é também prática. Nestas condições, a teoria e a prática distinguem-se através das tarefas que é necessário empreender no âmbito de cada uma e não através das qualidades da experiência e do conhecimento humano. Verifica-se assim que as relações entre a teoria e a prática são complexas e, por natureza, interativas. A teoria poderá não ser ideal mas estará muito longe de ser inútil e a prática não pode ser encarada como não reflexiva, como uma versão incompleta da teoria ou como a sua mera concretização. A prática não pode, assim, ser considerada uma "coisa" de segunda grandeza como oposição à teoria, essa sim, uma "coisa" de primeira grandeza.

A equipa de avaliação, como já foi referido, pôde inferir que algumas das dificuldades identificadas nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação podem decorrer de um certo entendimento acerca das relações entre a teoria e da prática. Na verdade, qualquer que seja o entendimento que se tiver a este respeito ele não deixará de ter inúmeras repercussões ao nível do currículo e das formas como se poderá desenvolver. E, por isso, tem óbvias relações com a qualidade da formação que é proporcionada aos estudantes.

Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação

O clima que, em geral, se vive na escola foi considerado bastante bom ou mesmo excelente pela maioria dos intervenientes. Os estudantes gostam muito de estudar nesta instituição e reconhecem que têm ótimas condições objetivas e subjetivas para desenvolverem as suas aprendizagens. Sublinham, por exemplo, as relações que mantêm com os professores que caracterizam como sendo de grande cordialidade, proximidade e até de uma certa cumplicidade. Por seu lado, os professores, ainda que muito sobrecarregados com todo o tipo de solicitações, também gostam de trabalhar nesta escola, reconhecendo as suas boas condições e as oportunidades que têm sido criadas para o seu desenvolvimento profissional e académico.

Apesar dos professores e estudantes participantes no estudo nunca se terem inibido de fazer referência ao que consideravam não estar bem, a verdade é que também reconheceram que a escola tinha um ambiente que contribuía muito positivamente para que o ensino e a aprendizagem decorressem com a qualidade que tem sido reconhecida.

A equipa de avaliação julga poder inferir que o ambiente existente nesta instituição, ainda que não isento de tensões e de perspetivas diversas quanto ao seu desenvolvimento a todos os níveis, é francamente favorável à possibilidade de se introduzirem mudanças e inovações. De facto, o ambiente existente tem feito desta instituição uma escola de causas e, acrescentando, com causas. E esse é um bem inestimável em qualquer instituição que se dedica à formação e à produção e difusão de conhecimento.

3

Conclusões e Reflexões

Neste capítulo, que está organizado em quatro secções, apresenta-se e discute-se um conjunto de conclusões e de reflexões suscitado pela análise e pela interpretação dos dados que foi possível obter no desenvolvimento deste estudo de avaliação. Ainda que a organização do capítulo tivesse tido em conta a Matriz de Avaliação e os seus conteúdos, foi decidido produzir conclusões e reflexões apenas sobre o que pareceu ser mais relevante em relação a cada um dos objetos considerados (Ensino, Aprendizagem, Avaliação e Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação). Desta forma, não se “percorreram” todas as dimensões de cada objeto, evitando-se repetições e redundâncias, uma vez que, no Capítulo 4, há material suficiente para caracterizar cada dimensão considerada.

Antes de mais, importa realçar a receptividade que a equipa de avaliadores encontrou na ESEnfC durante todo o desenvolvimento deste estudo. Em relação aos estudantes notou-se alguma relutância em participar espontaneamente nas entrevistas, mas todos os que participaram fizeram-no com uma atitude bastante positiva, mostrando bastante disponibilidade em refletir sobre todas as questões realizadas. Assim, é possível afirmar que todos os intervenientes neste estudo demonstraram bastante interesse e motivação em participar, sugerindo a existência, efetivamente, de uma vontade de melhoria.

Um facto que, de certa forma, surpreendeu a equipa de avaliação foi o elevado número de estudantes que responderam ao inquérito por questionário. Por tudo aquilo que tinha sido transmitido nas entrevistas, existia a perceção de que os estudantes não iriam demonstrar muito interesse nesse instrumento de recolha de dados, pelo que foi com bastante agrado que se verificou uma adesão bastante elevada por parte deste grupo alvo.

Salientam-se as características das unidades curriculares e dos ensinamentos clínicos, realidades de formação bem distintas mas complementares. É interessante referir que os participantes no estudo identificaram os ensinamentos clínicos como sendo a componente de formação mais problemática. O que este estudo acabou por nos evidenciar é que as dificuldades mais complexas talvez residam no contexto das unidades curriculares. Na verdade, enquanto os ensinamentos clínicos apresentam problemas mais relacionados com a sua organização, gestão e articulação, que após alguma reflexão e trabalho poderão ser alterados e melhorados, os problemas associados às unidades curriculares estão ao nível dos sistemas de conceções dos vários intervenientes. Consequentemente, a eventual introdução de modificações nesta componente de formação poderão ser bem mais complexas pois implicam alterações mais ou menos profundas nas conceções e nas práticas de uma parte dos intervenientes.

Parece razoável afirmar-se que, apesar de todas as críticas em relação aos ensinamentos clínicos, é nesta componente de formação que os processos de ensino, aprendizagem e avaliação surgem mais articulados.

Ensino

Através dos dados recolhidos é possível perceber que professores e estudantes têm perceções diferentes acerca do ensino que é praticado na ESEnfC. Os estudantes são mais críticos relativamente às práticas de ensino do que os professores. Isto talvez aconteça pelo facto de os estudantes, na sua maioria, não se sentirem participantes ativos no processo de ensino.

Foi possível perceber que os professores preparam e organizam o ensino previamente, sendo que este planeamento está sempre sujeito a alterações decorrentes do próprio desenvolvimento das aulas. Os professores admitem que é importante organizar e preparar as aulas e ensinamentos clínicos, mas que é sempre necessário fazer ajustes e adaptações. É interessante notar que alguns professores têm consciência de que, para os estudantes, este contacto com a prática, quer seja através de relatos de experiências, quer seja através de análise de casos, é muito importante e talvez por isso, o utilizem no seu ensino. Ambos os grupos afirmam que, nas aulas de cariz mais prático, são criadas mais oportunidades de aproximação à realidade da profissão de enfermeiro.

Nas entrevistas efetuadas aos estudantes, foi sistematicamente referido que não conheciam os programas de algumas unidades curriculares e dos ensinamentos clínicos pois os professores não os colocavam na pasta académica. Porém, nos questionários, as opiniões dos estudantes vão em sentido contrário, afirmando que sempre tiveram acesso aos referidos programas. Esta discrepância entre as respostas dos estudantes dadas em entrevista e no questionário verificou-se em mais alguns itens do questionário (e.g. os estudantes estarem frequentemente envolvidos em situações de auto e heteroavaliação; a avaliação, em geral, é de natureza contínua).

Foi possível verificar que existe uma real dificuldade em articular os vários conteúdos abordados nas unidades curriculares, dando origem a repetições desnecessárias dos assuntos e ao desagrado dos estudantes. O facto de uma unidade curricular poder ser lecionada por vários professores, tem dado igualmente origem a discrepâncias nos métodos e abordagens utilizados. Cada professor tem o seu próprio método de trabalho e, logo, cada turma passa por diferentes processos de ensino. É difícil para os professores conseguirem

organizar-se, não só na sua unidade curricular mas com todas as outras, no entanto a maioria dos professores reconhece esse problema e existem tentativas no sentido de alterar esta realidade e melhorá-la.

As dinâmicas usadas diferiam também muito em função da tipologia de aula. Nas aulas teóricas predominava, essencialmente, o método expositivo o que não agrada particularmente à maioria dos estudantes. No entanto, a maioria dos professores participantes afirma recorrer bastante ao questionamento como forma de dinamizar as aulas mais teóricas e envolver mais os estudantes nos conteúdos abordados. Ainda assim, os estudantes preferem as aulas em que são desenvolvidos trabalhos, quer em pequenos grupos, quer individualmente, nos quais possam participar ativamente, sentindo-se, desta forma, mais envolvidos nas aulas. Para os estudantes, um bom exemplo dos trabalhos de grupo é a análise de casos que possibilita, para além da partilha de conhecimentos e experiências vividas pelos próprios, uma reflexão sobre os conteúdos abordados e a forma como estes poderão ser aplicados na prática. Este tipo de tarefas permite uma aproximação às questões que se vivem na profissão. Já os professores confessam que sentem que as aulas práticas (e.g. aulas teórico-práticas, aulas práticas-laboratoriais) facilitam mais as aprendizagens dos estudantes, precisamente pelas dinâmicas que promovem. Nos ensinos clínicos também as dinâmicas de trabalho desenvolvidas em cada serviço (ou instituição) são particularmente importantes para o ensino. Um serviço que possibilite aos estudantes a realização de um maior e mais diversificado número de procedimentos e que promova, igualmente, momentos de reflexão é entendido como ideal para o ensino.

Também os papéis dos professores e estudantes são diferentes consoante a tipologia de aula, sendo que nas aulas mais práticas ou ensinos clínicos os estudantes assumem um papel mais ativo, desenvolvendo eles próprios as atividades propostas. Nestes casos, os professores adquirem um papel mais próximo da orientação e supervisão. Com Bolonha esperava-se uma mudança significativa nas práticas desenvolvidas em aula, esperava-se um maior envolvimento do estudante no seu próprio ensino aumentando o número de horas de trabalho autónomo em que o professor partilharia certas responsabilidades com o seu papel a ser mais orientador e consultor. A verdade é que, ainda assim, nas unidades curriculares, os professores participantes neste

estudo assumem o papel central em todo o processo, existindo ainda a figura magistral e tradicional do professor. Este aspeto foi constatado nas observações e foi confirmado pelos estudantes. Os próprios professores reconheceram ter alguma dificuldade em conseguir alterar esta forma de ensino. Já nos ensinamentos clínicos passa-se precisamente o oposto, o professor é entendido por todos como alguém que orienta e acompanha os estudantes de acordo com as necessidades demonstradas. Muitos professores nos ensinamentos clínicos identificam-se como facilitadores das aprendizagens, proporcionando as oportunidades certas para os estudantes se desenvolverem e adquirirem os conhecimentos e competências necessárias.

O ensino, em relação às unidades curriculares, ainda é visto pelos participantes no estudo como “tradicional”, em que o professor assume o papel central e fulcral. Contudo existe a consciência de que essa realidade tem de mudar e notou-se um esforço, por parte de vários professores, nesse sentido. Esse esforço é reconhecido pelos estudantes. Nos ensinamentos clínicos a realidade é diferente, o ensino é entendido como algo construído em conjunto, que se desenvolve com o estudante.

Aprendizagem

Para a maioria dos participantes no estudo, professores e estudantes, os melhores contributos para aprender são a qualidade do ensino e as dinâmicas das aulas. No entanto, grande parte dos sujeitos considera que a melhoria das aprendizagens nunca se deve a apenas um fator. Vários aspetos são importantes e contribuem para melhorar as aprendizagens (e.g. dinâmicas das aulas, qualidade do professor, conteúdos abordados, motivação e participação dos estudantes) mas não devem ser vistos isoladamente como os melhores contributos. Nos ensinamentos clínicos também foram vários os fatores identificados como excelentes contributos para melhorar as aprendizagens (e.g. perceções que os estudantes tinham sobre o ensino clínico, o local de ensino clínico, os tutores, a equipa de enfermagem).

De modo geral, os estudantes, como foi possível constatar através das observações e das entrevistas realizadas, não participam espontaneamente nas aulas das unidades curriculares. Na maioria dos casos, apenas respondem às

questões colocadas pelos professores e demonstram alguma relutância em questionar e colocar dúvidas. Muitos estudantes atribuem a sua fraca participação ao medo de errarem e serem criticados por professores e colegas. Já os professores consideram que quando estão a tratar de um tema com que todos se identificam, existe mais participação e envolvimento dos estudantes. Nas aulas mais práticas e nos ensinamentos clínicos, o nível da participação é mais elevado pois os estudantes sentem-se mais à vontade com os professores e com o restante grupo e existe uma relação, entre todos, mais próxima e cúmplice, o que promove a intervenção mais ativa dos estudantes.

Para alguns professores a participação dos estudantes é um fator muito importante no desenvolvimento das aprendizagens. Consideram que os estudantes mais participativos aprendem mais do que os que têm uma atitude mais passiva nas aulas. Talvez por existir esta consciência da parte dos professores é que o questionamento é utilizado nas aulas, por vezes dirigido diretamente a determinados estudantes que não apreciam particularmente esta prática.

Avaliação

A avaliação, na perspetiva dos participantes em estudo, é uma preocupação constante e tem vindo a ser alvo de inúmeras reflexões e tentativas de mudança. Nas unidades curriculares, a avaliação é eminentemente sumativa e ocorre sobretudo num momento final, se bem que já existem algumas exceções, em que existem mais momentos sumativos ao longo do semestre. Nestes casos, a avaliação serve apenas para classificar e o *feedback* distribuído é pouco frequente. Apesar das unidades curriculares que têm aulas de cariz mais prático já conseguirem entender a avaliação como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, a verdade é que não reflete o real desempenho dos estudantes. Na maioria das situações, os estudantes são sujeitos a uma prova final e é este instrumento que traduz a classificação dos estudantes. Em grande parte, os trabalhos e o desempenho dos estudantes ao longo da unidade curricular não são tidos em consideração. Este aspeto é encarado com algum desconforto, por parte dos professores e com desagrado por parte dos estudantes, no entanto, reconhecem que alterar a forma de avaliar seria muito

difícil devido ao elevado número de estudantes. Foi possível verificar que os estudantes não participam na sua avaliação e assumem um papel bastante passivo neste processo pedagógico.

Nos ensinamentos clínicos, existe uma outra realidade. A avaliação é eminentemente formativa com alguns momentos de natureza sumativa (e.g. no final do ensino clínico). Todos concordam que a avaliação nesta componente de formação serve para melhorar e tem, efetivamente, utilidade para os estudantes. A avaliação está presente ao longo de todo o ensino clínico e os estudantes conhecem bem o ponto em que se encontram na aprendizagem e o que necessitam de fazer para atingir os objetivos propostos. Existe, frequentemente, um *feedback* imediato ou quase imediato, o que permite aos estudantes ajustarem as suas práticas em tempo útil. O que é pedido ao estudante está de acordo com as suas competências, isto é, o professor ajusta e adapta o ensino consoante as dificuldades demonstradas pelos estudantes, existindo um ensino e avaliação individualizados. Este é um processo bastante trabalhoso e que exige dos professores um cuidado redobrado mas que permite aos estudantes participarem realmente no seu processo de aprendizagem. O aspeto mais criticado por todos e que realmente parece necessitar de alguma alteração e/ou intervenção urgente, é o instrumento utilizado para atribuir as classificações finais. Enquanto que todo o processo de ensino, aprendizagem e avaliação parece estar devidamente integrado e articulado, a utilização daquele instrumento tem levantado inúmeras dificuldades, condicionando de certa forma a avaliação (e.g. itens de avaliação sujeitos a várias interpretações).

Ainda em relação à avaliação, pode afirmar-se que, no âmbito das unidades curriculares, parece ser necessária mais transparência, rigor e consistência em todo o processo.

Ambientes de Ensino, Aprendizagem e Avaliação

As relações entre os vários intervenientes nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação são caracterizadas como agradáveis, de proximidade e até de alguma cumplicidade. Para os estudantes as boas relações que se estabelecem entre todos (professores, professores orientadores e enfermeiros

tutores) são muito importantes pois permitem-lhes estar mais à vontade em todo o processo. Os professores também acreditam que as boas relações existentes são fatores importantes para os estudantes tanto nas unidades curriculares, como nos ensinamentos clínicos.

A maioria dos intervenientes concordou que os professores mostravam disponibilidade para que os estudantes a eles recorressem para além das aulas. Contudo os estudantes, no geral, reconhecem que apenas o fazem com os professores com os quais mantêm uma boa relação. O ambiente em sala de aula é caracterizado pelo respeito mútuo, aspeto muito importante para os professores mas também pelos estudantes que reconheceram nas entrevistas a importância de respeitarem os professores. Nas aulas teóricas ou nas orientações tutoriais, devido ao elevado número de estudantes, o ambiente por vezes era um pouco tenso, pois os professores viam-se obrigados a impor silêncio tendo em conta o comportamento dos estudantes. Já nos ensinamentos clínicos, talvez por acontecer em serviços hospitalares, adotam uma postura mais profissional tanto no próprio ensino clínico, como foi referido por professores e estudantes, como nas sessões observadas.

Os ensinamentos clínicos são realidades muito complexas e com características bastante distintas entre si, pelo que cada um é uma experiência única vivida por cada estudante de forma diferente. No entanto, todos os intervenientes neste estudo referiram a relevância incontornável dos ensinamentos clínicos na formação dos estudantes e praticamente todos consideram que não se deve reduzir esta componente de formação. Os estudantes chegam mesmo a sugerir a existência de um ensino clínico com características próprias no 1.º ano.